

COLEÇÃO APLAUSO **TEATRO BRASIL**

EDIÇÃO ESPECIAL

trilogia
ÓPERA **JOYCE**
GERTRUDE **STEIN**,
ALICE TOKLAS &
PABLO **PICASSO**
PÓLVORA & POESIA
textos completos comentados

imprensa oficial

O TEATRO DE ALCIDES NOGUEIRA

Trilogia do Discurso Moderno

ÓPERAJOYCE

GERTRUDE STEIN, ALICE TOKLAS & PABLO PICASSO

PÓLVORA E POESIA



GOVERNO DO ESTADO DE
SÃO PAULO
RESPEITO POR VOCÊ

Governador
Secretário Chefe da Casa Civil

Geraldo Alckmin
Arnaldo Madeira

imprensaoficial

Diretor-presidente
Diretor Vice-presidente
Diretor Industrial
Diretora Financeira e
Administrativa
Chefe de Gabinete
Núcleo de Projetos
Institucionais

Imprensa Oficial do Estado de São Paulo

Hubert Alquéres
Luiz Carlos Frigerio
Teiji Tomioka
Nodette Mameri Peano
Emerson Bento Pereira
Vera Lucia Wey



Fundação Padre Anchieta

Presidente
Projetos Especiais
Diretor de Programação

Marcos Mendonça
Adélia Lombardi
Rita Okamura

Coordenador Geral
Coordenador Operacional
e Pesquisa Iconográfica
Projeto Gráfico
e Editoração
Assistente Operacional

Coleção Aplauso Teatro Brasil

Rubens Ewald Filho
Marcelo Pestana
Carlos Cirne
Andressa Veronesi

Trilogia do Discurso Moderno

ÓPERAJOYCE

GERTRUDE STEIN, ALICE TOKLAS & PABLO PICASSO

PÓLVORA E POESIA



São Paulo - 2005

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação elaborado
pela Biblioteca da Imprensa Oficial do Estado de São Paulo

Nogueira, Alcides.

Trilogia do discurso moderno / por Alcides Nogueira. – São Paulo : Imprensa Oficial do Estado de São Paulo : Cultura – Fundação Padre Anchieta, 2005. 256p. : il. – (Coleção aplauso. Série teatro Brasil / coordenador geral Rubens Ewald Filho).

Conteúdo: Ópera Joyce / apresentação Tuna Dwek – Gertrude Stein, Alice Toklas & Pablo Picasso / apresentação Aimar Labaki – Pólvora e poesia / apresentação Cláudio Fontana

ISBN 85-7060-233-2 (Obra completa) (Imprensa Oficial)

ISBN 85-7060-360-6 (Imprensa Oficial)

1. Nogueira, Alcides – Crítica e interpretação 2. Teatro brasileiro 3. Teatro brasileiro – História e crítica I. Dwek, Tuna. II. Labaki, Aimar. III. Fontana, Cláudio. IV. Ewald Filho, Rubens. V. Título. VI. Título: ÓperaJoyce. VII. Título: Gertrude, Alice Toklas & Pablo Picasso. VIII. Título: Pólvora e poesia. IX. Série.

05-2997

CDD – 869.92

Índices para catálogo sistemático:

1. Peças teatrais : Literatura brasileira 869.92

Foi feito o depósito legal na Biblioteca Nacional (Lei nº 1.825, de 20/12/1907).
Direitos reservados e protegidos pela lei 6910/98

Imprensa Oficial do Estado de São Paulo

Rua da Mooca, 1921 - Mooca
03103-902 - São Paulo - SP - Brasil
Tel.: (0xx11) 6099-9800
Fax: (0xx11) 6099-9674
www.imprensaoficial.com.br
e-mail: livros@imprensaoficial.com.br
SAC 0800-123401

Apresentação

“O que lembro, tenho.”

Guimarães Rosa

A Coleção Aplauso, concebida pela Imprensa Oficial, tem como atributo principal reabilitar e resgatar a memória da cultura nacional, biografando atores, atrizes e diretores que compõem a cena brasileira nas áreas do cinema, do teatro e da televisão.

Essa importante historiografia cênica e audiovisual brasileiras vem sendo reconstituída de maneira singular. O coordenador de nossa coleção, o crítico Rubens Ewald Filho, selecionou, criteriosamente, um conjunto de jornalistas especializados para realizar esse trabalho de aproximação junto a nossos biografados. Em entrevistas e encontros sucessivos foi-se estreitando o contato com todos. Preciosos arquivos de documentos e imagens foram abertos e, na maioria dos casos, deu-se a conhecer o universo que compõem seus cotidianos.

A decisão em trazer o relato de cada um para a primeira pessoa permitiu manter o aspecto de tradição oral dos fatos, fazendo com que a memória e toda a sua conotação idiossincrásica aflorasse de maneira coloquial, como se o biografado estivesse falando diretamente ao leitor.

6

Gostaria de ressaltar, no entanto, um fator importante na Coleção, pois os resultados obtidos ultrapassam simples registros biográficos, revelando ao leitor facetas que caracterizam também o artista e seu ofício. Tantas vezes o biógrafo e o biografado foram tomados desse envolvimento, cúmplices dessa simbiose, que essas condições dotaram os livros de novos instrumentos. Assim, ambos se colocaram em sendas onde a reflexão se estendeu sobre a formação intelectual e ideológica do artista e, supostamente, continuada naquilo que caracterizava o meio, o ambiente e a história brasileira naquele contexto e momento. Muitos discutiram o importante papel que tiveram os livros e a leitura em sua vida. Deixaram transparecer a firmeza do pensamento

crítico, denunciaram preconceitos seculares que atrasaram e continuam atrasando o nosso país, mostraram o que representou a formação de cada biografado e sua atuação em ofícios de linguagens diferenciadas como o teatro, o cinema e a televisão – e o que cada um desses veículos lhes exigiu ou lhes deu. Foram analisadas as distintas linguagens desses ofícios.

Cada obra extrapola, portanto, os simples relatos biográficos, explorando o universo íntimo e psicológico do artista, revelando sua autodeterminação e quase nunca a casualidade em ter se tornado artista, seus princípios, a formação de sua personalidade, a persona e a complexidade de seus personagens.

São livros que irão atrair o grande público, mas que – certamente – interessarão igualmente aos nossos estudantes, pois na Coleção Aplauso foi discutido o intrincado processo de criação que envolve as linguagens do teatro e do cinema. Foram desenvolvidos temas como a construção dos personagens interpretados, bem como a

análise, a história, a importância e a atualidade de alguns dos personagens vividos pelos biografados. Foram examinados o relacionamento dos artistas com seus pares e diretores, os processos e as possibilidades de correção de erros no exercício do teatro e do cinema, a diferenciação fundamental desses dois veículos e a expressão de suas linguagens.

8 A amplitude desses recursos de recuperação da memória por meio dos títulos da Coleção Aplauso, aliada à possibilidade de discussão de instrumentos profissionais, fez com que a Imprensa Oficial passasse a distribuir em todas as bibliotecas importantes do País, bem como em bibliotecas especializadas, esses livros, de gratificante aceitação.

Gostaria de ressaltar seu adequado projeto gráfico, em formato de bolso, documentado com iconografia farta e registro cronológico completo para cada biografado, em cada setor de sua atuação.

A Coleção Aplauso, que tende a ultrapassar os cem títulos, se afirma progressivamente, e espera contemplar o público de língua portuguesa com o espectro mais completo possível dos artistas, atores e diretores, que escreveram a rica e diversificada história do cinema, do teatro e da televisão em nosso país, mesmo sujeitos a percalços de naturezas várias, mas com seus protagonistas sempre reagindo com criatividade, mesmo nos anos mais obscuros pelos quais passamos.

Além dos perfis biográficos, que são a marca da Coleção Aplauso, ela inclui ainda outras séries: Projetos Especiais, com formatos e características distintos, em que já foram publicadas excepcionais pesquisas iconográficas, que se originaram de teses universitárias ou de arquivos documentais pré-existentes que sugeriram sua edição em outro formato.

9

Temos a série constituída de roteiros cinematográficos, denominada Cinema Brasil, que publicou o roteiro histórico de O Caçador de Diamantes, de Vittorio Capellaro, de 1933, considerado o

primeiro roteiro completo escrito no Brasil com a intenção de ser efetivamente filmado. Paralelamente, roteiros mais recentes, como o clássico O Caso dos Irmãos Naves, de Luís Sérgio Person, Dois Córregos, de Carlos Reichenbach, Narradores de Javé, de Eliane Caffé, e Como Fazer um Filme de Amor, de José Roberto Torero, que deverão se tornar bibliografia básica obrigatória para as escolas de cinema, ao mesmo tempo em que documentam essa importante produção da cinematografia nacional.

- 10 Gostaria de destacar a obra Gloria in Excelsior, da série TV Brasil, sobre a ascensão, o apogeu e a queda da TV Excelsior, que inovou os procedimentos e formas de se fazer televisão no Brasil. Muitos leitores se surpreenderão ao descobrirem que vários diretores, autores e atores, que na década de 70 promoveram o crescimento da TV Globo, foram forjados nos estúdios da TV Excelsior, que sucumbiu juntamente com o Grupo Simonsen, perseguido pelo regime militar.

Se algum fator de sucesso da Coleção Aplauso merece ser mais destacado do que outros, é o interesse do leitor brasileiro em conhecer o percurso cultural de seu país.

De nossa parte coube reunir um bom time de jornalistas, organizar com eficácia a pesquisa documental e iconográfica, contar com a boa vontade, o entusiasmo e a generosidade de nossos artistas, diretores e roteiristas. Depois, apenas, com igual entusiasmo, colocar à disposição todas essas informações, atraentes e acessíveis, em um projeto bem cuidado. Também a nós sensibilizaram as questões sobre nossa cultura que a Coleção Aplauso suscita e apresenta – os sortilégios que envolvem palco, cena, coxias, set de filmagens, cenários, câmeras – e, com referência a esses seres especiais que ali transitam e se transmutam, é deles que todo esse material de vida e reflexão poderá ser extraído e disseminado como interesse que magnetizará o leitor.

A Imprensa Oficial se sente orgulhosa de ter criado a Coleção Aplauso, pois tem consciência de que nossa história cultural não pode ser negligenciada, e é a partir dela que se forja e se constrói a identidade brasileira.

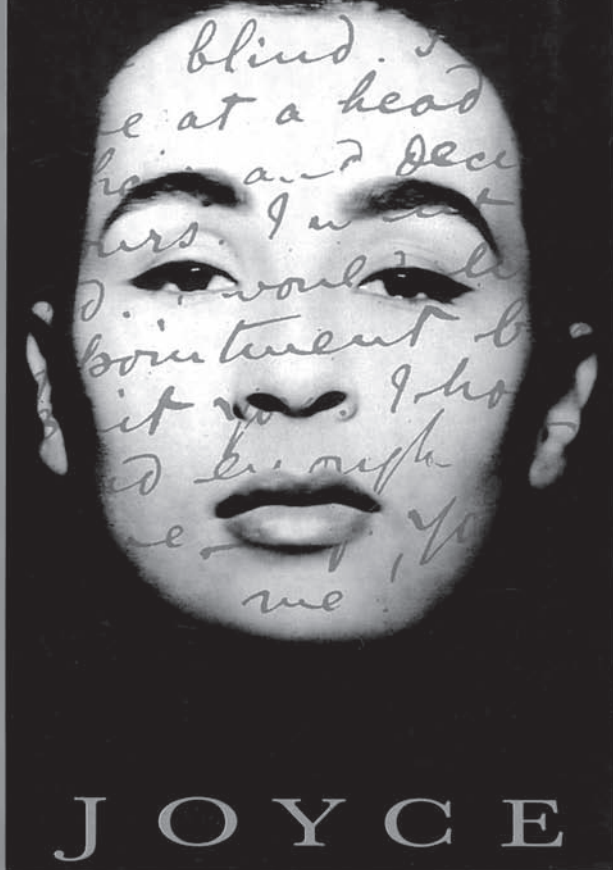
Hubert Alquéres
Diretor-presidente da
Imprensa Oficial do Estado de São Paulo

para José João Cury, com afeto e gratidão.
Alcides Nogueira

ÓPERAJoyCE

Para Vera Holtz, João Carlos Couto e Miguel
Magno, com todo o meu amor.

Ó P E R A



DE
ALCIDES NOGUEIRA

MÚSICA DE
HÉLIO ZISKIND e PAULO TATIT

COM
MIGUEL MAGNO • VERA HOLTZ • JOÃO CARLOS COUTO

CONCEPÇÃO E DIREÇÃO GERAL
MARCIO AURELIO

Introdução

Em amor não há pudor.

Freqüentemente falar de amor tem se confundido com falar da relação amorosa. Tão complexa quanto a questão existencial está a identificação do mais indefinível dos sentimentos. Dentro da linhagem dos arrebatamentos, alguns fizeram história por seu poder de transformação do ser humano.

Ópera Joyce, de 1989, é a primeira obra da trilogia de Alcides Nogueira que torna palpável o axioma de que em amor não há pudor, tabus passam ao largo, assim como preconceitos ou limites de toda sorte. Tal é o destino dos amantes, a inevitabilidade da entrega ao outro, o ar rarefeito. Fruto de um jorro emocional incontido do autor, o texto tomou vida de modo ininterrupto entre a madrugada e o amanhecer.

17

No universo de James Joyce, Nora Barnacle e Dedalus, retratado por Alcides Nogueira, o

corpo parece em demasia estreito para conter tanto sentimento. Os quadris ameaçam explodir, o plexo solar em irrefreável expansão reafirma a revolução física que se processa na vivência amorosa. O carnal se funde ao espiritual tornando valentes os indivíduos em busca da superação de si, que só o amor em sua plenitude é capaz de promover. Tudo é permitido até as raias da insuportabilidade da ausência do outro.

18

Se há algo que ele consegue descortinar de modo irreversível na Ópera Joyce é a inegável dimensão escatológica do amor, sem por isso cair na armadilha do vulgar. Não existe abstinência entre as personagens. Seu discurso dramatúrgico é por demais refinado, como não poderia deixar de ser, uma vez que se inspira nas cartas eróticas de James Joyce para sua Nora Barnacle, colocada sobre o pedestal da idolatria.

Desde o início do texto intui-se que os leitores que aos efeitos do amor já sucumbiram, haverão de se identificar, e aqueles que ainda pelo des-

tino não foram agraciados, haverão de desejar arder nessa febre implacável.

Alcides Nogueira escolheu o formato da pocket opera – ópera de bolso – para exacerbar os sentimentos. Tal uma obra lírica, levar a manifestação desses sentimentos à potencia máxima. Sem mascaramentos, o amor sem meio-termo, e na linguagem específica da obra que segue, sem concessões ao bem-estar auditivo do espectador. A linguagem crua, a língua de prontidão.

Ainda que a forma no gênero lírico possa ser barroca, gigantesca, existe a possibilidade de não ofuscar o que sentem as personagens. Assim, o desafio a que se impôs Alcides Nogueira para realização do que ele define como momento teatral na Ópera Joyce, era conseguir aliar a magnitude de uma ópera com o minimalismo da peça, em que pequenas e rápidas referências chamam outras referências, num encadeamento ininterrupto até atingir o clímax. A sofisticação do texto e ao mesmo tempo a dificuldade de sua encenação reside exatamente nisso.

A secura do texto à la João Cabral de Melo Neto não permite gorduras. Tem de ser e é econômico, conciso, matemático, literal, certo. Alcides lança mão da aliteração e cria um constante jogo de palavras como um jogo de dados no qual ele confessa sua adesão ao grande poeta francês do início do século XX, Stéphane Mallarmé, introdutor do modernismo na poesia francesa, e aos concretistas brasileiros Décio Pignatari, Haroldo de Campos, Augusto de Campos e Mário Chamie, profundamente influenciados pela escrita joyceana.

20

Assim como transgride o real, arranca Dedalus de seu hábitat como personagem do Ulisses de Joyce, para transformá-lo em amante de Nora Barnacle em Ópera Joyce, Alcides transforma a própria Nora Molly Bloom.

A erotização da obra de Joyce a partir do momento em que começa a criar as cartas para Nora foi o motor para que Alcides Nogueira iniciasse a construção de sua ópera. As cartas eróticas significam o contraponto avassalador à formação

jesuítica irlandesa do autor. Elas são verdadeiramente a manifestação do desencontro entre a vida e a obra de James Joyce.

Alcides Nogueira detecta que a partir do momento em que Joyce conhece Nora, camareira do hotel em que se hospedara, ele passa a viver sua fantasia sexual latente de modo pleno, rompendo assim com o peso de uma formação católica violenta e castradora.

Nogueira sente a necessidade de introduzir em seu texto Dedalus, a própria criação de Joyce como um alter ego na relação amorosa. Enquanto referência aos mitos gregos e tal, Ulisses, perfizesse a reconstrução de uma trajetória. Nora é a Penélope moderna que tece, desfaz sua tessitura, tece e desfaz, como que para negar e evitar, fosse isso possível, a finitude das relações e da própria vida.

Em sua Ópera Joyce, Alcides desvenda que a relação carnal é para Nora fonte de conhecimento, a ponto de se cansar do exercício do

intelecto a que se dedica Joyce. Os comentários sobre o Hamlet, de Shakespeare, as elocubrações intelectuais do marido, geram em Nora a ameaça de abandonar o lar. A vida é para ela mais simples. O que ela deseja ofertar a seu homem é a possibilidade do prazer, sonogada em sua obra.

22

Alcides sabe que Nora tem ciúme da intelectualização da relação feita por Joyce. Isso lhe é insuportável e por essa razão ela trai Joyce com sua própria criação, Dedalus. Não há nada mais humilhante do que ser traído pelo que se criou. Ela o trai com a criatura. O triângulo amoroso acaba se constituindo de modo que o criador perca o controle sobre a criatura, uma vez que a mulher que ele ama se encontra de certa maneira enfeitiçada.

É importante que a sexualidade de Joyce seja escancarada, e que só poderia se concretizar por meio de um formato operístico em que se extrapola a questão do chamado bom gosto.

Mais do que isso, trata-se de um vocabulário orgiástico. São três indivíduos, a linguagem da orgia, da entrega, da perda de si avança por terrenos em que se manifesta o próprio mito do eterno retorno. Como que um resgate do ato primordial. Do primeiro encontro sexual. Da primeira cópula. Ao final, quando transformadas em anjos as personagens cantam cabaré, Alcides relembra a estrutura musical da *capo al fine*. Por ser uma obra circular, a peça, tanto para leitura quanto para a encenação, pode ser retomada aleatoriamente a partir de qualquer cena. Por não ser linear.

23

Construída como um ritual, a peça remete ao espectro jesuítico de James Joyce adquirindo a forma de uma missa. Uma missa profana, uterina, em que Nora abre todas as comportas joyceanas para que escorra essa sexualidade. Nora simboliza a Ressurreição, a libertação da culpa. Ao capturar Dedalus de seu criador, ao se transformar em Molly Bloom, cantora de cabaré, Nora mostra ao marido uma doutrina libertária em que explode a exuberância do sexo.

A liberdade ficcional de Alcides Nogueira em momento algum se dissocia da vida de Joyce, de sua obra, de sua relação com Nora. O que deu ao espetáculo, quando montado, estofa para manter atento o espectador e para que se entendesse o que é o discurso moderno, foi justamente a falta de preocupação em ser didático. As três personagens em cena alçam vôo dentro de um clima de orgia em que o literário se mistura ao sexual. Assim como o uso da palavra-mala, como dizia Umberto Eco, Alcides propõe que se coloque dentro das palavras o significado que cada um desejar.

Tal o Homem Arcaico na obra do romeno Mircea Eliade, em que *in illo tempore*, no tempo em que não existia o tempo o Homem era feliz, Ópera Joyce resgata a não separação do Homem de seu eros. A dimensão do prazer no trabalho, na vida cotidiana, numa integração plena com a natureza e os seres. Joyce é na peça caixeiro-viajante, ele pode ir para onde desejar, depende de sua vontade.

Em todas as peças de Alcides Nogueira existe uma mala. Em Ópera Joyce há uma orgia de malas, todas em viagem perene. Seja por um sentimento de inadequação, seja para romper fronteiras, as personagens de Alcides Nogueira buscam sua essência, o significado da existência. Esse só pode ser quase que tocado em situação amorosa.

Num de seus últimos espetáculos, o encenador polonês Tadeusz Kantor representava um Ulisses que renunciava a seu aguardado regresso. Ao olhar o século XX e o que o homem havia feito de si, ele embrulha num pacote monumental o palco e seu cenário e se despede para nunca mais voltar. Ainda assim, carregava uma mala...

25

Intérpretes de Ópera Joyce em São Paulo, em 1989, João Carlos Couto (James Joyce), Vera Holtz (Nora) e Miguel Magno (Dedalus), atestam que jamais voltaram a ser os mesmos após a experiência tal a alegria, o prazer e a cumplicidade a que se devotaram durante os ensaios e as

apresentações. Tornaram-se amigos de todas as horas, descobriram uma dimensão do trabalho teatral em que a investigação de todos os túneis da alma humana só é possível, como dizia Henry James, na loucura da arte.

Tuna Dwek
março 2005

ÓPERAJOYCE

Alcides Nogueira

música de
Hélio Ziskind e Paulo Tatit

PERSONAGENS:

JAMES JOYCE, o escritor

NORA BARNACLE, a mulher de Joyce

STEPHEN DEDALUS, personagem de Ulysses,
alter ego de Joyce

27

A ação se passa em qualquer lugar e em qualquer tempo. O único objeto essencial é a pianola de Nora.



CENA 1 – PRELÚDIO

ENQUANTO O PRELÚDIO É EXECUTADO, JAMES ESTÁ SE BARBEANDO. NORA FAZ A MALA DE JAMES, COLOCANDO NELA VIDRINHOS, PANINHOS, LENCINHOS, CARALHINHOS... UM GRANDE LIVRO SOBRE O PIANO (O ULYSSES, DE JOYCE). EM OUTRO PONTO, DEDALUS TAMBÉM SE BARBEIA, COM UMA MALA TAMBÉM ABERTA, COM AS MESMAS COISAS QUE NORA COLOCA NA MALA DE JAMES. AO INVÉS DO LIVRO, PERTO DE DEDALUS, UMA GARRAFA DE WHISKY. JAMES E DEDALUS USAM ROUPÕES EXATAMENTE IGUAIS, E SEGURAM UMA VASILHA PEQUENA, ALÉM DO PINCEL DE BARBEAR E NAVALHA. NORA USA UMA ROUPA TOTALMENTE DISCRETA. O PRELÚDIO TERMINA E NORA, JAMES E DEDALUS ENTOAM:

29

OS TRÊS

Introibo ad altare Dei!

CENA 2 – CORO DA ABERTURA

JAMES E DEDALUS TIRAM SEUS ROUPÕES E VÃO SE PREPARANDO PARA A PARTIDA, AJEITANDO AS SUAS COISAS. NORA ENTREGA UMA MALA A CADA UM DELES. OS TRÊS ENTOAM, ANIMADOS:

OS TRÊS

Subam, subam, jesuítas execráveis.

NORA

O mundo ali, o mundo enfim.

OS TRÊS

Venham, venham, carmelitas miseráveis.

DEDALUS

Tá tudo assim, tá tudo tão xifrim!

NORA

James Joyce vai partir. É um caixeiro-viajante.

JAMES

Nora?

NORA

Sim, James.

JAMES

Nora?

NORA

Sim, James.

JAMES

É uma dama suspirante!

OS TRÊS

E ele? O outro? Quem será?

DEDALUS

Stephen Dedalus, pronto pra atacar.

NORA

James Joyce vai partir.

JAMES

Nora Joyce vai ficar.

OS TRÊS

Nora vai tocar.

NORA

James vai vender vidrinhos, paninhos, caralhinhos, tudo enfim!

JAMES

Nora ficará sentada. Ao piano, sempre sentada. Esperando, esperando entrar um dia no Coro do Tabernáculo de Deus!

DEDALUS

Uma vida que é uma merda!

NORA

Uma vida que é tão certa. Como a quinta linha da mão lida pela cigana em vão!

DEDALUS

Como o homem que espreita para invadir e deitar mão.

NORA

De quê? Do quê? Por quê?

NORA VAI ATÉ UM PONTO, COMO SE FOSSE UMA JANELA E OBSERVA. ENTRA UM TRECHO DE UMA ÁRIA DE LA WALLY, DE CATALANI. NORA OBSERVA ALGO EM SILÊNCIO. DEPOIS, VOLTA-SE E DIZ SOLENEMENTE PARA JAMES:

NORA

(FIRME) Neva!

CESSA A ÁRIA E NORA CONTINUA, NO RECITATIVO:

NORA

(RECITADO) Parta já, meu caro James. A cidade está cinzenta. Poluição por toda a parte. Jacarés saindo das águas, dos repuxos dos jardins.

E você aí! Paradoxo feito um lagarto. Não há sol que te esquente.

(OPERISTICAMENTE) Vá! Vá! Váááááááá'!!!!!!

JAMES

(RECITADO) Está me expulsando, minha querida? Nora Joyce, meu amor, por que me quer tão longe assim?

DEDALUS

(RECITADO FORTÍSSIMO) Ela me QUER!!!! Não sabe ainda, mas me quer! Ela abre suas pernas e sente aquele calor louco, que invade todo o corpo, e sobe rouco pela espinha, pelo pescoço, pelo couro cabeludo. Nos pelos!!!! Nos pelos é que Nora Joyce me quer!

NORA

Quero que ganhe a vida direitinho. Como um bom homem. Como um valente caixeiro-viajante! – Que come pó.

NORA

O pó imundo.

JAMES

Que não tem casa.

NORA

Que tem o mundo.

JAMES

Que não tem mais pé!

NORA

Que tem tudo ao pé!

NORA

(CANTANDO TRÁGICA) Partam, partam, homens abjetos, homens tão honestos, servis, capengas e direitos. Sem um deslize, um declive, um ponto qualquer de confusão.

Tititititititititititititi....

JAMES

Eu nunca conheci quem tivesse levado porrada!

DEDALUS

(FORTE) Príncipes! Todos eles príncipes na vida!

NORA

(FORTE) Todos eles um poema em linha reta!

OS TRÊS

(EM CORO) Cantando, cantando partiremos, porque esta estrada vai dar no mar!

NORA

Se o barquinho desliza e o sol se põe! Haveremos de chegar onde chegar!

OS TRÊS

Cantando, cantando morreremos cada dia um pouco da rotina do favor que nos prende ao mundo, que nos prende à vida, que nos prende a tudo!!!! Cantando a cantar! Vou te contar! Wave!!!!

CENA 3 – JÁ CANSEI DE ARRASTAR CHINELO I

NORA VAI SE DESPEDINDO DE JAMES. ATÉ A PARTIDA DELE, CANTAM EM DUETO.

JAMES

Ebben! Adeus! Adieu! Good-bye!

NORA

Ebben! Sabe quanto tempo vai ficar?

JAMES

Não! Mas não tem porquê se preocupar!

NORA

Não me preocupo! Só fico fazendo contas...

JAMES

Contas?

NORA

Para saber quantas escalas eu vou tocar!

JAMES

Nora, Nora, Nora, deixa de lado essa loucura do canto e pensa na vida tão linda que esta casa tem para você, pro gato e pro lazer!

NORA

Ha, lazer, laser ou lézard! Cansei de tanto chinelo arrastar... Por que você não gosta do lar, James?

JAMES

Nora!!!!

NORA

Sim, James?

JAMES

Nora!!!!

NORA

Sim, James? Fico horas ao piano como se o piano fosse o mais perfeito e mais completo tear. Teço uma manta tão cortante que tenho medo que ela pule dessas notas e me alcance. Tenho medo da mantilha invisível de uma nota só porque sei que sou desafinada e que fotografei você na minha Rolleiflex como uma nada e como sei!

JAMES

Ebben!

NORA

Estou cansada de arrastar tanto chinelo e chorar por esse campo como se fosse uma charneca uma cueca em flor. Quero entrar para o Coro e coroar! Estou cansada de cansar de tocar só!

JAMES

Ebben!

NORA

Vá! Que assim arrastarei só o meu chinelo e não o seu! Não precisarei mais abotoar a camisola nem o sutiã! Ebben! Vá! Vá! Váááááááá!!!!

37

JAMES

Não entendo o porquê dessa agonia dessa falta de alegria. Não consigo perceber o que mais te faz sofrer ao pisar no chão de estrelas que mandei pintar no chão de paviflex ou de rolex, de orniex ou de pirex, só para o meu amor passar! Ebben!

NORA

Vá! E não me encha mais o saaaaaaco! Adieeee-
eeuuuuuuuu! Adieu!



CENA 4 – A PARTIDA DE JAMES E DEDALUS

ENTRA O PELA ESTRADA AFORA. JAMES E DEDALUS CIRCULAM ALUCINADAMENTE À VOLTA DE NORA. OS DOIS COM AS MALAS NA MÃO. NORA CAI AO PIANO, QUANDO ELES SOMEM, QUASE QUE MAGICAMENTE, E COMEÇA A FAZER ESCALAS E MAIS ESCALAS, COMO SE REALMENTE ESTIVESSE TECENDO UMA MANTILHA MUSICAL.

CENA 5 – OS SONHOS DE NORA

39

NORA AO PIANO. DAS ESCALAS, PASSA AO CANTO, MUITO SOLITÁRIA.

NORA

Meus sonhos tão claros, tão caros, tão pequenamente raros. Meus sonhos tão claros, tão caros, tão pequenamente raros.

(RECITADO) Nora Joyce, casada, uma senhora que tem passado a vida a esperar que seu marido cumpra seu divino e sagrado papel de

grande escritor de sucesso!... No futuro!... Por enquanto, ele não passa de um caixeiro-viajante, com a mala cheia de paninhos e vidrinhos e saquinhos e caralhinhos, que venderá aos índios urbanos como se fossem espelhos mágicos!

(PAUSINHA) Um dia, fui a uma cartomante! Que me perguntou, olhos nos olhos: “Em que dia você nasceu?” Respondi, tímida, como se fosse um pecado mortal ter nascido naquele dia: “Quinta. Hoje”. E ela: “Nascido em quinta nos olhos se requinta”. Pegou minha mãos. “Linha do fado. Amigo influente...”. Eu sorri: “Imaginação”... E ela, mais firme: “Monte da lua. Você se encontrará com um...”

LUZ SE ACENDE SÓ SOBRE DEDALUS, QUE SORRI IMÓVEL. UM SORRISO DE MACHO PRONTO PARA ATACAR. NORA CONTINUA SEU CANTO:

NORA

Meus sonhos tão claros, tão caros, tão pequenamente raros! Meus sonhos tão claros, tão caros, tão pequenamente raros! Quero ser

a cantora de um bom cabaré! Com cheiro de gim e cola, com homens a me aplaudir! E eu a cantar, como é cruel cantar assim! Aqueles homens, bêbados e febris, a se rasgar por mim! E eu, no gim, no pó, no crack, cantando loucamente até me arrebentar de sim! De sim! De sim! De sim!

DEDALUS ENTRA. NORA APANHA UMA ROSA VERMELHA. VAI ATÉ ELE, ENROSCANDO-SE COMO UMA GATA NO CIO. DEDALUS VAI AGARRANDO NORA, IMPLACAVELMENTE, ENQUANTO ELA FALA, COM TODA A VOLÚPIA:

41

NORA

(RECITADO) Eu era uma flor da montanha sim quando eu punha a rosa em minha cabeleira como as garotas andaluzas costumam ou devo usar uma vermelha sim e como ele me beijou contra a muralha mourisca e eu pensei tão bem a ele como a outro e então pedi-lhe com os meus olhos para pedir de novo e ele me pediu; queria eu dizer sim minha flor da montanha e primeiro pus os meus braços em torno dele sim

e puxei ele pra baixo pra mim para ele poder sentir meus peitos todos perfume sim o coração dele batia como louco e sim eu disse sim eu disse sim eu quero SIMs.

OS DOIS TREPAM ENQUANTO A LUZ MOSTRA JAMES EM UM OUTRO PONTO. ESTÁ COM UMA CARA IMÓVEL.

CENA 6 – O INFERNO DE JAMES

42

O PRELÚDIO, QUE PONTUOU OS AMORES DE NORA/DEDALUS, CONTINUA AGORA PARA JAMES. JAMES, COMO SE ESCREVESSE UMA CARTA A NORA.

JAMES

Nora, penso em você.... Penso em você e no que lhe disse quando parti.... Fiquei com enjôo... Estou muito angustiado... Talvez eu a tenha magoado, mas não é melhor que saiba exatamente o que penso? Mas o que penso? Meu espírito rejeita toda a ordem social presente e

o cristianismo – o lar, as virtudes reconhecidas, categorias sociais e doutrinas religiosas. Como poderia gostar da idéia de um lar? Meu lar era simplesmente um negócio de classe média arruinado por hábitos perdulários que eu herdei. Minha mãe, acho, foi morta aos poucos pelos maus-tratos de meu pai, por anos de tribulação e franqueza cínica de minha conduta. Ao olhar para o rosto dela quando posta no caixão – o rosto cinzendo, devastado pelo câncer – tive consciência de estar olhando para o rosto de uma vítima e amaldiçoei o regime que fizera dela uma vítima.

43

(CANTA TRISTE) Mamãe, mamãe, mamãe... o avental todo sujo de ovo... Mamãe, mamãe, mamãe... Se eu pudesse, mamãe, eu queria, começar tudo tudo de novo....

(RECITADO GRAVE) Si può? pode????

(PAUSA) Por isso quero você assim, Nora! Senta-dinha ao piano. Bonita. Saudável. As dificuldades atuais da minha vida são incríveis mas eu as desprezo. Falo mal do lar? Mas no fundo eu quero um lar! Gato, begônia e um livro! Você, tocando como se tecesse... Há seis anos deixei a Igreja Ca-

tólica, tendo por ela o ódio mais fervoroso! Hoje, faço-lhe uma guerra aberta. Pelo que escrevo, digo e faço! Escreve-me, Nora! Dizendo que me perdoa! Sendo carinhosa comigo. E falando que a gente pode... pode... pode...

JAMES COMEÇA A CANTAR FORTÍSSIMO, RAI-VOSO, NO INFERNO DA SUA VIDA. MAS COM UM PENSAMENTO JESUÍTICO:

JAMES

44

Eu quero arreganhar. Cuspir no prato e mandar requeijar. Como se fosse uma mousse finíssima. E mandar a massa do povo se deleitar. Eu quero a roda do tempo engrenada na correia do sapato do meu cão. Pra levar esse tempo ao passeio e dizer que faço dele o que bem quero. Porque não tenho e não sonho com outra coisa que não seja enlouquecer de qualquer coisa. Paixão, tesão, comichão. Frisson, vison, c'est-ci bon! Paixão, tesão, comichão, ralação, sedução, frisson, vison, c'est-ci bon! Eu quero arreganhar...



CENA 7 – INTERLÚDIO DE AMOR

NORA SERVE CHÁ A DEDALUS. UM CLIMA DE COQUETÉRIE ENTRE OS DOIS. MAIS POR PARTE DELA.

DEDALUS

Dedalus!

NORA

Desculpe, eu não entendi muito bem! Seu nome é...

DEDALUS

É surda, minha senhora?

NORA

Não. Só um pouco rouca.

DEDALUS

Dedalus!

NORA

Ha! Tupi-guarani?

DEDALUS

Não... Quiçá quatrocentão...

(CANTANDO RITMADO) Talvez um babacão que se diz um bom ladrão mas de fato é um poltrão que se deixa ficar tão assustado com a sua mão

com seu pé e sapatão que só sabe o que é tesão
que só quer fazer o bão que não fica em contra-
mão que tá pronto pro sambão pro refrão e pro
chanfrão e que vai fundo no melão...

NORA

(CORTANDO) Senhor Dedalus!!!!

DEDALUS

O que que há, gatinha? What's new, pussycat?

NORA

Aceita um chá?

DEDALUS AVANÇA PARA ELA. PASSANDO A
MÃO, LASCIVAMENTE.

47

DEDALUS

Aceito outras coisas...

NORA

Senhor Dedalus, por favor...

DEDALUS

Deixa de frescura, mulher... Esteve aqui que-
rendo um macho... Um macho que lhe dissesse
todas as palavras que seu marido nunca ousou
escrever... Que pusesse em seus ouvidos todas as

porcarias que sempre quis escutar... Que te enfiasse na cabeça o tesão... O tesão... O tesão...

NORA

Sou uma mulher! Uma cantora do Coro do Tabernáculo de Deus!

DEDALUS

Você quer mais é cabaré! Sabe que um dia ainda vou ter um cabaré?

NORA

Um cabaré??? Que horror!!!!

DEDALUS

(CANTANDO NA EMPOLGAÇÃO) Luzes, luzes, luzes e sem ação! Som, som, som e sensação!

Eu quero bundas nas janelas. Eu quero peitos nas tramelas. Eu quero gargalhadas e champanhes e heroína na veia do otário. Eu quero um puta horário. Pra santa visitação ao oráculo, ao cenáculo, ao senado, ao safado senhor da serraria, da sortuda sinfonia, da chifruda putaria que se chama este país! Luzes, luzes, luzes e sem ação! Pra que ação? Eu quero a bomba na cabeça da pomba da paz, da romba da rumba da estopa do cais. Eu quero o jogo de dados, o último dado, o dardo da força, da foice, da fera, do urro do

mar. Luzes, luzes, luzes e nenhuma ação! Eu sou a ação! Eu sou o peão! Eu sou a canção! E eu sou o tesão!

NORA

E eu sou apenas uma mulher!

(RECITADO) Você me toma como amante, faz de tudo comigo, me mexe, me remexe, pega minhas sandálias de prata sem, ao menos, se apresentar???? Pode ser o tesão... mas que tesão?

DEDALUS

(FALANDO CALMAMENTE) O tesão que você não sente mais por seu marido. Acho que nem por você mesma. É muito duro quando se perde o tesão por si próprio. Não há nem a possibilidade da masturbação. Talvez o único gesto humano digno da perfeição e da credulidade de que fomos feitos para alguma coisa nesta vida. Meu nome é Dedalus. Dedalus. Dedalus. Dedal de luz. Dedal de luz. Quando disseram que a fé do homem não cabia no dedal da areia do mar, e eu nem sei mais essa história, eles estavam querendo dizer que a fé de um homem não cabia num dedal de luz. Dedalus. Andaluz. Grego andaluz. Gregoanluz. Luz grega no fundo do

poço da civilização que nunca saiu do poço porque não há poço e não há civilização. Dedalus. Eu sou um indivíduo com aspecto de sacerdote que surgiu no limiar da porta e te fodeu! Eu não vesti outra cor que não fosse preto quando minha mãe morreu e eu odiava a minha mãe! Mas acho essencial o funeral. Acho essencial o ritual. Acho essencial o essencial. Meu nome é Dedalus. Tenho 20 anos e meu nome bem que podia ser Gaaaaaaaal!!!!

BLACK.

50

CENA 8 – CANTO DA TRANSFORMAÇÃO

JAMES, DEDALUS E NORA CANTAM CONTRITOS.

OS TRÊS

E tudo mudou e tudo virou

NORA

Quem era o marido...

DEDALUS

Marido foi embora.

NORA

Quem era o amante...

JAMES

Dedalus Nora

NORA

E tudo mudou e tudo virou James

JAMES

Nora

NORA

Dedalus

OS TRÊS

51

E tudo mudou, e virou, e mudou e mudou, e virou, e mudou. Nora já sabe que gosta de amar. Nora quer mais e não sabe parar. Só pensa em trepar, em trepar, em trepar. Uma carta perdida foi o que mudou. Uma carta fodida foi o que mudou. Uma carta mandada que tudo mudou.



CENA 9 – A CARTA DE NORA

NORA ESCREVE UMA CARTA.

NORA

Não ponho nome porque sei lá onde essa carta vai parar. A minha bocetinha está se esfregando feroz para escrever uma carta tão desconexa. Queria te lambar para que ficasse com o pau duro bastante para meter mesmo nas bordas da minha boceta, quanto mais para uma foda completa.

53

A CARTA CONTINUA COM O OFF DE NORA, ENQUANTO ELA LANGUIDAMENTE TOCA UM TEMA NO PIANO E DEPOIS SAI.

NORA

(OFF) Meu bem, fode-me sempre. Sempre. Sempre. Fode-me, querido, de tantas maneiras novas como tua libidinagem possa sugerir. Gostaria de inverter os papéis. Fode-me nu, de chapéu e meias, apenas deitado no chão, com uma flor vermelha no cu. Montado em mim com

as coxas entre as minhas. Fode-me de peignoir.
Eu empresto o meu.

NORA VOLTA, DE PEIGNOIR, SEXY. CESSA O OFF.

NORA

Fode comigo vestida com o teu terno completo.
De chapéu e botas. Ou assim ou assado. Ou de
qualquer jeito. Fode-me, darling. E put the bla-
me on mame, boy!!!!

54

NORA DOBRA A CARTA, COLOCA EM UM ENVE-
LOPE. FICA OLHANDO PARA O INFINITO, COM
A CARTA BALANÇANDO NAS MÃOS.

CENA 10 – O QUEIXUME DE DEDALUS

DEDALUS SENTADO SOBRE SUA MALA. COM A
GARRAFA DE BEBIDA. FURIOSO.

DEDALUS

Aquela puta não me escreveu uma linha! Disse
que mandaria uma carta como eu nunca tinha

recebido na vida... Uma carta sacana! Uma carta escrita diretamente na boceta!!!! Tá!... Nem uma linha! Nem um telegrama, nem um telex, um e-mail... Nada... E eu aqui, no meio dessa estrada, esperando que ela ao menos dissesse que... que.... que me ama? Não... Que dissesse que me deseja! Que me quer!

CONTINUA LUZ EM DEDALUS, MAS ACENDE TAMBÉM EM OUTRO PONTO, SOBRE JAMES, COM UMA FLOR VERMELHA NAS MÃOS, E LENDO A CARTA DE NORA.

55

JAMES

(LENDO) Fode comigo vestida com teu terno completo. De chapéu e botas. Ou assim ou assado. Ou de qualquer jeito. Fode-me, darling. E put the blame on mame, boy!!!!

JAMES QUASE TEM UM COLAPSO. ENTRA O TANGO DE NORA E DEDALUS.



CENA 11 – O TANGO

NORA E DEDALUS SE ENCARAM E CONVERSAM,
DUROS.

DEDALUS

I've been waiting for the letter!

NORA

Mais j'ai la remis, mon chou!

DEDALUS

Mai, io l'a aspetato tutto il tempo, sentado na
minha mala!

NORA

Mala? Que mala?

57

DEDALUS

A minha? De quem mais poderia ser?

NORA

Eu mandei a carta! Disse até para você me foder
pelado, no chão, com uma flor vermelha enfiada
no cu!

DEDALUS

No cu???

NISSO, JAMES ENTRA, DANDO A FAMOSA TOS-
SIDINHA DE DÁ LICENÇA, COM UMA FLOR VER-
MELHA NA MÃO. O TANGO PONTUA.

JAMES

Posso entrar?

NORA

Mandei a carta para a pessoa errada!!!!
(DISFARÇANDO) Meu bem, meu Jamesinho querido, enfim... enfim você chegou... Conheça o meu primo Basílio? Perdão, conhece o meu amigo Dedalus? Ele também é caixeiro-viajante!

OS DOIS SE ENCARAM TENSOS.

58

OS DOIS

Prazer! Prazer! Prazer!

NORA VÊ A FLOR VERMELHA COM JAMES.

NORA

Você trouxe a flor vermelha?

JAMES

Só estou de passagem. Preciso voltar... É que recebi uma carta sua... Estranha!!!

NORA

Não gostou?

O TANGO EXPLODE ALTÍSSIMO. BLACK. NORA E DEDALUS SAEM. LUZ SOBRE JAMES, NO CHÃO, ESCRREVENDO UMA CARTA, ENQUANTO CANTA, CARINHOSAMENTE.

CENA 12 – A CARTA DE JAMES JOYCE

JAMES

Norinha, putinha sempre te quis assim. Nuinha, prontinha pra receber meu pau no cu. Norinha, putinha te quero sempre pronta pra foder. Só fique parada, só abra as pernas e deixa eu entrar. Com tudo. Na frente. Do lado. Por trás. Na boca. Nos peitos. Debaixo do braço que é bom. Um banho de língua. Um pêlo na boca. Um gosto de porra. Um belo suor. Norinha, putinha, te amo demais. Agora seremos felizes pra sempre. Você com sua cona e eu com o meu pau. Os dois nessa foda que se chama vida. Os dois nesse gozo que se chama amar. Norinha, putinha, vou logo voltar!

59

CAI A LUZ SOBRE JAMES E NORA E DEDALUS ENTRAM, JÁ NA MAIOR DISCUSSÃO.



CENA 13 – JÁ CANSEI DE ARRASTAR CHINELO II

OS DOIS CANTAM, ENQUANTO DISCUTEM.

DEDALUS

Ebben!

NORA

Estou cansada de arrastar tanto chinelo e chorar por esse campo como se fosse uma charneca uma cueca em flor. Estou cansada de tocar só. Quero entrar para o Coro e coroar!

DEDALUS

Ebben!

61

NORA

Vá! Que arrastarei o meu chinelo e não o seu!

DEDALUS

Está me expulsando de casa porque agora só pensa nele... Eu sei... Nora, por que me quer longe daqui?

NORA

Porque agora, Dedalus, você virou o marido e ele o amante!

FOCO EM JAMES, EM OUTRO PONTO, QUE FALA, ORGULHOSO.

JAMES

(FORTÍSSIMO) Ela me quer! Já sabe que me quer. Ela abre suas pernas e sente aquele calor louco, que invade todo o corpo, e sobe rouco pela espinha, pelo pescoço, pelo couro cabeludo. Nos pelos!!!! Nos pelos é que Nora Joyce me quer!!!!

DEDALUS

Ele vai brochar!

NORA

Dedalus, estou cansada... Vá...

DEDALUS

Vou! Vou me tornar, finalmente, um jesuíta. Aproveito para expiar as suas culpas também.

NORA

Você acabará dono de um cabaré!

DEDALUS

Onde você não entrará!!!

NORA

E para que eu quero um cabaré? Tenho um homem aqui dentro! Cantarei para ele, enquanto ele estiver escrevendo o livro que vai transformá-lo no maior escritor do mundo... Para que um cabaré, Dedalus?... Você acha que me importo

com lar? Com ar? Com cabarés? Não... Serei a cantora de uma platéia imensa, chamada um homem só!

DEDALUS

Ebben!

DEDALUS PARTE, COM SUA MALA NA MÃO. DÁ DE ENCONTRO COM JAMES, QUE VEM, TAMBÉM COM A SUA MALA. CUMPRIMENTAM-SE RUDEMENTE.

OS DOIS

Prazer! Prazer! Prazer!

63

DEDALUS SAI, FURIOSO, ENQUANTO JAMES VAI GIRANDO POR PERTO DE NORA. OS DOIS CANTAM.

CENA 14 – O DUETO DE NORA E JAMES

JAMES

Finalmente chego aqui tanto pó, tanto caqui comido às pressas pra seguir e estar pronto pra...

DEDALUS APARECE E INTERROMPE.

DEDALUS

Fazer aquilo que eu mais gosto, que você mais gosta: trepar!

NORA

Tomei banho, lavei tudo. Pus lavanda, óleo e talco. Fiz toilette, pé e mão pra...

DEDALUS

Ir para a cama com você, com outro, com qualquer um! Eu quero é gozar!

JAMES

64 Quero te levar correndo pra poder deitar ao vento te dizendo coisas novas que aprendi pra dar...

DEDALUS

Três sem tirar! Eu sou capaz de dar três sem tirar e ainda cantar a Marselhesa, como se meu pau fosse o mastro da bandeira francesa!

NORA

Uma nova lingerie. A cortina bem lavada. O penico bem lavado. Camisinha importada pra gente...

DEDALUS

Que dois sacanas!!!! Que dois sacanas!!!! Pensam uma coisa e falam outra! Escrevem uma coisa e pensam noutra!!! (PARA JAMES) Sacana!!!! (PARA NORA) Sacana!!! (PARA TODOS) Sacanas!!! (PAUSINHA) Aqui, segundo a rubrica do autor, Dedalus sai!

E DEDALUS SAI. NORA E JAMES SE ENCARAM, ENVERGONHADOS.

NORA

Não dá...

65

JAMES

Eu... Eu também não sei usar muito bem as palavras...

NORA

E eu fico com vergonha porque, no fundo, eu sou uma boa senhora. Uma mulher que pensou em Deus sempre. Uma mulher que quer a vida de um jeito muito calmo...

JAMES

Mas eu também não sei porque... sei lá... porque acabei escrevendo todas aquelas tolices... Veja, no fundo, o que eu escrevo é a mais pura forma

de arte... Agora mesmo, por exemplo, estava pensando no que teria acontecido a Hamlet se, no fundo...

NORA

E eu, por acaso, estou interessada em Hamlet?

JAMES

Não????

NORA

Não!!!! Depois de tudo o que aconteceu, só me resta cantar no Coro do Tabernáculo...

66

JAMES SAI. NORA COMEÇA A TIRAR SEU ROUPÃO. POR BAIXO, UMA ROUPA MUITO SÉRIA. ELA COMEÇA A CANTAR, CONTRITA.

CENA 15 – HINO DO TABERNÁCULO

NORA

Meu Senhor, ó meu Pai distintíssimo. Não olheis para o erro que cometi. Estou salva pois domei o meu demônio. Apaguei o fogo-fátuo do tesão.

ELA SE PERTURBA COM A PALAVRA TESÃO.

NORA

(FALANDO) Não é tesão, caralho!!!!

(CANTANDO) Meu Senhor, ó meu Pai tão caridoso. Estendei a mão suave para mim. Estou limpa pois lavei com águas doces a boceta que inchava de prazer!

ELA SE PERTURBA MAIS AINDA.

NORA

(FALANDO) Droga!!! Será que não consigo?

67

LUZ SOBE SOBRE DEDALUS, NUM CANTO, QUE PONTUA, MALICIOSO.

DEDALUS

Não!!!! Agora, você sabe o que é bom!

NORA PEGA AS SUAS COISAS E SAI CORRENDO.
ENTRA VOZ DE JAMES EM OFF, NO BLACK.

CENA 16 – A SOLIDÃO DE JAMES

JAMES

(OFF) Meu bem, neste instante eu ejaculei nas minhas calças, de modo que estou inteiramente fora de combate.... Gostaria de mandar uma nova carta para você... Quem sabe a gente não conseguiria retomar... Você sabe... Mas, esporado, como posso ir ao Correio?

LUZ SOBRE JAMES, COM UM PÉ SOBRE SUA MALA, CANTANDO.

JAMES

Que bicho furioso é o sexo? Que só sai da jaula quando escrito? Que domador estúpido sou eu? Que não consegue trepar com a sua fera? Nora, Nora, Nora, Nora, tanto quis poder deitar com você. E fazer tudo o que pus nas minhas cartas. Sentir também o que escreveu. Mas que bicho furioso é o sexo? Que só sai da jaula quando escrito? Que domador estúpido sou eu? Que não consegue trepar com sua fera?

JAMES PÁRA. OLHA PARA O INFINITO. DIZ FIRMÍSSIMO.

JAMES

Introibo ad altare Dei!

AS LUZES MUDAM, ENQUANTO JAMES DEIXA A CENA.

CENA 17 – O CABARÉ ULYSSES

UM CLIMA ALEGRE, COM DEDALUS VESTIDO COMO DONO DE CABARÉ. AVENTAL. FALANDO COM GARÇONS IMAGINÁRIOS.

69

DEDALUS

Molengas! Panacas! Moleirões! Vamos!!!! Eu quero inaugurar este cabaré ainda hoje!!!! Pensaram que eu tinha mesmo virado jesuíta???? Ha ha ha ha... No caminho do convento encontrei meu pai... Um pai, senhores, é um mal necessário! E ele me disse: vai, Dedalus, ser gauche na vida! Abra um cabaré!... E eu abri! Em homenagem àquela que tocou piano como se tecesse a mantilha de Penélope. Nora Joyce. A que tinha

fogo no rabo. Mas ela, apesar de patrona disto aqui... Apesar de patrona do famoso... do famosíssimo CABARÉ ULYSSES... nunca... mas nunca vai por os pés aqui!!!! Porque eu não suportarei sentir o cheiro de James Joyce saindo de dentro da boceta dela! Nunca!!!!

(CANTANDO) Wilkkhomenn, bienvenue, wellcome, au cabaret, zur cabaret, to cabaret! O cabaré mais xifrado da cidade! Mais coalhado de beldade! Mais zingado de sen-su-a-li-da-de! Ulysses! Cabaré Ulysses! Ulysses!

70

Finnegan's Wake! Ulysses! Letras de vinho e champanhe! Textos de sangue, porra e mangue! Caviar, salmão, salame! Ulysses! Cabaré Ulysses! Ulysses! Finnegan's Wake! Letras de vinho e champanhe! Textos de sangue, porra e mangue! Caviar, salmão, salame!!!

NORA VEM ENTRANDO, COMO QUEM NÃO QUER NADA E CANTANDO JUNTO.

NORA

Salame!

DEDALUS

Fora! Fora! Aqui você não põe o pé!

NORA

Soube que estava procurando uma cantora.... Eu fui cantar no Coro do Tabernáculo, mas errei a letra... Então...

DEDALUS

Então, nada a ver!!! Fora!!!! No Cabaré Ulysses não cantará jamais!!!! Nora Joyce??? Nunca!!!!

NORA

Eu mudo meu nome para Molly Bloom!

DEDALUS

(HORRORIZADO) Molly Bloom??? Você sabe, por acaso, quem foi Molly Bloom?

NORA

Não...

DEDALUS

Então, pergunte ao senhor seu marido... O senhor James Joyce sabe muito bem quem foi Molly Bloom!

NORA

(JÁ NO RITMO) Falei por falar! Molly Bloom é um nome tão vulgar!!!

DEDALUS

(JÁ NO RITMO) Chega de rima pobre! Nunca mais repita o nome de Molly Bloom. Nunca mais!!!

NORA

(CANTANDO) Molly Bloom Molly Bloom Blue Moon. You are so cold so noon perhaps blood perhaps doon no kind of love no kind of pum! Molly Molly Molly Molly Bloom blue blue blue blue moon. You are so difficult so soon take me apart your pretty gum. Molly Molly Molly Molly Bloom!!!

DEDALUS

72 Sai, demo!!! Sai, azar!!!! Sai, rompante do filho de Satanás! Eu te excomungo! Eu te exconjuro! Eu te espanco onde tem de sangrar!

NORA

Molly Molly Molly Bloom...

DEDALUS

Pode ficar com esta porra de lugar! Eu estou mais a fim de ficar MUIIIIIIIITO longe de você, de James Joyce e de Molly Bloom... EU FUI AMANTE DELA E ELA ERA TRAVESTI!!!! SACOU??? SACOU???? SACOU????

SILÊNCIO SÚBITO. DEDALUS JOGA O AVENTAL, APANHA SUA MALA DE CAIXEIRO-VIAJANTE E SAI. NORA FICA OLHANDO COM CARA DE BONECA. ACENDE FOCO SOBRE JAMES, EM OUTRO PONTO, TAMBÉM COM SUA MALA. DEDALUS VAI PARA LÁ. FICAM JUNTOS.

CENA 18 – LEMBRANÇAS DE MOLLY BLOOM

JAMES

Molly Bloom, a minha heroína! A Penélope do Ulysses que não foi Ulysses e que nem sabia que estava a vagar! Antes de Nora, ela secou-me toda a virilidade, a desgraçadinha! Ela me beijou. A minha mocidade. Nunca mais de novo! Só uma vez é que vem. O novo é o que quero. Nada de novo debaixo do sol, porque Molly Bloom era o sol!

DEDALUS

Um sol vulgar! Nora não é vulgar!

OS DOIS SE ENTREOLHAM, COMO QUE SE DES-
COBRINDO. CANTAM.

CENA 19 – O DUETO DE JAMES E DEDALUS

JAMES

Eu sou você. Você é eu.

DEDALUS

Eu não queria, mas você não deixou!

JAMES

Fizemos as pazes, fizemos as crases.

DEDALUS

Fizemos o que o duplo não faz!

JAMES

Me expus. Me pus. Me vi no seu lugar.

DEDALUS

Me tive na tua pele de pai.

JAMES

Fatal criação!

DEDALUS

Mortal direção!

OS DOIS

Na ponta da cobra focinho de naja quebranto
de água espelho do próprio nós! E agora, José?
E agora, nós dois?

DEDALUS

Criaturas de Samuel Beckett.

JAMES

Não nos resta outro pai!

ASSUMEM UM CLIMA DE PERSONAGENS DE
BECKETT E CANTAM.

OS DOIS

75

Malone morre. Viva Malone. São outros dias. São
fios de aço. Malone vive. Viva Malone. Katastro-
phé. Fé na catarse. Uma malinha. Uma galinha.
Um xis da estrada. Nos separamos. Você de um
lado. E eu do outro. Ela no meio. Talvez feliz.

FOCO NO ROSTO SAFADO DE NORA, EM OUTRO
PONTO. ELES CONTINUAM CANTANDO.



OS DOIS

Malone morre. Viva Malone. Malone e Beck.
Viva Malone. A luz de Dedalus. O Jó de Joyce.
E ela feliz!

BLACK-OUT.

CENA 20 – ÁRIA DA FELICIDADE DE NORA

SOMENTE NORA, NUM FOCO, DEDILHANDO O
PIANO E CANTANDO.

77

NORA

Nada é bom. Nada é mau. Nada é nada quando tudo é igual. Bom é ter a sensação de flutuar como um balão. Nada que vi que senti que pesei nada que trouxesse de volta o meu rei nada foi tão importante para mim que descobrir o vulcão dentro de mim! Labaredas imensas que cobriam a parede de um quarto de hotel vagabundo e sujo; era hotel de estrela cadente e eu trazia a corrente de prata que ganhei de uma amiga, foi presente de uma amiga. Eles não sabem, eles não vêem, eles puse-

ram o pau na minha boca e gritaram e xingaram e esportaram e me lambuzaram inteira de mel. Aí, eu entendi o que era ser uma mulher! Gozar quando quisesse e, mais que isso, provocar! James não entendeu! Dedalus sofreu! Molly Bloom foi a puta que me ensinou a trepar. Nada é bom. Nada é mau. Nada é nada quando tudo é igual. Bom é ter a sensação de flutuar como um balão!

LUZ VAI CAINDO E VAI SUBINDO UM RUFAR DE TAMBORES. BLACK TOTAL.

78

CENA 21 – O FIM

NO BLACK, ENTRA COM TUDO A VOZ DE UM HOMEM, ANUNCIANDO.

HOMEM

(OFF) O Cabaré Ulysses, encerrando, apresenta sua coreografia minimalista: TODO HOMEM E SUA PRÓPRIA MULHER... ou... UMA LUA-DE-MEL À MÃO.... ou... UMA IMORALIDADE NACIONAL EM TRÊS ORGASMOS... Com James Joyce, Nora Joyce e Stephen Dedalus!!!!

A LUZ VAI SUBINDO E APARECEM OS TRÊS, COMO EM UM CORO RELIGIOSO. CANTAM, SOLENES E LIMPOS DE LIBERDADE.

OS TRÊS

Louvemos nós os Deuses e subam às Suas cabeças
os fumos espiralados de altares nossos abenço-
ados! De altares nossos abençoados! James...
Nora... Dedalus...

Fiiiiiiiii!

LUZ VAI CAINDO SUAVEMENTE, ENQUANTO
VOLTA O PRELÚDIO, AGORA EM OUTRO RITMO
E PULSAÇÃO.

79

FIM

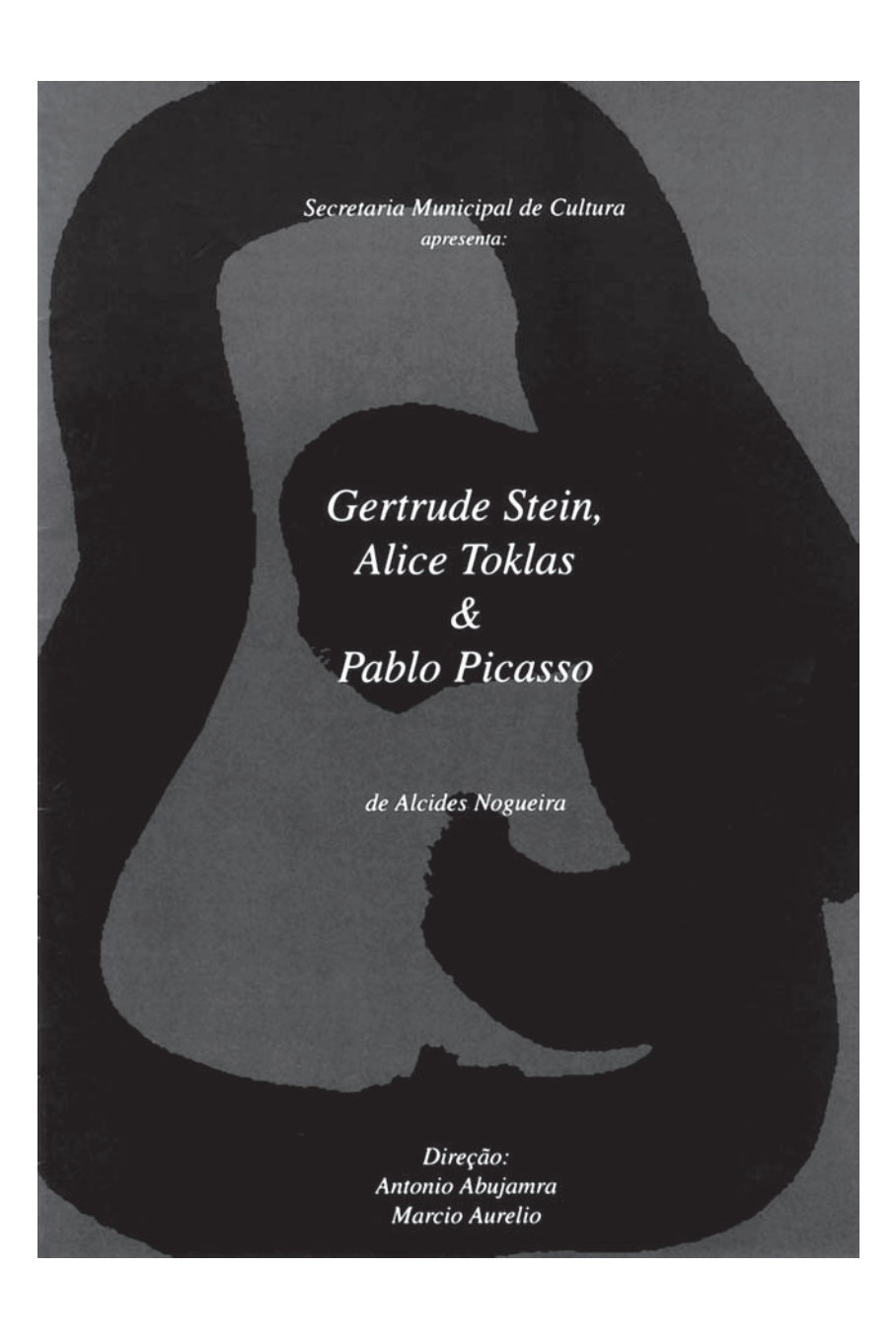
São Paulo, setembro de 1988

Esta peça deu a Alcides Nogueira o Prêmio Shell 1989 de Melhor Autor.

**GERTRUDE STEIN,
ALICE TOKLAS &
PABLO PICASSO**

Esta peça é dedicada, com todo meu amor e
admiração, a Nicette Bruno, nos seus 50 anos
de teatro.

São Paulo – novembro 1995 – março 1996



*Secretaria Municipal de Cultura
apresenta:*

*Gertrude Stein,
Alice Toklas
&
Pablo Picasso*

de Alcides Nogueira

*Direção:
Antonio Abujamra
Marcio Aurelio*

Introdução

A Modernidade começou com os Iluministas e a máquina a vapor. Suas conseqüências se desdobram até hoje: o campo vazio, a cidade tomada por uma multidão de miseráveis; a tradição, nos sentidos lato e estrito, trocada pela crença na razão individual; a frágil subjetividade se impondo à ilusão de objetividade.

Os direitos humanos, a anestesia e a Internet são bons argumentos a favor dessa época que começou há uns três séculos e, segundo alguns historiadores, terminou há pouco. Mas, progresso à parte, ainda não equacionamos as mais importantes questões do ser humano: a morte, a garantia dos direitos humanos, o equilíbrio entre Liberdade e Igualdade. Ah! E “o que quer uma mulher?”

83

No terceiro mundo, perdão, nos “países em desenvolvimento”, vivemos a pós-modernidade sem ter passado totalmente pela modernidade

– assim como caminhamos para a debacle sem sentir o gostinho do apogeu. Como entender então a modernidade compulsória num cenário de indigência intelectual e material?

É dessa equação que trata a trilogia de Alcides Nogueira, formada por *ÓperaJoyce* (1989), *Gertrude Stein, Alice Toklas & Pablo Picasso* (1996) e *Pólvora e Poesia* (2001). São textos pós-modernos que tentam metaforizar o processo de assimilação pela arte brasileira dos eflúvios da contemporaneidade emanados a partir dos meios intelectuais do eixo EUA-França-Reino Unido.

No título e na fatura do primeiro, Nogueira explicita a necessidade de conjugar forma e conteúdo, tradição e subjetividade. Cantando e fragmentando o discurso já por si rarefeito de James Joyce (1882-1941), e centrando-o explicitamente em clichês de sua biografia – suas cartas, sua relação com a mulher, Nora, os temas do exílio e da cegueira – Nogueira expõe as partes de sua equação. Por um lado, as questões

estéticas levantadas pelo trabalho de Joyce – o fluxo de consciência, a tensão entre o discurso em primeira pessoa e a desconstrução da língua (pense em Guimarães Rosa). Por outro, a biografia como ficção. A subjetividade – e , não citado no texto, o inconsciente – como instância inelutável da criação.

A trilogia foi finalizada com um texto sobre duas figuras que, cronologicamente, antecedem os protagonistas das outras duas – Arthur Rimbaud (1854-91) e Paul Verlaine (1844-96). De seu embate biográfico (Verlaine largou a mulher para fugir com o jovem Rimbaud. O romance culminou com Verlaine atirando em Rimbaud. Este, largou a poesia. Aquele, tornou-se católico). Nogueira extrai um embate estético – Verlaine entrou na relação parnasiano, saiu moderno; Rimbaud entrou um poeta moderno, saiu um homem moderno.

Gertrude..., peça central da trilogia, é um exercício de estilo pós-moderno. Assim como as duas outras peças, o grosso das falas é composto por

citações dos artistas evocados. Mas, aqui, o exercício metalingüístico é levado ao paroxismo. E o diálogo com a realidade e a estética brasileiras explicitado ao máximo.

Primeiro, pelas citações. Anita Malfatti, Elis Regina, Pedro Paulo de Senna Madureira, Bárbara Heliodora, Antonio Abujamra, os sem-terra do Pontal do Paranapanema, grupo Olodum, Mariajosé de Carvalho, Vidas Secas, de Nelson Pereira dos Santos, o Aleijadinho, Dulcina e Odi-lon, Lilian Lemmertz, Glauce Rocha, Margarida Rey, Cacilda Becker, circuladô de fulo, Favela Ordem e Progresso, Oswald de Andrade, Caio Fernando Abreu – nenhuma citação é aleatória. Todas remetem ao que há de melhor, de mais aguerrido, de mais transcendente e, por que não, de pós-moderno em nossa cultura. (Em alguns casos, os citados representam os “paridores” do nosso aggiornamento, ou por sua obra – Dulcina, Malfatti – ou por sua trajetória pessoal – Margarida Rey, Pedro Paulo Senna Madureira).

Depois, por abraçar sem colocar sotaque. Alice B. Toklas evoca Adélia Prado, ao preparar as refeições para seu homem, Gertrude. Esta – ou este – também sutilmente, nos faz lembrar do papel de Oswald de Andrade no movimento modernista (e no pós-moderno também. Vide a forma como sua obra vive por meio de José Celso Martinez Correa até agora). E Picasso? Bom, este sempre nos pareceu familiar, em sua sensualidade sem freios e seu pouco caso para com as regras.

87

Mas Picasso quebra as regras exatamente por conhecer e dominar a tradição. E um de nossos dramas é fazer da ignorância estratégia de sobrevivência.

A escolha dos protagonistas não é aleatória. Gertrude Stein (1874-1946), uma espécie de Olívia Guedes Penteado do primeiro mundo, é também uma artista cuja obra, ainda que menor, repercutiu nos meios mais intelectualizados. (E não apenas por seus dotes sociais, como mal-dosamente afirmam alguns). Ao elegê-la como

centro do diálogo, Nogueira leva nosso olhar para a produção “menos importante”, “fora do eixo”, em detrimento de autores centrais como Rimbaud e Joyce. E fala sobre a articulação entre Arte e Comunicação – que será devidamente explicitada no texto que é uma coda para essa trilogia – A Cabeça (2004).

88

Alice B. Toklas (1877-1967), companheira de Stein quase 40 anos, era uma fumante compulsiva que cultivava um buço mais que avantajado. Publicou, depois da morte da companheira, dois livros de memórias. Cozinheira lendária, sua receita mais famosa é a de biscoitos que levam como ingredientes frutas, nozes e maconha. Uma musa, sem dúvida, mas uma musa tão anti-convencional quanto Nora Barnacle (1884-1951) e Rimbaud, personagens com a mesma função nas outras peças.

Porque disso tratam, estruturalmente, as três peças – de triângulos amorosos. Se o capitalismo brasileiro ainda está em fase de formação (ou, melhor dizendo, o arcabouço jurídico, político

e social necessário para que a mentalidade capitalista se torne hegemônica ainda está em gestação, lutando contra a corrupção e o patrimonialismo atávicos), ainda há necessidade de Balzacs. Esse um dos motivos da importância das telenovelas, substitutas dos folhetins, em nossa sociedade. E de autores magistrais como Lauro César Muniz, Gilberto Braga e Silvio de Abreu – não por acaso todos companheiros de Nogueira em ficções feitas para a TV.

A trilogia trata de temas estéticos e filosóficos refinados, é radical em sua estrutura, e não faz concessão na linguagem. Mas pode ser lida também como variações sobre o tema da crise do casal burguês. Assim como a realidade brasileira não cabe nas definições de capitalismo e civilização como entendidas e praticadas no Hemisfério Norte, tampouco a relação entre dois seres – homem e mulher (Joyce e Nora), mulher e mulher (Gertrude e Alice) ou homem e homem (Verlaine e Rimbaud) cabem nas relações conjugais burguesas.

Para entender o homem brasileiro é preciso utilizar como chaves a música (ÓperaJoyce), a mesa (Gertrude, etc.) e a cama (Pólvora e Poesia). Na trilogia, vemos os sentidos se rebelando em progressão. Na primeira peça, a música revela o que a palavra não consegue, ou não quer. Na segunda, a pintura e a cozinha são igualadas como possibilidades de expressão. E por fim, as personagens da terceira peça se revelam por meio da longa relação sexual que a peça metaforiza.

90

Que a coda, A Cabeça, seja aparentemente destituída de sensualidade, não impede que novamente um triângulo se apresente – desta vez entre autor, personagem e rubrica. A diferença é que a musa (Personagem, Alice, Nora, Rimbaud) e o Outro (Rubrica, Picasso, amante e a mulher de Verlaine – que não aparece como personagem na peça, mas está presente como um fantasma ao longo do texto) tendem a se anular, abrindo ao autor a possibilidade de superar o seu momento histórico-psicanalítico.

Mas voltemos a Gertrude...

Ao brincar com trocadilhos como “beja coruja” e beija-flor ou se permitir referências explícitas à atriz que fez Gertrude na primeira montagem – Nicette Bruno, em atuação memorável – ou ao diretor Antonio Abujamra, Nogueira aponta para uma solução cênica ao impasse literário. Quando diz que “Não há último touro, não há última vanguarda. Há sempre o penúltimo touro a penúltima vanguarda”, força um silogismo, ao completar o pensamento com uma frase que foi há muito incorporada publicamente à persona pública de Abujamra: “E o sonho não deve passar de uma noite!” O mesmo Abujamra que, ao chegar da Europa, no final da década de 50, firmou-se como ponte entre nossa recém-conquistada modernidade nos palcos e a contemporaneidade européia.

91

Não falta uma menção a maio de 1968 (A IMAGINAÇÃO NO PODER!...), remetendo diretamente a Guy Debord, pensador central para se desvendar a equação de A Cabeça.

Porque disso se trata. Ao evocar autores e vidas do século 19 e da primeira metade do século 20, Nogueira está falando o tempo inteiro do Brasil contemporâneo.

Do projeto de modernidade cotidianamente abortado por uma estrutura político-social arcaica, mas muito competente em sua missão de autoperpetuação. De uma convivência truncada com a pós-modernidade, que, por falta de repertório, desemboca no Brasil em cinismo ou pura pilantragem (vide no que descambaram vários dos projetos legitimamente pós-modernos de nossos palcos nos anos 1980).

E nos faz lembrar que “...ninguém pergunta pelo adubo quando vê a flor!” Mas que se não aprendermos a adubar viveremos sempre colhendo as flores alheias. Ou pior, plantando para que ninguém colha – por pura ignorância, ou ainda, por ganância. O que dá no mesmo. Mas não é igual.

Aimar Labak
março 2005

**GERTRUDE STEIN,
ALICE TOKLAS &
PABLO PICASSO**

Alcides Nogueira

“J’ai plus de souvenirs que si j’avais mille ans.”

Baudelaire

Toda a ação da peça acontece em Paris, no estúdio de Gertrude Stein e Alice B. Toklas, no atelier de Picasso, numa casa de campo do interior da França, no Jardim do Luxemburgo, nas ruas parisienses, em Nova York, em um hospital.



CORTINA ABRE. PENUMBRA. SOM DE MÚSICA ESPANHOLA CRESCENDO. AS LUZES ACENDEM-SE MOSTRANDO O ESTÚDIO QUASE VAZIO. POUCOS MÓVEIS E APENAS UM QUADRO: O RETRATO DE GERTRUDE STEIN PINTADO POR PICASSO. EM UM PONTO ALTO, PICASSO DANÇANDO E SAPATEANDO, COMO UM ESPANHOL, VIGOROSAMENTE. EM OUTRO PONTO, NO MESMO NÍVEL DE ALTURA, ALICE DEBRUÇADA SOBRE UM NOTEBOOK, DIGITANDO COM FÚRIA. TEMPO. ALICE DEIXA DE DIGITAR E PASSA A TOCAR CASTANHOLAS.

95

PICASSO

Mi nombre es Pablo Picasso. Espanha! Catedrais, igrejas monumentalmente construídas para celebrar o pecado! Rezas e procissões e a miséria... Espanha do sangue que rola das cabeças e das touradas. O grande touro negro do medo. O século de ouro que novamente esperamos, esperamos, esperamos e que não virá. O ouro antigo que ficou com a Inquisição, com o ranço das almas podres, com os lábios pintados dos falsos pastores de Deus. Que Deus é esse que deixa a Espanha

com suas mulheres cobertas de luto iluminando com velas os gradis da casa? Lorca baleado. Calderon ainda não sabe que o sonho acabou. Aliás, todos sabem que acabou, mas ninguém acredita. Inclusive Ramon de Valle Inclan... Sevilha... A paisagem seca, a alma seca e a boca seca. Vinho! Eu quero vinho! Eu quero Barcelona em Paris. E a Andaluzia do cão sem plumas de João Cabral de Melo Neto.

ALICE

Eu nunca me lembro como se escreve a palavra obsessão.

PICASSO

Alice B. Toklas, você sabe a grafia de todas as palavras. Você sabe espanhol, alemão, francês, você sabe até fazer o absurdo de um pato arrumar um sapato.

ALICE

Eu sou uma sombra, Pablo.

PICASSO

Esta é a casa da rue de Fleurus, 27. Paris, década de 1920. Tem Internet. stein ponto gertrude arroba.com.fr. Luz e sombra. Você não se cansa nunca, Alice?





ALICE

Você consegue pintar só com luz?

PICASSO

Eu consigo pintar de qualquer maneira. (PAUSA)

Nicette Bruno é Gertrude Stein.

GERTRUDE STEIN ENTRA MAJESTOSAMENTE,
COM SUA BENGALA, AO SOM DE MÚSICA.

GERTRUDE

Solidão igual só a de um deserto. Ou de uma foto Polaroid exposta ao sol até a exaustão. Desmilinguindo-se. Solidão de um ser imenso, um ser altíssimo, um ser enormemente amoroso como eu, dentro de uma moldura. Picasso vem, dá uma pincelada e meu rosto macerado vira cor. Outra pincelada e meus cabelos se espalham pela tela de linho e linhaça. Mais pinceladas e vou para um museu. Então, um pedaço de papel qualquer um dossiê, um fax, uma ficha, eu ficarei à disposição de todos. Nome: Gertrude Stein. Profissão: escritora. Nascida no dia 3 de fevereiro de 1874, na Pensilvânia, Estados Unidos da América do Norte. Infância: Paris e Viena. Adolescência: Oakland



e San Francisco. Estudos: Psicologia e Medicina na Johns Hopkins University. Cosmopolita. Em 1903 vim para Paris com o meu irmão Léo, que não interessa. Depois, voltei para a América do Norte com o meu irmão Léo, que não interessa. Depois, vim novamente para Paris, e aqui encontrei uma norte-americana da Califórnia, que se tornou a minha amante da vida inteira. Alice, B de Babette, Toklas. Alice cozinha muito bem. É uma maravilha estar em Paris. Na América do Norte todas as coisas têm que ser parecidas. Isso para eles é uma arte ou uma obsessão. Qualquer coisa diferente é ameaça. Em um país com tudo tão estandarizado – vidas, pessoas, relações – é muito difícil uma pessoa ser diferente. E eu era. Eu queria sair de lá. Sair de lá e só voltar quando me tornasse um leão. Mas um leão de verdade. Às vezes, você representa seu país muito melhor no exílio. Aconteceu com Dante. E acontece comigo. A minha cabeça é cheia de ruídos. Informações. A minha cabeça, a minha cabeça, a minha cabeça é um estúdio por onde passa todo mundo de Paris. Todo mundo do mundo. Ali por exemplo pode estar Salvador Dali ainda com os

bigodes curtos descascando cebolas. Ou então Zelda, pondo fogo em Scott Fitzgerald porque o casamento deles só poderia terminar assim. Juan Gris pintando guardanapos para combinar com sabonetes. Todos os dadaístas, todos os patafísicos, toda a geração perdida todos eles. Um estúdio salão sarau cozinha cozinha salão sarau ou o nome que quiserem dar mas que as pessoas venham aqui para se divertir. Todas se reunindo aos meus pés e beijando as minhas mãos. Eis Gertrude Stein. Eu sou uma celebridade. É muito agradável ser uma celebridade. As pessoas me abraçam, me beijam e quando digo qualquer frase elas se juntam num coro fascinado OHHHHHHHHH. E me olham como se eu fosse a própria civilização. No meio daquilo tudo havia Picasso. Sempre e totalmente Picasso escutando e olhando e pensando pensamentos espanhóis. Estávamos na época criando o século 20 e sua cabeça estava em qualquer lugar exceto numa festa quando ele estava numa festa. Se eu não fosse lésbica, se eu gostasse de homem, eu teria me casado com Picasso. Um casamento imperfeito, com fases rosas e azuis, cubista

e perdido. Acontece que Picasso quer comer todas as mulheres do mundo, incluindo Leila Diniz. (ALICE VEM PARA GERTRUDE) Eu nunca traí Alice Toklas. Alice é minha mulher para sempre. Ficamos casadas durante 40 anos, até a minha morte. Picasso é um espanto torturante! Um objeto direto um substantivo imperdoável como um raio o big bang a explosão dos astros. (PICASSO VEM PARA ELA, E ALICE SE AFASTA) Uma noite ele chegou perto e disse baixinho no meu ouvido:

103

PICASSO

Você vai se sentar e posar para um retrato.

GERTRUDE

Pintado por você?

PICASSO

Si.

GERTRUDE

Está certo. E posei 90 vezes para ele.

GERTRUDE SENTA-SE E PICASSO COMEÇA A PINTAR O SEU RETRATO. LUZ TAMBÉM VAI PARA ALICE, EM OUTRO PONTO.

ALICE

Eu era apenas dois anos mais nova do que Gertrude. Quando eu a vi pela primeira vez foi aqui em Paris, na casa de Sarah Stein, que viria a ser a minha concunhada. Gertrude era um ser iluminado pelo sol da Toscana. Um brilho dourado no cabelo castanho e sedoso. Quando eu a vi, usava um terno de veludo cotelê marrom. Usava um broche de coral redondo, e, quando falava ou ria, sua voz parecia emanar daquele broche...

GERTRUDE

104 Eu não falei nada naquele dia!

ALICE

Falou sim!

GERTRUDE

Não falei!

ALICE

Falou sim!

PICASSO

Alice! Naquele dia, Gertrude ficou sentada como um Buda em meditação.

ALICE

Era uma voz diferente de qualquer outra; profunda, aveludada como uma voz de contralto, como se houvesse dois timbres. Isaurinha e Elis cantando juntas. Suas mãos eram delicadas e o formato de sua cabeça maravilhoso, único.

GERTRUDE LEVANTA-SE, AGITADA. PICASSO SE IRRITA.

PICASSO

Continua sentada.

GERTRUDE

É uma história de amor, Pablito. Eu e Alice marcamos um encontro. Ela não veio.

105

PICASSO

Vem posar!

GERTRUDE

É o começo de um amor eterno. Eu fiquei esperando. Ela não veio. Ela não sabia que eu podia ser Rei Lear quando bem entendesse.

ALICE VEM PARA GERTRUDE. FICAM DIANTE UMA DA OUTRA.

GERTRUDE

Fui atrás dela. Ela estava no Jardim do Luxemburgo. Por que tem medo? Nem sabe o que aconteceu e muito menos ainda o que vai acontecer.

AS DUAS PASSEIAM ENTRE AS ÁRVORES.

ALICE

Gosta de Flaubert? Traduziram Flaubert para o inglês...

GERTRUDE

106 Ótimo... Eu só gosto de ler em inglês... Olhe as flores do outono...

ALICE

Sim, senhora Stein...

GERTRUDE

Gertrude.

ALICE

Sim, senhora Stein.

PICASSO

Chama de senhor Stein que ela tem um orgasmo... Uma orquídea, como ela diz.

GERTRUDE

Cala a boca, Picasso!

PICASSO

(PARA ALICE) Sabia que Gertrude chama o orgasmo de orquídea?

GERTRUDE

(PARA PICASSO) Você cala essa boca, ou não digo pra ela ter aula de francês com sua putinha Fernande, que está precisando de dinheiro... Pausa... Uma longa pausa... Uma pausa tchekhoviana... Eu adoro Tchekhov. Conhece o monólogo final do Tio Vânia?... “Que havemos de fazer? Temos que continuar a viver. Vamos viver uma longa série de dias e de noites. E quando chegar a nossa hora, morreremos resignados, e do outro lado do túmulo, Deus há de ter misericórdia de nós. E, nessa altura, nós vamos ter uma vida mais luminosa, mais bela e perfeita. Vamos melhorar a alegria e vamos olhar para o mundo com ternura, e descansaremos. Eu acredito nisso. Acredito com ardor, com paixão. Descansaremos. E, ao ouvir os anjos, veremos o céu todo coberto de estrelas, que são como diamantes. Veremos todo o mal da terra, todos os que sofreram, inundados pela misericórdia que vai

encher o mundo inteiro. E a vida dos homens será boa, terna, e doce como uma carícia. Eu acredito. Eu acredito. Tchekhov é do caralho! (VOLTANDO PARA ALICE) E então?... Quer ter aulas de francês com a mulher de Picasso?...

ALICE

Quero.

GERTRUDE

Fernande é insuportável.

ALICE

Não quero.

GERTRUDE

Mas Picasso é genial.

ALICE

Quero.

GERTRUDE

E você vai poder estar sempre olhando os quadros dele... (AGARRA ALICE) O sexo a gente resolve na cama.

PICASSO EXIBE UMA MOLDURA VAZIA.

GERTRUDE E ALICE OLHAM.



PICASSO

Olha o quadro que eu pintei.

ALICE

Não tem nada. É uma tela vazia, Gertrude.

GERTRUDE

Maravilhoso! Estonteante! Fantástico! Essas três mulheres quadradas, no meio de uma multidão, pintadas de castanho-avermelhado... Gosto... Têm um ar sinistro...

PICASSO

Neste quadro, a morte nada mais é do que uma asa negra sem cor.

GERTRUDE

Que beleza, não é, Alice?

ALICE

Impressionante. E a aula de francês?

GERTRUDE

Pablo, onde está Fernande?... A senhorita Toklas não vai ficar o dia inteiro esperando por sua beleza...

PICASSO

Foi fazer unhas, Gertrude.

GERTRUDE

Han?

110

PICASSO

Ela cuida das unhas. Ela não rói as unhas como vocês, lésbicas. Ela queria receber muito bem sua nova aluna, viu, Alice?

GERTRUDE

Pablito!

PICASSO

Tudinha!

ALICE SE AFASTA, ESPANTADA E COM DÚVIDAS.

ALICE

Eu pensei: se ele a chama de Tudinha e ela o chama de Pablito é porque são íntimos. Serão amantes?

GERTRUDE

(INDO PARA ALICE) Eu amo Alice. Admiro sua perfeição, admiro sua pureza, admiro sua ternura. Admiro seu charme, admiro sua vaidade... Admiro sua dedicação, admiro seu humor, admiro sua inteligência, admiro sua rapidez, admiro seu brilho, admiro sua doçura, admiro sua delicadeza, admiro sua generosidade, admiro sua orquídea.

ALICE

111

Orquídea?

ALICE E GERTRUDE SE BEIJAM LEVEMENTE E ALICE CHEGA AO ORGASMO. PICASSO COMENTA, IRÔNICO.

PICASSO

Entendeu agora, Alice? (PARA A PLATÉIA) Elas são loucas.

GERTRUDE

(ACARICIANDO ALICE) Orquídeas são muito agradáveis. Sabem onde ficam? Ficam entre as pernas. Eu digo a vocês, eu digo a vocês, eu digo a vocês o quanto eu amo a minha judia. Eu digo a vocês e eu digo a vocês. Eu digo a vocês e eu digo a vocês. Como posso viver só um dia, eu digo a vocês que eu amo a minha judia. Como posso ter o seu desejo? E eu me importo com o seu cabelo e com o resto do corpo da minha judia. Eu amo todos os dias a minha judia. Ela suportaria o frio que cura, que curou e está curado. E uma orquídea, como pode uma orquídea prosseguir, agora uma orquídea pode prosseguir porque eu tenho uma orquídea. Eu tinha uma orquídea e você agora tem uma orquídea você tem uma orquídea você tem uma orquídea agora. (LEVANTANDO-SE) Isto é vencer! Isto é vencer como uma bela coruja vence o beija-flor.

PICASSO

Não entendo, Gertrude!

GERTRUDE

Pablo, como não entende? O beija-flor sou eu e ela é linda como uma coruja.

PICASSO

Gertrude, vem posar! (OLHANDO PARA ALICE)
É preciso olhar o lado feio.

GERTRUDE SENTA-SE PARA POSAR PARA PICASSO. ALICE VAI PARA UM PONTO DISTANTE.

ALICE

Eu tenho um lado feio... Eu tenho um lado diabólico... Eu tenho um lado do mau ladrão... Eu tenho um lado que está permanentemente sufocado... Eu ainda morava em San Francisco... Houve o terremoto... Foi horrível... Tudo balançava, despencava... Vi casas caindo... Minha casa desabou... As pessoas desesperadas nas ruas tentando se salvar... Um velho carregando um pedaço de alcatra debaixo do paletó, como se fosse o maior tesouro... Pessoas com sacos de farinha, latas de óleo... Era preciso comer!... Sobreviver...

113

GERTRUDE

Foi assim em Kobe nas favelas e com os meninos na Candelária.

ALICE

(EM PÂNICO) E eu enterrando a prataria da família... Não estava querendo farinha, nem óleo, nem feijão, nem arroz, nem chuchu, nem caviar, nem carne-seca... A prataria da família... Corri no meio das casas que iam caindo como cartas de baralho e covoquei, covoquei, covoquei... Minhas unhas ficaram sujas, imundas, pretas de terra... E enterrei um souplat, um porta-lavanda, dois talheres de peixe... Ao meu lado, uma criança estava morta, com uma viga cortando o pescoço... Uma velha arrastava a perna cheia de feridas... Mas eu queria enterrar também um porta-retrato... Eu sou feia...

GERTRUDE

É linda!

ALICE

Terrivelmente feia...

GERTRUDE

Linda!

PICASSO

(AGARRANDO ALICE COM FORÇA) Você quer ir para o Juqueri? Alice, melhor servir Gertrude... Cozinhar, digitar, passear, conversar... Todos te-

mos nosso lado feio... Minha mãe preferiu ficar sozinha... Como uma louca, eu digo!...

GERTRUDE

Por que sua mãe não veio atrás de você?... Porque não quis o seu mundo, o seu universo, as suas cores. Por que preferiu as cores solares e empoeiradas da Espanha?...

PICASSO

Um pai que nunca passou de um mero professor de Belas Artes, até o fim medíocre de sua vida medíocre... E essa mãe... E minha irmã que preferiu ficar com ela... Deviam ter seguido o macho, el hombre... Deviam estar aqui em Paris... Todos querem a Espanha.

115

Eu também quero a Espanha. Mas essa Espanha que não consigo tirar de mim nem colocar nos meus quadros, nas minhas cores, nessa luz que está invadindo sem que eu controle... Talvez um arlequim... Talvez a austeridade dos rostos das mulheres espanholas, esculpidos à faca, sangrentos e secos como a cara de um touro... O minotauro... Os caminhos desse labirinto...

GERTRUDE

Alice! Vai ser um jantar maravilhoso, um banquete!

ALICE

Você acha mesmo?...

GERTRUDE

As pessoas adoram! Comer cura depressão! O que você vai fazer?

ALICE

Eu não sei.... Deixa ver....

PICASSO

(FURIOSO) Gertrude, venha posar para mim. Disciplinadamente!

GERTRUDE VOLTA A POSAR PARA PICASSO.
ALICE VAI PARA UM PONTO.

ALICE

(PARA A PLATÉIA) Entrada: salada de endives, com molho roquefort... Atenção: não abusar do roquefort... Se ficar muito forte, o sabor refinado das endives se perde... Uma leve passada no molho, para que as folhinhas fiquem mais encorpadas... Depois, um namorado recheado com

salmon... Acompanhando, fundos de alcachofras recheados com marron... Para tirar o gosto do peixe, um sorbet... De preferência cítrico... Limão é ótimo, e faz um chic... O prato de resistência deve ser a vitelinha acompanhada de wild rice e chou de bruxelles... O climax é a sobremesa... Um bolo polonês... A mistura é feita com creme, ricota, manteiga, ovos, farinha... Eu vou ditar pra vocês prato a prato, com todos os ingredientes.... As medidas certas...

GERTRUDE

Acho que não é preciso, meu amor!

ALICE

117

Mas, lindona, eles podem errar na medida da ricota...

GERTRUDE

É verdade!

ALICE

Fica horrível... Então, eu passo a receita dos ovos cozidos acompanhados de creme batido, trufas e vinho madeira... Ou será que vocês preferem a lebre com champanhe, conhaque, gordura de porco, creme, manteiga e ervas finas?... Ah, a omelete?... Seis ovos e conhaque... Nada de conhaque

vagabundo... Conhaque de primeira qualidade... Napoleón, Courvoisier? Na dúvida, cachaça!... Recheiem com pequenas porções de queijo emental... Huummm, eu me lembrei de uma receita que Etty Fraser me passou: pato com gordura de carne e castanha... Maravilha sublime!... Posso ensinar como se ferve maçã com rum, como se flamba banana com kir, como se faz chocolate com ovos batidos, chocolate amargo, açúcar e cointreau... Cointreau! Ah, isso é uma orquídea!... Depois de tudo isso, é bem possível que apareça alguma cólica, indigestão, vômito, problema renal, dificuldade de urinar, reumatismo, vertigem, problemas respiratórios, vermes... Eu aprendi tudo isso com a cozinha maravilhosa da Ofélia!

PICASSO

Gertrude, talvez seja essa a receita certa para o cubismo.

GERTRUDE

(INDO PARA ALICE) É...

NISSO, PICASSO TEM UM ATAQUE, TIRA UM PANO COM TÍNER E APAGA O ROSTO DO

RETRATO. GERTRUDE E ALICE REAGEM, VINDO PARA O RETRATO.

ALICE

(ESPANTADA) Mas o que é isso?... Gertrude, o seu rosto?... Apagado com terebintina!

GERTRUDE

Senhor Pablo Picasso, o senhor pode explicar?

PICASSO

Eu vou para a Espanha. Eu quero desaparecer. Eu não quero mais ver você, Gertrude! Nem você, Alice. Eu não agüento mais ver todo mundo comendo na tua mão, lambendo o seu saco! Eu não quero mais a fase rosa, a fase azul, qualquer fase. Eu não agüento mais a antropofagia, o tropicalismo, a geração 80, a Casa 7... Eu não agüento mais a volta da Jovem Guarda!... (SAI COM O RETRATO QUE PINTAVA)

119

TEMPO. MÚSICA E SOM DE BOMBARDEIO. PICASSO VOLTA, SEM O RETRATO E ANUNCIA:

PICASSO

A guerra! A guerra!

ALICE

Guerra?

GERTRUDE

Essa guerra não vai durar a vida toda...

PICASSO

É somente a Primeira Grande Guerra!

ALICE

(MEDROSA) Virão outras ainda?...

GERTRUDE

Virão muitas... Até a última, a guerra santa nuclear... Mas iremos resistindo... Até que nossos cadáveres tombem.

120

PICASSO

Os filhos da puta dos alemães avançam...

GERTRUDE

A guerra está ali, Alice. Já estamos em setembro... Os alemães atacam no Marne... Olhe e veja as fumaças, os grandes rolos de fumaças indizíveis, sedutores, absurdamente cruéis... Fumaça, bomba, incêndio.

ALICE

Gertrude, os alemães foram batidos no Marne..
Estão recuando...

GERTRUDE

(EMOCIONADA) Ainda estão em Paris, eu sei...

ALICE

Estão, mas logo Paris será salva! Salva!... A França de novo dos franceses!... A megalomania alemã enterrada...

GERTRUDE

Eu podia falar da guerra com tantas palavras fortes, com tantas palavras duras, com tantas palavras apropriadas. Eu poderia reduzir tudo isso a um raciocínio pleno, reto, sem nenhuma distorção de rota para mostrar onde chega a loucura humana. Eu poderia falar de como sobreviver ao racionamento e às bombas usando as lágrimas, o medo ou até mesmo o suicídio. Mas eu não quero falar nada... Só sinto nojo! Nojo por essa guerra... Nojo por todo tipo de guerra... Nojo!... Estou cansado!

ALICE

Cansada!

GERTRUDE

Cansado! Eu sou um homem! Não importa que a natureza tresloucada tenha me dado um par de tetas e uma boceta que me dá sempre a sensação

de ter levado uma navalhada. (INDO PARA O PROSCÊNIO) Sou um homem com O maiúsculo. Detesto os agás. (SENTANDO-SE NUMA CADEIRA) Que fiquem para os gatos para os ratos... Vem cá, Alice!

ALICE VEM PARA GERTRUDE. SENTA-SE AOS PÉS DELA.

GERTRUDE

122 Quando eu tiver dado a você todas as palavras do mundo, todas as florestas da América, todos os pedaços noturnos que há no céu... Quando eu tiver te dado tudo o que brilha e os olhos não puderem ver todo o fogo da terra porque estão cheios de lágrimas e eu te der a semente macha que faz nascer o dilúvio... Quando eu tiver te dado o furor de todas as dores e essa missa negra de minha adoração perpétua, que seja maldito o meu corpo e a minha alma, você me dará o seu corpo em cruz dilacerado de amor e eu inventarei para você uma flor chamada rosa! (GERTRUDE LEVANTA ALICE. AS DUAS FICAM FRENTE A FRENTE) Uma rosa é uma rosa é uma rosa!

ALICE

(PARA A PLATÉIA) Este é um verso de Gertrude que todo mundo conhece mas ninguém entende. Tanto que até hoje a crítica e o público não chegaram a nenhuma conclusão. (PARA GERTRUDE) Eu te amo!

GERTRUDE

Deixa eu botar a mão no teu peitinho, roçar suavemente o teu clitóris, ah eu tenho mais lembranças do que se tivesse mil anos!

PICASSO

(ENTRANDO) Isso é Baudelaire!

GERTRUDE

Claro que é! Viva Baudelaire!

ALICE

Picasso voltou!

AS DUAS RECUAM E FOCO SOMENTE EM PICASSO.

PICASSO

(PARA A PLATÉIA) Eu também tenho mil lembranças. Mais que mil. Milhões. Lembranças que não me saem da cabeça, como se fossem piolhos. Olho. Escuto. Penso. Penso nas gravuras eróticas

que ainda brotam no meu cérebro e sinto meu mindinho em ereção. Só o mindinho, não mais que isso. Mas quero uma ereção enorme. Uma ereção que penetre em tudo, que penetre na vagina da grande mãe da arte, a morte. Sou um bicho. Raspo a tela com a espátula, com toda a força dos meus punhos. Punhos que um dia seguraram um cigano que não quis ler a minha sorte. Que sorte me espera? Quero um cavalo aberto de cima a baixo, que me jogue diante do mundo, que acabe com as fronteiras. Ali a Espanha termina no braço da África. Sou mouro, sou tolo, sou eu. Eu, inteiro na minha loucura genial, pronto para devorar qualquer prato que acabe com essa busca, essa busca, essa busca. Essa busca de um caminho que não sei onde vai dar. Há sempre uma pedra no meio do caminho. Há sempre um caminho que se desvia para um beco. Eu. Eu. Eu, com meu cavalete, meus pincéis, minha palheta, minha boina, minha cara de macho e a alma azul buscando essa busca. Eu me perco. Vejo teias de aranha, pães secos, pedaços de tetas, uma paella que só eu ousou inventar. Só eu. Eu convido, eu insisto, eu coloco a mesa e ninguém tem a cora-

gem de provar essa comida. Uma chicotada na cara de cada um. Terebintina no rosto de todos. Quero apagar as emoções, quero sumir com as expressões. Quero me ver solto como se fosse somente o rabisco e o imaginário do desenho. Conheço as feridas de todo mundo. Ouço gritos. Gritos de crianças, gritos de mulher, gritos de pássaros, gritos de flores, gritos de madeiras e de pedras e de tijolos. São gritos que saem da minha boca, e eu não percebo. Gritos que finjo não serem meus. Não me dou mais o direito de ser impune. Sou O Pintor, um algodão que o sol banha nesse prato onde cozinhei tudo, onde fiz a paella que nem eu mesmo tenho vontade de comer. Mas eu preciso comer. Mas eu vou comer. Como se fosse a última ceia, como se depois fosse morrer. Porque eu morro quando pinto. E a única coisa que resta é meu pé nessa areia. Eu chego aos 90 anos, faço mais um filho. Atravesso um século como se fosse um dia. E fico sentado, como se fosse minha mãe diante da porta, olhando a estrada empoeirada e chamando o cigano para repartir comigo a paella. Quem sabe ele um dia dirá qual será a minha sorte... Dirá que

virão dias terríveis... Dias em que dois homens precisarão dividir um cigarro... Dias em que não precisarei mais perguntar se é verdade que se deve amar o próximo... Eu não amo o próximo! Minha vida é inoportuna, mas a minha morte será anunciada em todos os jornais do mundo! A morte, trágica e risível, como numa peça de Nelson Rodrigues!

PICASSO SAI. GERTRUDE COMENTA ENTUSIASMADA.

126

GERTRUDE

Picasso é realmente exorbitante!

PICASSO VOLTA, COM O RETRATO QUE FEZ DE GERTRUDE.

PICASSO

Terminei o quadro.

GERTRUDE E ALICE CHEGAM ATÉ O RETRATO.
AS DUAS OLHAM O RETRATO.

ALICE

Que rosto horrível é esse? Essa não é a minha Gertrude. Ficou a sua cara, Picasso!

PICASSO

(PARA ALICE) Se ela não gostou, que vá posar para Anita Malfatti!

GERTRUDE

Eu achei maravilhoso! Estonteante! Belíssimo! Fantástico! (SAINDO PARA O MEIO DA CENA) Todos os meus amigos ficaram irritados. Minha cara parecia uma máscara africana. Olhos em forma de amêndoas. Um olho maior que o outro. Eu achei maravilhoso, mas os meus amigos não. Eles diziam... Ela não se parece com isso. Ela não é assim!

127

ALICE

(PARA PICASSO) Ela não é assim!

GERTRUDE

E Picasso respondia:

PICASSO

Ela será assim!



GERTRUDE

Dez anos depois a minha cara era exatamente aquela que ele pintou no retrato. Ter talento é prever!

PICASSO

Odeio confessar, mas foi Matisse quem me deu a máscara africana que serviu de modelo.

GERTRUDE

(PEGANDO O RETRATO E LEVANDO PARA O PROSCÊNIO) Este quadro ficará na história. Ele irá para algum museu da América. (PARA ALICE) Vamos dar um grande banquete para toda a geração perdida para inaugurar o retrato. Um banquete uma comilança uma grande bouffe.

129

ENQUANTO GERTRUDE ESTÁ FALANDO ANIMADA, PICASSO MOSTRA PELA PRIMEIRA VEZ PARA A PLATÉIA O “RETRATO DE GERTRUDE STEIN”.

ALICE

Um banquete!

GERTRUDE

(MUDANDO. ASSUSTADA) O que é aquilo?

PICASSO

Um tanque de guerra camuflado.

ALICE

Um banquete.

GERTRUDE

O que é aquilo?

PICASSO

Um tanque de guerra camuflado.

GERTRUDE

A noite em que Apollinaire morreu, Picasso e eu caminhamos juntos. No caminho, nós encontramos uma parada de canhões. Foi a primeira vez que um de nós viu alguma coisa pintada como camuflagem e parecia cubismo a pintura dos canhões. Picasso chorou e disse uma oração curta.

PICASSO

(VINDO PARA GERTRUDE) Nós criamos isso. E veja no que se transformou.

GERTRUDE

E eu chorei com ele. O dia em que a paz foi declarada eu pude respirar novamente. A sombra tinha passado, mas tinha deixado a sua marca.

ALICE

(VINDO PARA GERTRUDE) Picasso, ela está chorando.

PICASSO

(TAMBÉM VINDO PARA GERTRUDE) Gertrude, você é o divisor de águas da moderna literatura norte-americana. (PARA A PLATÉIA) A extraordinária receptividade que ela teve não foi por causa dos seus livros que foram compreendidos, como a Autobiografia de Alice B. Toklas, mas aos seus livros que não foram compreendidos. Mesmo os editados em português por Pedro Paulo de Senna Madureira.

131

(PARA GERTRUDE) Gertrude, você é a mãe espiritual dos escritores norte-americanos. Hemingway, Fitzgerald, Anderson... (PARA A PLATÉIA) Ela influenciou particularmente John dos Passos e Caldwell. Influenciou mesmo aqueles que nunca vieram se sentar aos seus pés, como Steinbeck e Faulkner.... (VAI SAINDO DE PERTO DELAS)

ALICE

Viu, Gertrude, que coisas lindas que Picasso disse?

PICASSO

Mas ninguém lê Gertrude Stein!

ALICE

Você ouviu as coisas maravilhosas que Picasso disse? Não fique assim... Você que escreveu tudo o que escreveu...

GERTRUDE

O que eu escrevi?

ALICE

Coisas tão lindas... As Três Vidas.

GERTRUDE

Recusada 12 vezes pelos editores. Eu tive que pagar para publicar. Pior que pagar michê.

ALICE

Ida!... Ida!...

GERTRUDE

Edição ridícula, medíocre. A capa se desfazia com um sopro qualquer. Pulp-fiction!

ALICE

E o seu grande livro: A Evolução dos Americanos.

GERTRUDE

Meu livro de mil páginas. O filho da puta do meu irmão leu e disse que havia 999 páginas a mais do que devia.

ALICE

Mas era pura inveja... O seu irmão Léo, que não interessa, nunca conseguiu escrever nada... Mas você... Veja... As Conferências na América.

GERTRUDE

Nas conferências, todo mundo queria saber se eu tinha operado a fimose. Canalhas! Mas me aplaudiram pelas respostas que eu dei. Mas escrevi a autobiografia de Alice B. Toklas, meu grande best-seller, e a heroína era você. Que ironia! Você sabia muito bem que a heroína era eu. Eu sei escrever. Escrevo sobre tudo. Eu sei tudo. Eu sei tudo.

133

Eu sei mais Shakespeare que Barbara Heliodora Carneiro de Mendonça, eu sei mais frases feitas que Antonio Abujamra. E autobiografia é fácil. Vou escrever a autobiografia de todo mundo. Cuidado comigo! Tudo isso é lixo. O que eu dei para eles? Eu devia ter escrito Mary Stuart.

ALICE

Você deu tudo. Deu arte. A mais pura das artes.

GERTRUDE

Você está linda, Alice...

ALICE

Deus a abençoe pela mentira. A luz jamais dispôs de uma ruína tão completa.

GERTRUDE

Vamos comer. Essas são as palavras, não é, Picasso?

PICASSO

Comer primeiro, depois a moral! Gertrude, esta guerra é muito mais sangrenta do que as suas palavras podem supor.

GERTRUDE

134 Eu não quero saber da guerra! Vamos comer, vamos bater lata! Picasso, toda a geração perdida... Você, Matisse, Cézanne, todos virão aqui... Essa geração é realmente maravilhosa, não é, Alice? (VENDO QUE ALICE PASSA MAL) O que houve?

PICASSO

Ela tem fome, Gertrude!

GERTRUDE

Como fome? A despensa está cheia.

PICASSO

Ela deu tudo para os sem-terra do Pontal do Paranapanema.

GERTRUDE

Como?

PICASSO

Ela é boa, Gertrude... Insuportavelmente boa... Eu vomito só de pensar na bondade dela... Ela é punk! Essa bondade que ainda vai acabar com ela... Já pensou na cena?... Eu quero pintar esse ritual... Americana, da Califórnia, filha de pais ricos, uma mulherzinha empenada que pensa ser descendente dos reis da Polônia morrendo em plena rue de Fleurus... Morrendo nesta Paris que sempre foi uma festa e hoje é uma sala cheia de pontas de cigarros, de restos de maconha, de garrafas vazias e camisinhas usadas... Que santa ironia!... Um belo quadro! A guerra vai fazer com que a Rainha da Empadinha morra de fome!

135

GERTRUDE

Como morrer de fome?... Eu vendo um quadro!... Dez quadros!... Mil quadros!... Eu vendo toda a coleção...

PICASSO

Você está certíssima, desde que não venda um quadro meu... Venda um Matisse... Está na moda... Venda A dama com chapéu...

GERTRUDE

Eu vou comprar tudo para um banquete... Um grande banquete para Alice... Alice, você não quer um banquete?... Flutes de champanhe... Damascos secos... Figos turcos e amêndoas japonesas... Podemos chamar Cézanne, Bracque, Laurencin, Pagu, Matisse... Matisse não, ele pode sentir falta do quadro... Mas chamamos Gris, Max Jacob, o grupo Olodum, todos os cubistas os sensacionalistas os terceiro-mundistas. Vamos comer, caetanear e ouvir Maria José de Carvalho, de seu lunário, dizendo Fernando Pessoa...

136

ALICE

Um banquete... Como antes... Eu preciso desenterrar a prataria da família... Houve um terremoto em San Francisco, sabia, lindona... Eu enterrei as pratas...

GERTRUDE

Vai, Picasso!

ALICE

Um banquete... Cocteau, Jean Marais, Apollinaire...

GERTRUDE

(NERVOSA) Vai, Picasso, vende logo o Matisse!

ALICE

(DELIRANDO) Lá em casa de papai os banquetes eram fenomenais... Começavam com enormes saladas verdes, depois os gansos, galinhas d'angola...

GERTRUDE

Eu sempre ouvi extasiada quando você me falava das cornucópias e aipins, jerimuns e querubins, serafins e mandacarus... Até que chegavam as grande carnes... Javalis e elefoas, e quebra-queixos e os matagais dos alambrados onde cantavam desde sempre os sabiás.

137

GERTRUDE / ALICE

(MEIO CANTANDO) Minha terra tem palmeiras onde canta o sabiá... As aves que aqui gorjeiam não gorjeiam como lá...

GERTRUDE

Lolitas e fantasmas comeriam os parques pardais que ousavam percorrer as linhas do telefone, telégrafo ou telefonia sem fio. Parabólicas insensatas recheadas com bobós de camarão... Você vai ter tudo isso de novo, minha linda...

ALICE

Não, lindona, a guerra acabou com a comida... Picasso vai conseguir só um pedaço de carne de gato ou uma galinha velha ou um pedaço de queijo ou um nada que alguém esqueceu atrás de um muro mijado e pichado!

GERTRUDE

Fique tranquila, Alice! Você vai ter esse banquete de novo.

ALICE

A IMAGINAÇÃO NO PODER!... Eu tantas vezes me perco, Gertrude, eu não sei onde estou! Ontem mesmo, quando voltava do Forum des Halles, você me pediu que levasse seus coturnos ao sapateiro, lembra?... Estava voltando, aquelas bombas horríveis explodindo, um árabe estourou na minha frente, sujou meu vestido de sangue... Estava voltando e, de repente, fiquei parada, parada, parada... Olhei para um lado e ali estava o Jardim do Luxemburgo... Olhei para o outro e vi o Empire State Building... Olhei para um outro lado e vi a Piazza San Marco... Olhei para a frente e vi o Viaduto do Chá... Eu entrei em pânico... Mesmo respirando fundo, mesmo fazendo como

um cachorrinho assim... uhuhuhuhuh... eu entrei em pânico... Entende, lindona, porque não posso ficar sozinha?... Entende por que não posso viver sem você?... Mesmo que continue para sempre andando atrás?

GERTRUDE

Como se fosse uma sombra, como se fosse um personagem do Nelson Pereira dos Santos em Vidas Secas?...

ALICE

Gertrude, sem você eu me suicido. Eu corto os pulsos e com meu sangue inundo o Sena, o Tâmi-sa e o Tietê. Rubros os rios que riem da ruidosa raiva que me rói. (INDO PARA SUA MESA) Eu vou digitar todos os seus livros de novo... Eu não entendo nada do que está escrito neles. Mas vou digitá-los... Até a minha morte... Depois, quando eu morrer...

139

GERTRUDE

Você não vai morrer!

ALICE

Vou sim... Quando eu ainda estava em San Francisco, eu fui assistir a Streetcar named Desire...

(PARA A PLATÉIA) Um Bonde chamado Desejo. Odiei Blanche Dubois... Como pode existir uma mulher como aquela?...

GERTRUDE

Minha querida, existem tantas...

ALICE

A única cena que me comoveu... Até chorei um pouquinho, foi quando Blanche imagina sua morte no mar... (COMEÇA A REPRESENTAR)
O resto da minha vida eu vou viver no mar. E quando eu morrer, morrerei no mar. Morrerei com a minha mão na mão de um jovem médico de bordo. Um jovem com um bigodinho muito loiro e um enorme relógio de prata no bolso. Sabe como eu morrerei? Morrerei por ter comido uma uva que não estava bem lavada. E todos dirão: pobre senhora, o quinino não fez mais efeito. Aquela uva que não estava bem lavada transportou sua alma para o céu. Serei sepultada no mar. Serei costurada num saco branco e limpo e lançado ao mar ao meio-dia, no calor do verão. E o mar estará azul. Ah o mar onde vou morrer. E o mar vai virar sertão e o sertão vai virar mar!

GERTRUDE

(APAVORADA) Não, Alice, não... Todos virão para o seu banquete... Os famosos os que não são famosos os que nunca serão famosos.... Todos!.... Eu chamo até Matisse... E o tetrateno de Leonardo da Vinci, Isadora Duncan e seu irmão desconhecido, o busto de Lenine ficará aqui, Hemingway e sua ridícula espingarda – quando tem uma espingarda no texto ela tem que disparar – a Bandeira Rossa jogada em qualquer parte Ezra Pound e seu Ponto Luminoso, Joyce Pascowitch, Thornton Wilder, oh eu adoraria ser um ator em Nossa Cidade... O Aleijadinho, Dulcina e Odilon, Lilian Lemmertz, Glauce Rocha, Margarida Rey, Cacilda Becker... Até aquele visconde que ficou famoso porque deu o cu para Oscar Wilde.... E Gilberte Albertine, Odette de Crécy, as dragqueens de Proust, que ainda não sabem mas virarão gerânios e agapantos, virarão girassóis e frésias e gentis controvérsias. E um circuladô de fulô gigantesco levado por um caballero de fina estampa as levará para o Oriente, o Oriente de onde tudo, o dia e a fé, o Oriente pomposo fanático, é quente. Então, Alice, nós

iremos para a Dinamarca e veremos Hamlet! E entenderemos a dúvida, meu amor! Ser ou não ser, e resolveremos a questão!

PICASSO ENTRA, ZONZO DE CHEIRAR COLA, COM DOIS SACOS PLÁSTICOS E UM PACOTINHO DE COMIDA. JOGA UM SAQUINHO PLÁSTICO PARA ALICE, QUE CONTINUA EM SUA MESA. ALICE COMEÇA A CHEIRAR A COLA DE SAPATEIRO. PICASSO FALA, ALUCINADO:

PICASSO

142

A comida! Consegui um repolho e um pedaço de pão duro... Chorei um pouco e o filho da puta do sujeito que controla o mercado negro de comida acabou me dando também um pedaço de rapadura... Pensei que um Matisse valesse mais... Mas sabe o que ele disse quando viu o quadro?... Por que essa mulherada tá de chapéu?... Devia estar sem nada, com a xoxota de fora hahahahaha.... Você quer que eu corte o repolho e faça uma salada?... O pão dá pra amaciar se passar no fogo... Eu boto um pouco de querosene numa latinha e acendo....

GERTRUDE

(CORTANDO) Não!... Vem cá, Picasso...

PICASSO

Eu vou ralar a rapadura... Glicose... A melhor coisa para levantar...

GERTRUDE

(FIRMÍSSIMA) Vem cá... Abre essa boca... Deixa eu cheirar....

PICASSO

Eu não vou abrir minha boca prum sapatão...

GERTRUDE

(FIRMÍSSIMA) Vai abrir essa sua boca nojenta prum sapatão sim... Pruma fanchona, pruma muié macho, pruma lésbica, sim!... Abaixa aqui...(PICASSO ABAIXA E ELA CHEIRA A BOCA DELE) Eu sabia...

PICASSO

Eu tomei sim... Fogo Paulista... E comprei cola de sapateiro pra todo mundo... (VAI PARA GERTRUDE E ENTREGA O OUTRO SACO PLÁSTICO PARA ELA) Gertrude, meus ossos doem, minha vista parece estar olhando pra outro país, mas aprendi que é assim que as crianças daqui de Paris, de Sarajevo, de Calcutá, da Favela Ordem e Progresso cortam a fome.

GERTRUDE CHEIRA A COLA TAMBÉM. OS TRÊS, AGORA, ENLOUQUECIDOS E ZONZOS. EXPLODE UM TRECHO DE ÓPERA E ELES ZANZAM PELO ESTÚDIO. DEPOIS DE UM TEMPO COM A LOUCURA E A VIAGEM DELES, ALICE E GERTRUDE SAEM DO PALCO. FOCO SÓ EM PICASSO.

PICASSO

144 Eu, Pablo Picasso, nasci no dia 25 de outubro de 1881, em Málaga, Anadaluzia, Espanha. Nasci morto. Ou pelo menos pensavam que eu estava morto. Não respirava nem me movia. A família abandonou o meu corpo sobre uma mesa, menos meu tio Salvador, que soprou em minhas narinas a fumaça de seu charuto. Fiz uma careta horrível e gritei: um gênio veio ao mundo! Isto sim devia estar no livro do doutor Delamare: “A Vida do Bebê”. Eu passei muita fome... Aquela fome que atinge o ponto insuportável de nem doer mais... Eu andei por todas essas ruas de Paris olhando os bolos, os cremes, os sorvetes, os crepes com olhos fundos... Quando penso que a Sotheby’s ou a Christie’s vende hoje um quadro meu para um japonês ou um norte-americano por milhões de dólares, eu penso no pão que não comi, no

vinho que ficou só na vontade na minha garganta, no queijo que meu nariz se recusou a cheirar e nas mulheres que não foram pra cama comigo porque eu não tinha cama. Agora é a guerra. Agora são os dias sombrios. Por isso eu entendo o jeito que Gertrude e Alice vivem. Luz e Sombra. Senhor e Servidora. Uma com a outra sem que possam se separar. Gertrude talvez tenha sido a única pessoa que entendeu minha pintura e a minha vida. Entendeu porque chamo minha mãe de louca porque preferiu continuar sem pão vivendo naquela Espanha cheia de padres e empestada de incenso. Ela preferiu a fome, eu quero me livrar da fome. Nem que seja com cola. Esta cola me lembra a feitura das molduras dos pincéis. Esta cola talvez faça parte da minha pintura como a fome faz. Mesmo que a Sotheby's ou a Christie's vendam meus quadros a japoneses e norte-americanos por milhões de dólares. A fome ficará para sempre dentro de mim. Mesmo que minha filha Paloma invente um perfume, caríssimo, nem esse perfume apagará o cheiro disto aqui. Minha mãe, eu vou lhe dar um auto-retrato onde talvez pela primeira vez

meus olhos não sejam de peixe-morto. Mas brilhantes. Delirantemente brilhantes como se fossem diamantes puros pontos de luz versos de Aragon e a tradução mais perfeita da fome que levarei comigo por toda a vida.

LUZ SE ACENDE SOBRE GERTRUDE E ALICE, QUE ENTRARAM COM SUAS MALAS. ALICE, COM SEU NOTEBOOK. PICASSO REAGE.

PICASSO

Para onde vocês vão?

GERTRUDE

Para fora de Paris.

PICASSO

E a geração perdida?

GERTRUDE

Eu fui toda a geração perdida. Picasso, vocês todos pensam que eu inventei a geração perdida. Sabem exatamente o que eu fiz? Eu só ajudei a perder a geração perdida e achei tudo muito divertido. Eu sou como um toureiro.

PICASSO

O toureiro sou eu!

GERTRUDE

Não, Pablo. Você inventa um toureiro, pinta um toureiro, seu toureiro talvez seja o mais valente matador do mundo. Eu sou um toureiro como Oswald de Andrade. Sempre pronto a enfrentar o que pensa ser o último touro. Não há último touro, não há última vanguarda. Há sempre o penúltimo touro, a penúltima vanguarda. E o sonho não deve passar de uma noite! Picasso, o que você me disse um dia sobre tirar todos os traços da realidade?

147

PICASSO

Gertrude, você não aprendeu ainda? Que você não tem nada a temer porque a idéia do objeto permanecerá, é a idéia e não o objeto que é importante.

GERTRUDE

Eu sempre fiz isso na literatura... Tenho feito isso... Eu agradeço seu gênio por isso, mas agradeça ao meu, por dizer isso a você!

PICASSO

(IRÔNICO) Obrigado, Gertrude!

GERTRUDE

Não se esqueça nunca disto, Pablo Picasso... Você começa pintando, você vai pintando, você vai pintando, eu vou escrevendo, eu vou escrevendo, eu vou escrevendo. Você percebe que deu sua vida para a pintura e eu percebo que dei minha vida para a literatura. Você vê que está entregando sua vida. Você não quer mostrar a pintura como eu não quero mostrar o livro. Aí, de repente, alguém pega o quadro ou o livro.

PICASSO

Não me importo com isso!

ALICE

Mentira!... Seus quadros são como seus filhos!...

GERTRUDE

Alice, não fale assim... Esse é um raciocínio barato e vulgar digno de Barcelona, San Francisco, Osaka, Rio de Janeiro, São Paulo... Mas você é o meu amor e eu deixo que diga isso com todo o gosto...

ALICE

Obrigada, Gertrude. (PARA PICASSO) Mentira! Seus quadros são como seus filhos! (PARA GERTRUDE) Eu nunca dependi da bondade alheia!

GERTRUDE

Alice, por favor, se quiser citar fale direito. A frase correta da Blanche Dubois é: eu sempre dependi da bondade de estranhos.

ALICE

Eu sempre dependi da bondade de estranhos. (INDO PARA SUA MESA COM RAIVA) Blanche Dubois... (REPETINDO) Eu sempre dependi da bondade de estranhos...

GERTRUDE

Picasso, veja... Quando alguém pega o quadro ou o livro você ou eu ficamos esperando o Sim ou o Não. O Sim é que você quer, o que eu quero. O Sim é agradável. O que todo pintor e todo escritor teme é o Não. Alice sempre coletou e digitou todos os papéis que eu havia escrito pela madrugada à mão e sempre à lápis.

149

PICASSO

Qualquer putinha faz isso!

GERTRUDE

Qual das suas putinhas fez isso por você? E Alice não é uma putinha. (INDO PARA A MESA DE ALICE) No fim da tarde nós líamos algumas páginas. Tomávamos chá. Era um ritual entre nós. Alice

era o Sim. Isso era muito importante. Porque eu sou a pessoa mais solitária do mundo, mas essa solidão momentaneamente era vivida por nós duas. (AS DUAS TOMAM O CHÁ) O mistério das catedrais está encerrado em meu peito.

ALICE

(TRIUNFANTE) É verdade!

GERTRUDE

(INDO PARA PICASSO) Quem viveu a sua solidão? Só você? Ou você com a lembrança da sua mãe louca?

PICASSO

150 Tomara que você nunca mais volte para Paris. Tomara que essa guerra dure até o fim do mundo.

ALICE

(RINDO) Aí, você não poderá pintar a Guérnica!...

PICASSO

(CORRIGINDO COM FÚRIA) GUERNICA!

ALICE

Vem, lindona! Vem tomar o chá!

GERTRUDE VOLTA PARA A MESA DE ALICE E AS DUAS RETOMAM O CHÁ, EM SILÊNCIO. PICASSO VEM PARA O CENTRO DO PALCO. FOCO NELE.

PICASSO

Ah, essa guerra... Sabe como vocês vão realmente acreditar que eu criei a pintura do século 20? Não com palavras. Nunca com palavras. Sabe como? Eu nunca andei de avião, mas eu sei que a terra é outra coisa vista lá de cima, completamente diferente do que vemos quando estamos num carro. Guerra! O automóvel é o fim do progresso sobre a terra. Naturalmente, a nossa vista se torna mais rápida quando olhamos para a paisagem, andando de carro. Guerra! Mas as paisagens vistas de um carro são exatamente as mesmas que vemos dos trens, das carroças, de tudo o que roda. A terra vista de um avião tem um outro aspecto. Eu sinto isso. Eu sei disso. Guerra! Eu estou criando uma pintura que o mundo vai ver, vai sentir, vai constatar. Com estas pinceladas. Com estes gestos loucos. Com este sem fim, sem fim, sem fim... Guerra! Guerra! Guerra!

GERTRUDE SAI DA MESA E VEM PARA PICASSO.
ALICE AINDA FICA LÁ.

GERTRUDE

Nós vamos vencer. A guerra precisa acabar, ela tem de acabar. Sabe como imagino esse dia, minha linda? (CHAMA ALICE COM UM SINAL) Todo mundo indo para as ruas, homens, mulheres, crianças, soldados, padres, freiras. Todos subindo nas árvores só para verem melhor o desfile da vitória... Todo mundo passando por baixo do Arco do Triunfo... Todos levando suas bandeiras. Sob uma chuva de morangos mofados por Caio Fernando Abreu.

152

EXPLODE A MARSEILLAISE. GERTRUDE E ALICE
DANÇAM ANIMADAS.

ALICE / GERTRUDE

(CANTANDO) O Rei de Roma ruma a Madri... O
Rei de Roma ruma a Madri... (CANTAM MAIS UM
TRECHO, E GERTRUDE CORTA)

GERTRUDE

Chega, Alice, chega! Nós estamos parecendo

Paulo Autran e Bibi Ferreira. (PUXA ALICE PARA SE SENTAR COM ELA)

ALICE

Acabou tudo! Foi como você disse, lindona! Um desfile lindo... Prestaram atenção no meu vestido... Meu chapéu quase voou... (TRISTE) Mas agora.... Há horas que estamos andando pelos Champs Elysées... A guerra acabou, Gertrude...

GERTRUDE

E montes de canhões estão sendo recolhidos... A paz reina sobre nós, Alice!

A MARSEILLAISE EXPLODE OUTRA VEZ. CORTA. PICASSO SE ADIANTA.

153

PICASSO

Apollinaire morreu dois dias antes do armistício. Feriu gravemente a cabeça e contraiu uma gripe horrível na Espanha. Matisse foi embora para Nice com a família. Juan Gris está muito doente. O governo, durante a guerra, se apropriou de todas as coleções cubistas, que acabaram sendo vendidas por uma ninharia... (PARA GERTRUDE) Ninguém mais se interessa pelo cubismo, Gertrude...

GERTRUDE

Eu me interessou. E isso significa que o mundo vai se interessar. A começar pela América.

OUVE-SE O HINO NORTE-AMERICANO E A BANDEIRA AMERICANA DESCE. GERTRUDE E ALICE SE POSICIONAM NO PROSCÊNIO, UMA DISTANTE DA OUTRA. GERTRUDE USANDO UM ESTRANHO CHAPÉU.

GERTRUDE

154 Minha amada Alice brilha nos Estados Unidos. Agora, ela está dando uma entrevista no Hotel Algonquin, o hotel onde Dorothy Park destila seu veneno!

ALICE

Claro que aquilo na cabeça de Gertrude é apenas um chapéu. Eu não sei porque tanto espanto. Pensei que as pessoas de Nova York fossem mais informadas. Eu vi uma pintura de Luís XIII usando esse chapéu no Museu de Cluny... Não, o Museu de Cluny não fica na Paulista Avenue. Fica em Paris... Achei que o chapéu ficaria maravilhoso

em Gertrude. E ficou... O que eu mais gosto de fazer em Nova York?... Ficar andando... Subir e descer as avenidas, olhar os prédios... Eu tenho calafrios quando vejo os arranha-céus... E achei muito esquisito um luminoso no Times Square anunciando: GERTRUDE STEIN ESTÁ EM NOVA YORK... Ora, como se não soubéssemos!... Os melões?... Eu sinceramente prefiro os melões espanhóis... Os onipresentes melões norte-americanos têm sido uma chatice... Não me perguntem mais sobre o chapéu de Gertrude. É apenas um chapéu!

GERTRUDE

155

É apenas um chapéu! Eu voltei para a América do Norte para fazer conferências, meu senhores e minhas senhoras. Eu sei que todos estão muito interessados na minha obra desde que a Autobiografia de Alice B. Toklas se tornou um best-seller... Mas eu quero falar sobre O QUE É A LITERATURA INGLESA... QUADROS... PEÇAS TEATRAIS... A PREPARAÇÃO GRADUAL DA EVOLUÇÃO DOS NORTE-AMERICANOS... RETRATOS E REPETIÇÕES... POESIA E GRAMÁTICA... E sobre

A IMPORTÂNCIA DOS BAIANOS NA OBRA DOS IRMÃOS CAMPOS... Eu preparei todo esse material... Eu ensaiei... Eu não atravessei o Atlântico para ficar ouvindo que uso imensos sapatos masculinos, meias grossas de lã, um corte de cabelo como os homens, que tenho pernas musculosas e um corpo atarrachado, gorducho, um nariz enorme, orelhas imensas, bochechas firmes, que eu pareço uma velha senhora cordial e irreverente, uma literata excêntrica, uma brilhante exilada e... apesar de tudo... eu consigo me mostrar encantadora! Porra!!!!!!!

156

ALICE

Eu?... Garota Halloween?... Mas que apelido idiota! Sou sim o guarda-costas dela... Sou sim sua companheira de todos os minutos... Uso sim um chapéu maravilhoso e só me visto com Pierre Balmain... E cozinho muito bem... Vou dar uma receita deslumbrante e refinada para vocês... Gertrude, quantos anos faz que você saiu daqui da América do Norte?

GERTRUDE

Mais de trinta anos.

ALICE

Eu também. Já percebi que os norte-americanos continuam comendo mal como sempre... Prestem bem atenção...Tournedos de filés com trufas e molho cremoso... Complicado?... Como complicado?... O molho exige apenas duas horas de preparação e para deixar a carne bem macia, pouco mais que cinco horas... Está bem, está bem... Que tal lagosta cozida com peru?... Como não combina?... Eu sei o que falo... Eu cozinho muito bem... Eu li todo o Grande Livro da Cozinha de Montagne e Salle e Dona Benta... (DESANIMADA) Já entendi... Talvez seja melhor cachorro-quente com batatas fritas.

157

GERTRUDE

Todo mundo precisa gostar de alguma coisa e eu gosto de literatura e pinturas. Algumas pessoas gostam de beber, outras gostam de ganhar dinheiro e outras gostam de gastar dinheiro. Sem mencionar as que gostam de jogos, pássaros, violência, política e fotografia, a lista é interminável e eu gosto particularmente de um pouco de cada uma delas mas não prendem a minha atenção por muito tempo. A única da qual nunca me canso é

apreciar pinturas, o que não deixa de ser engraçado... O maior pintor?... Pablo Picasso. Por que um espanhol?... Os norte-americanos não têm essa intimidade estreita com a terra como a têm os europeus. O materialismo dos espanhóis não é o materialismo de ser ou de ter, é o materialismo da ação e da abstração. Assim, o cubismo é espanhol! A América do Norte vai comprar toda a coleção de Picasso, mas a América nunca terá um Picasso!

ALICE

158

A senhorita Stein recusa-se intransigentemente, resolutamente, definitivamente, incondicionalmente e absolutamente a falar para mais de quinhentas pessoas de cada vez. A senhorita Stein não deseja falar, nesta conferência, de arte ou de artistas, de pintura ou estética; a senhorita Stein esteve envolvida com a arte a maior parte da sua vida, e atualmente muita coisa já foi dita a esse respeito. Vocês deviam ter entrevistado a senhorita Stein quando ela não era tão famosa e ocupada. Agora, vamos tomar um maravilhoso vinho em Belle Rêve.

GERTRUDE

Belle Rêve não existe mais. O que existe no mundo é essa multidão, querendo terras e gritado comida. E os poderes governamentais não querendo ouvir. E é por isso que existem as guerras. Minha esperança é que as guerras saiam de moda, como os duelos. Estive pensando e talvez a melhor maneira de acabar com elas seja proibir a bota e continência. Todo mundo pensando assim: não às botas, não às continências, não às guerras. Alice, vamos voltar para Paris.

ALICE

Vamos, lindona! Aqui eu só cozinhei e dei entrevistas. Agora eu quero digitar os seus textos. Estou feliz. Depois, lindona, sempre passamos as guerras em França.

159

SOBE A BANDEIRA NORTE-AMERICANA. DESCE NOVAMENTE A FRANCESA. AS DUAS SE MOVIMENTAM. PICASSO SURGE. GERTRUDE VEM, ILUMINADA, PARA ELE. ALICE FICA NUM CANTO, RESSABIADA.

GERTRUDE

Picasso, eu quero dizer uma coisa. Eu te amo!

PICASSO

Gertrude, luz das minhas telas!

ALICE

(REAGINDO) Ai ai ai ai ai ai ai!!!!

GERTRUDE VAI SE SENTAR NOVAMENTE COMO
SE CONTINUASSE POSANDO. PICASSO REAGE.

PICASSO

Levanta daí, que eu já pintei seu retrato!

160

GERTRUDE SE LEVANTA E CONTINUA FALANDO
COM PICASSO.

GERTRUDE

O problema, Pablo Picasso, é muito simples... A
questão do sentimento é uma só... EU TE AMO...

ALICE

(REAGINDO) Gertrude!!!!!!!!!!

GERTRUDE

(INDO PARA ALICE) Não, Alice, não precisa ficar
assim, porque meu amor por Picasso é pura-

mente espiritual. Eu nunca a traí e nunca vou traí-la... MAS EU AMO PICASSO. Com toda a sua má-vontade, seu mau-gênio, seu egocentrismo, sua vaidade, a mentira sobre sua mãe louca, a Espanha que ele não consegue ver, tudo... (INDO PARA O CENTRO DO PALCO) EU AMO PICASSO. E VOCÊ ME AMA, PABLO! Quanto a noção do tempo e o futuro, resolvi deixar de lado, pois os médicos descobriram que eu tenho um câncer!

ALICE

Que loucura é essa, Gertrude?

GERTRUDE

Um câncer!

PICASSO

(REAGINDO) Gertrude?!

GERTRUDE

Um câncer!... Pegue o carro e vamos, Alice. Eu quero dar um passeio. Por baixo de túneis, por avenidas, tocando a buzina, reclamando, xingando os guardas, não respeitando faróis vermelhos... Ser politicamente incorreta com o trânsito porque eu serei a única vítima de tudo isso... A vida é trânsito... É dia útil, não é domin-

go... Vamos ao campo, vamos às vilas, vamos ao cais... (INDO PARA FRENTE) Todo cais é uma saudade de pedra!

ALICE E PICASSO SAEM DE CENA. TEMPO. FOCO SÓ EM GERTRUDE, QUE INVOCA AS ENTIDADES, COMO UMA CELESTINA.

GERTRUDE

(INVOCANDO) Te conjuro, triste Plutão, senhor da profundidade infernal, imperador da sorte em danação, soberbo capitão dos anjos condenados, senhor dos fogos sulfúricos, governador e observador dos tormentos, torturador das almas pecadoras, fomento das harpias voadoras, com a sua companhia de pavorosas hidras. Venha! Venha sem demora obedecer a minha vontade. E nisso te envolvas, não me fazendo sofrer e me fazendo aceitar a morte com boa-vontade. Se não ages com rapidez, terás Gertrude Stein como inimiga figadal; vou ferir com palavras, com luz, teus cárceres tristes e escuros, vou revelar cruelmente tuas mentiras constantes, vou esmagar com palavras ásperas, sem pontos nem

vírgulas, o teu nome horrível. E outra e outra vez te conjuro! E, confiante no teu poder, te entrego a minha vida!

GERTRUDE STEIN VAI MORRENDO LENTAMENTE, EM PÉ. LUZ CAI. GERTRUDE SAI DE CENA, SIMULTANEAMENTE À ENTRADA DE PICASSO E ALICE, CADA UM VINDO DE UM LADO DO PALCO.

PICASSO

(PARA A PLATÉIA) Gertrude e Alice viajaram de carro. Mas o câncer já estava adiantado. Precisaram interromper a viagem e ficaram num hotel. O médico da cidade foi enfático. Disse que Gertrude precisava com urgência procurar um especialista. Voltaram a Paris de trem. Uma ambulância apanhou Gertrude na estação. Ela foi levada ao Hospital Norte-Americano.

ALICE

(PARA A PLATÉIA) Gertrude encontra-se num estado de profunda indecisão e ansiedade. Durante a tarde, ficou mais inquieta, confusa e incerta. No início da noite levaram a lindona numa maca até a sala de operações. Eu nunca mais a vi.

PICASSO

(PARA A PLATÉIA) Ela foi enterrada no Père Lachaise. Seus vizinhos? Oscar Wilde, Proust, Balzac, Chopin, Molière, Colette, Piaf e Jim Morrison. (PARA ALICE) Quando morrer, você vem para cá também?

ALICE

Queria que fosse logo. Já gravei meu nome na lápide.

PICASSO

Na parte de trás, é claro. Sempre a sombra.

ALICE

Não vou me aproveitar do que Gertrude conseguiu. Eu fui apenas uma boa digitadora.

PICASSO

(PARA A PLATÉIA) Gertrude Stein morreu em 27 de julho de 1946. Gertrude Stein não morreu em 7 de março de 1996.

ALICE SAI DE CENA. PICASSO APANHA UM MICROFONE E GERTRUDE ENTRA. PICASSO DIZ PARA A PLATÉIA, ENQUANTO PASSA O MICROFONE PARA GERTRUDE.

PICASSO

Vocês vão ouvir agora um trecho do último livro de Gertrude Stein, publicado um pouco antes da sua morte.

PICASSO SAI. GERTRUDE ENCARA A PLATÉIA E FALA AO MICROFONE:

GERTRUDE

(PARA A PLATÉIA) Eu tenho certeza de que esse momento específico de nossa história é muito mais importante que tudo o que tem acontecido antes. Nós estamos numa luta contínua contra a desonestidade. E os governos? Não acreditem nos governos. Comunismo, socialismo, capitalismo e os cartéis, os partidos não podem ajudar vocês, vocês têm que encontrar o novo caminho, vocês têm de descobrir como ir adiante sem fugir, vocês têm de aprender a ser o que querem ser, vocês têm que ir, vocês têm que ser trabalhadores com coragem de dizer o que sentem e não apenas pessoas de Sim e Não, vocês têm de realmente aprender a se expressar. Vão com calma. Se não puderem ir com calma, vão

com tanta calma quanto possível. Lembrem-se, pois eles dizem sempre que estão numa crise eterna. Não tenham medo de olhar dentro dos olhos da crise e descobrir a razão por que estamos tão pobres. Nós estamos pobres politicamente, economicamente, artisticamente e sexualmente. E se as coisas continuarem como estão, nós ficaremos mais pobres ainda. Por favor, não parem. Encarem as coisas de frente. Não precisam mais ouvir os líderes. Ouçam vocês mesmos, ainda que errem. Assim um governo do povo, para o povo não desaparecerá nunca da face da terra, mesmo que um erre, que outro erre, mas se nós esmorecermos, as pessoas piores que nós se aproveitarão disso. Por favor, não parem. Descubram a razão das coisas e a razão da depressão. Afinal, nós somos gente, uma rosa é uma rosa, é uma rosa! Transformem essa rosa rubra em amarelos cor de girassóis. Redondos e imensos. Ninguém saberá de onde vêm os girassóis. Verão girassóis. Apenas girassóis. Porque ninguém pergunta pelo adubo quando vê a flor!

MÚSICA INSTRUMENTAL TOMA CONTA DE
TODA A CENA. LUZ VAI CAINDO SOBRE GERTRU-
DE STEIN NO CENTRO DO PALCO. BLACKOUT.
CORTINA.

F I M

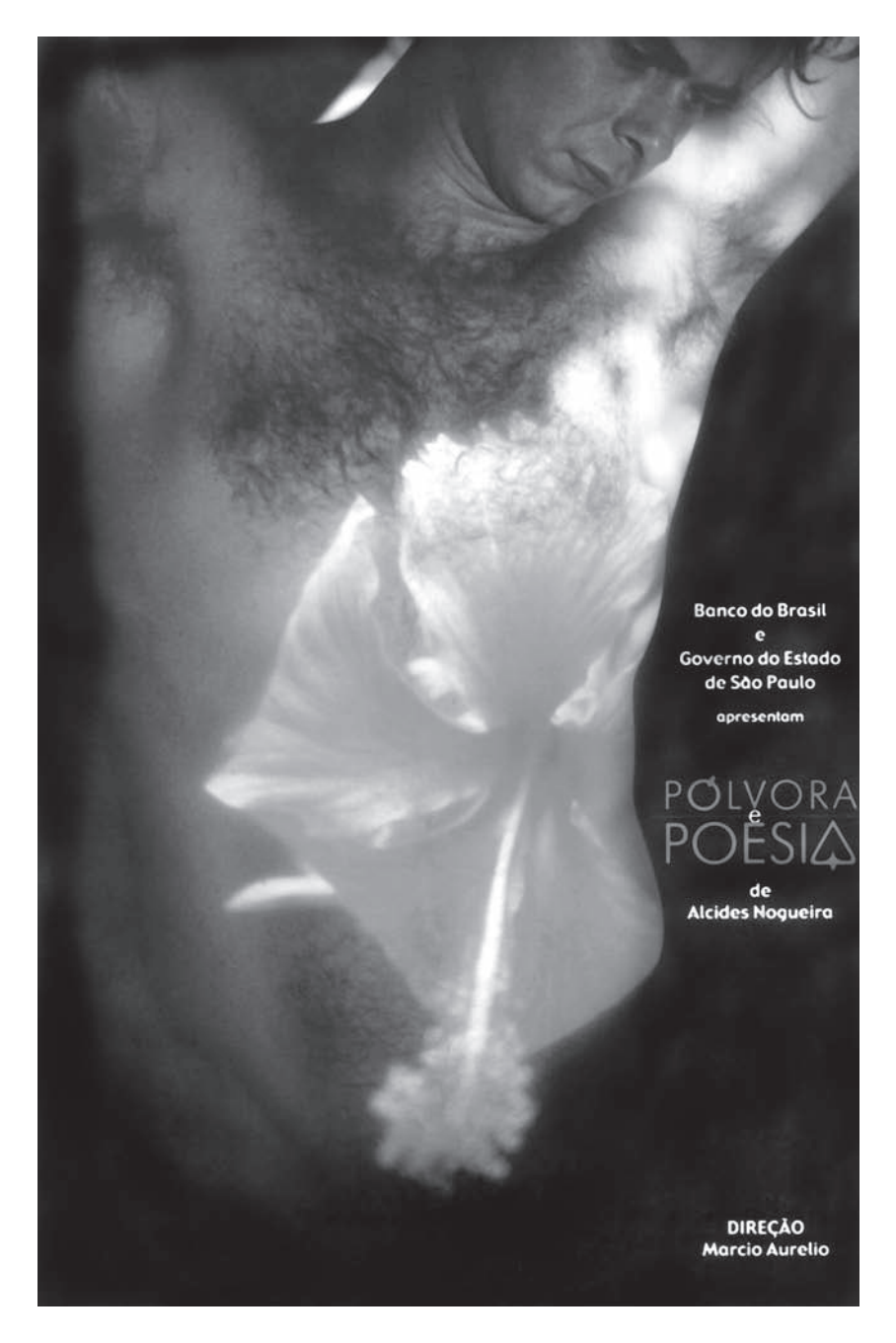


PÓLVORA & POESIA

Para Cláudio Fontana, com todo o meu amor.

Alcides Nogueira

outono de 1998, São Paulo



Banco do Brasil
e
Governo do Estado
de São Paulo
apresentam

PÓLVORA
e
POÊSIA
de
Alcides Nogueira

DIREÇÃO
Marcio Aurelio

Introdução

Alguns dizem que a crise dos 30 anos é puramente estética... Já a dos 40, dizem também, é espiritual, quando começam os questionamentos sobre a famosa “razão de nossa existência”. O fato é que demoramos um pouco para entender a vida... Surpreendente, então, é acreditar que um jovem de 17 anos já possa ter esse entendimento, essa vivência, sentir e saber que ao mesmo tempo não poderia tê-lo. Como aceitarmos a idéia de um adolescente mais sensível e mais sábio em relação à vida? Por isso, sempre tive paixão e curiosidade pela vida de artistas precoces geniais como Nijinsky ou Rimbaud e, principalmente, por sua obra.

171

Foi essa atração que talvez me tenha impelido a trocar a impessoalidade do marketing pelo ofício do ator. E nesta busca por respostas, tal qual Rimbaud na Abissínia entre areias e absinto, ou Nijinsky em sua lúcida esquizofrenia, conheci Alcides Nogueira e seu universo poético, onírico, mágico, enfeitiçante... Suas palavras entorpe-

centes, sua musicalidade de letras, a energia angustiante e sedutora de suas personagens atraíram-me definitivamente para sua teia grudenta e brilhante.

Em 1993, conheci o Paco, de Traças da Paixão, um malandro de rua sofisticado, charmoso, sedutor, e que dizia ser filho da princesa Anastasia da Rússia... Foi a primeira vez que fui picado... E aí comecei a sonhar de verdade... Artistas geniais e seu universo transgressor, revolucionário, inquietante passaram a ser ingredientes de meus sonhos constantes e foi surpreendente descobrir que também eram os do Tide. Desses sonhos em comum nasceu o Rimbaud de Pólvora & Poesia. Foi em um fim de tarde do outono de 1998, que chegou às minhas mãos o que seria talvez o mais revelador texto teatral que já tive conhecimento. Lembro-me até hoje com clareza de quando me sentei no sofá de minha casa e tudo parou à minha volta: “perfumes, seres, sons”. A magia e a sedução de Rimbaud entraram venosa e definitivamente no meu corpo como um alucinógeno. As Iluminações... O Barco Bêbado...

Talvez sua história me tenha ensinado algo, logo de imediato, pois a vida me pôs à prova rapidamente. Da mesma forma que me apresentou Rimbaud, tirou-me Rimbaud. Não pude fazê-lo! Mas, com isso, consegui aprender que a vida tira para depois dar mais e melhor.

- Para um rebelde como eu, mais do que para qualquer homem, é necessário conhecer o Amor... É mais importante dar esse Amor do que recebê-lo. É ser o próprio Amor!

Como foi difícil abrir mão desse Rimbaud dos sonhos... E como foi ainda mais difícil entender o quanto isso era preciso...

173

- *Nada mais me ilude! Os pássaros dourados se esvoaçam por meio das sombras dos meus poemas! Não são pombas nem abutres; simplesmente habitam os ares. São mensageiros particulares, criados na escuridão e largados na claridade do conhecimento. Não têm qualquer semelhança com as criaturas do ar, nem são anjos. São os raros pássaros do espírito, pássaros de passagem,*

que voam de sol a sol. Não estão aprisionados nos poemas, mas libertados neles. Erguem-se com asas de êxtase e desaparecem na paixão.

Como foi bom fazer o Marcelo Paiva de Feliz Ano Velho, também do Tide... E como foi bom aprender com ele...

Como foi bom, em 2001, ver Leo, João, Fernando, Márcio, Tide sonhando por mim.

174 E como é bom agora reencontrar o meu Rimbaud perdido e ter a chance de mergulhar com ele nas águas do Poema do Mar, navegar a seu lado no Barco Bêbado, e finalmente, entender que os raros pássaros do espírito estão sim nos poemas cotidianos de cada um de nós.
Basta soltá-los...

Obrigado, Alcides, por borrifar tanta pólvora e tanta poesia em minha vida.

Cláudio Fontana

Pólvora e Poesia

Alcides Nogueira

personagens

Paul Verlaine

Arthur Rimbaud

Não há cronologia, não há espaço definido.
Apenas duas cadeiras em cena.

175

“Et pourtant, plus de dieux! plus de dieux!

L’Homme est Roi,

L’Homme est Dieu! Mais l’Amour, voilà la
grande Foi!”

Arthur Rimbaud- Soleil et Chair

“L’histoire t’a sculpté triomphant de la mort

Et jusqu’aux purs excès jouissant de la vie,
Tes pieds blancs posés sur la tête de l’Envie.”
Paul Verlaine – A Arthur Rimbaud

Os poemas de Arthur Rimbaud e Paul Verlaine, quando no original, foram transcritos das Obras Completas dos poetas, publicadas pela Gallimard, ou livremente traduzidos por mim. Como homenagem a Eugénio de Andrade, usei fragmentos de um de seus poemas (Os Amantes sem Dinheiro); versos esparsos de Fernando Pessoa; e uma citação de Consuelo de Castro. Para a escrita desta peça foi fundamental a leitura e consulta das traduções de poemas e textos feitas por Alexandre Ribondi, Antonio Carlos Viana, Antonio Moura, Augusto de Campos, Heloisa Jahn, Ivo Barroso, Jorge Cardoso Ayres, Lêdo Ivo, Maurício Arruda Mendonça, Rodrigo Garcia Lopes, agradecendo a todos por terem se constituído um porto seguro, como fonte de referência.

CENA 1

AS DUAS CADEIRAS ESTÃO COLOCADAS, CADA UMA EM UM PONTO DO PALCO, DE FRENTE PARA A PLATÉIA. LUZ MUITO TÊNUE. SILÊNCIO ABSOLUTO. AS FIGURAS DE VERLAINE E RIMBAUD POSTADAS AO FUNDO DO PALCO, PARADAS. INERTES. COMEÇA A SE OUVIR CHOPIN. TODO O ESPETÁCULO DEVE SER PONTUADO POR CHOPIN. A MÚSICA VAI AUMENTANDO E VERLAINE E RIMBAUD VÊM VINDO AVANÇANDO, EM PARALELO, DO FUNDO DO PALCO EM DIREÇÃO AO PROSCÊNIO. ELES MAIS QUE MURMURAM DO QUE RECITAM PROPRIAMENTE. SUAS FALAS SÃO DITAS SIMULTANEAMENTE, COMO UM MANTRA.

177

VERLAINE

Les sanglots longs

Des violons

RIMBAUD

Par les soirs bleus d'été, j'irai dans les sentiers

VERLAINE

De l'automne

Blessent mon cœur

RIMBAUD

Picoté par les blés, fouler l'herbe menue:

VERLAINE

D'une langueur

Monotone

RIMBAUD

Rêveur, j'en sentirai la fraîcheur à mes pieds.

VERLAINE

Tout suffocant

Et blême, quand

Sonne l'heure,

RIMBAUD

178

Je laisserai le vent baigner ma tête nue.

VERLAINE

Je me souviens

Des jours anciens

Et je pleure;

RIMBAUD

Je ne parlerais pas, je ne penserai rien:

VERLAINE

Et je m'en vais

Au vent mauvais

RIMBAUD

Mais l'amour infini me montera dans l'âme,

VERLAINE

Qui m'emporte
Deçà, delà,
Pareil à la
Feuille morte.

RIMBAUD

E j'irai loin, bien loin, comme un bohémien...

OS DOIS ESTÃO FRENTE À FRENTE, NO PROS-
CÊNIO. LUZ AUMENTANDO CADA VEZ MAIS.
MÚSICA DE CHOPIN MAIS E MAIS ALTA. UM
TEMPO DE SILÊNCIO ENTRE ELES. MEDEM-SE.
OLHAM-SE. DEPOIS BEIJAM-SE ARDENTEMENTE.
UM BEIJO MUITO, MUITO, MUITO LONGO. LUZ
AUMENTANDO, DEIXANDO OS DOIS QUE SE
BEIJAM TOTALMENTE EXPOSTOS, AO SOM DA
MÚSICA ALTÍSSIMA. DEPOIS DE LONGO TEMPO,
A MÚSICA CORTA BRUSCAMENTE. VERLAINE
MOSTRA UM REVÓLVER A RIMBAUD.

179

VERLAINE

Para você, para mim, para todo mundo!



ATIRA NO PUNHO DE RIMBAUD E SOLTA A ARMA, QUE DISPARA NOVAMENTE E ACERTA MAIS UM TIRO EM RIMBAUD. OS DOIS CAEM E VÃO ROLANDO PELO CHÃO EM DIREÇÃO ÀS CADEIRAS, AO SOM DA MÚSICA DE CHOPIN DE NOVO MUITO ALTA, ATÉ SE SENTAREM, RIGIDAMENTE, NELAS. CESSA A MÚSICA. OS DOIS ENCARAM A PLATÉIA.

VERLAINE

Não. Até hoje eu, Paul Verlaine, nunca fui condenado. Não. Eu não sei ao certo o que se passou na noite de ontem. Eu tinha escrito à minha mulher, que vive em Paris, pedindo que viesse me ver, mas ela não me respondeu. Por outro lado, um amigo que eu prezo muito chegou há dois dias aqui em Bruxelas, e quer me abandonar para voltar à França. Tudo isso me deixou desesperado. Eu comprei o revólver com a intenção de me matar. Quando voltei para o hotel, eu tive uma discussão com esse meu amigo. Apesar de todos os meus pedidos, ele continuava querendo me abandonar. Nesse meu delírio, acabei atirando, e acertei o punho dele. O revólver caiu. Houve

um segundo tiro, acidental. Ele foi atingido, novamente. Imediatamente eu percebi o que tinha feito, e o remorso tomou conta de mim. Eu e a minha mãe levamos Rimbaud ao hospital. Eram ferimentos leves, sem importância. Eu continuei insistindo para ele ficar comigo. Mas Rimbaud queria mesmo voltar para a França. Ontem à tarde, eu e a minha mãe fomos levá-lo à Estação do Sul. Durante o caminho, continuei insistindo com ele. Eu fiquei na frente dele, para impedir Rimbaud de continuar andando, e disse que daria um tiro na minha cabeça se ele fosse embora. Acho que Rimbaud pensou que eu o estava ameaçando de novo. Mas não era essa a minha intenção, senhor Juiz. Mas os senhores me prenderam assim mesmo... Por que eu estava aqui em Bruxelas? Porque esperava que a minha mulher viesse de Paris para me encontrar, como já fez anteriormente, depois que nos separamos. Não! Não! Entre mim e Rimbaud não há outro tipo de relação, a não ser amizade. Minha mulher e a família dela inventaram essas calúnias, para me prejudicar. Minha mulher, no pedido de separação que apresentou ao tribunal, me acusa de

pederasta. Para me prejudicar, senhor Juiz. Eu sou só amigo de Rimbaud. Amigo.

IMBAUD

(LEVANTA-SE DA CADEIRA, AINDA FORMAL) A minha cidade natal é superiormente idiota entre as pequenas cidades da província. Quanto a isso eu já não tenho ilusões! Uma população beata que gesticula, que acha que vai poder lutar contra os alemães! Pelas ruas eu fico vendo passar duzentos, trezentos idiotas, vestidos como se fossem espadachins... É assustador ver os marceneiros, os notários, os vidraceiros, os cobradores de impostos vestindo fardas! Espingardas ao ombro. É a minha pátria que se levanta! Eu prefiro que ela continue sentada. Eu não sou de mexer as botas! É meu princípio. Estou confuso, doente, furioso, parvo, arrasado. Tentei ir a Paris e me prenderam e me trouxeram de volta para a casa da minha mãe... Esperava banhos de sol, passeios infinitos, repouso, viagens, aventuras, uma vida boêmia... Nada! Nada!... De volta a esta cidade de merda.



Uma cidade que nasceu morta. E, agora, em guerra! O correio não traz mais nada para as livrarias daqui deste cu de mundo. Paris deve dar risada da gente. Enquanto se farta e se regala de leitura, de poesia. E eu, sem nenhum livro novo. É a morte! Por sorte, professor, o senhor me deu autorização para pegar livros em sua casa. Obrigado... Só que eu já li todos eles. Minha tábua de salvação foi achar o D. Quixote. Ontem eu passei horas olhando as gravuras de Doré... Mas agora acabou-se!... Eu sou um poeta! Leiam os meus versos de manhã, ao sol, como se eu ainda os estivesse escrevendo!... Eu li um livro de poemas de Paul Verlaine. Um livro lindo. Muito estranho, mas lindo! Ele usa certas imagens... Compre um outro livro dele, A Boa Canção... um volume pequeno... Acabou de sair... Eu ainda não li, já disse que aqui não chega nada... Mas vários jornais falam muito bem desse livro.

185

VERLAINE

Quando eu nasci, o Sol estava em Saturno. Um fero planeta, caro aos necromantes. Quem nasce, como eu, sob Saturno, é infeliz, mal-humorado,

incapaz de fazer valer a Razão sobre uma Imaginação inquieta e febril. Mas este livro, Mathilde... Mas esta Boa Canção é para você. Minha mulher-criança. Você tem apenas 17 anos...

RIMBAUD

Dezesseis anos. Já é agosto. O campo me excita, a estrada vem roubar todos os meus sonhos à noite. Deixo que esta noite, antiquíssima e idêntica, tome conta do meu coração. Eu preciso, eu preciso, eu preciso, eu quero a estrada. E seguir. Aqui, morro! Eu me decomponho nesta cidade tacanha, caipira, na mesmice das coisas, na maldade, no pardacento. Eu quero adorar a liberdade livre e... uma porção de coisas... Eu devia ir embora de novo hoje mesmo. Não importa se me prendessem outra vez. Eu posso fazer isso! Eu tenho uma roupa nova, eu posso vender o meu relógio... Viva a Liberdade! No entanto, eu fico! Fico... Fico aqui nesta cidade que corrói cada canto do meu cérebro com sua pequenez, com sua mínima compreensão do Nada. Eu gostaria de estar sempre indo embora. Chapéu, capote, sapatos reforçados, as duas mãos no bolso... O

campo, o horizonte, o Tudo! Mas ainda eu vou ficar... Por aqui, as desgraças... Que me atinge... Como as balas que os alemães e franceses trocam entre si! Tudo se dissolve!

VERLAINE

Eu não quero esse papel! Eu não sei representar o excluído da sociedade! Por quê? Porque eu não sou um excluído da sociedade!... Eu bebo porque o vinho é bom! Porque eu sinto o gosto da uva que foi colhida no campo, e amassada, e deixada fermentar e... eu gosto!... Às vezes, essa coisa que eu não consigo entender, mas que eu sei que é a pior das violências, porque é a violência contra mim mesmo, se agiganta, se torna enorme, toma conta de tudo... Eu fico com medo de mim! Eu fico com medo do mundo! Eu preciso acabar com esse medo, mesmo que seja bebendo todo o vinho que existe, para que o mundo pareça ter outra cor, e eu não precise mais olhar para os três fetos que a senhora, mãe... Que a senhora colocou nesses vidros... Três fetos!!! Uma prova da sua incapacidade de parir, até eu nascer. Mas eu não preciso conviver com esses



ensaios de mim que estão aí... Diante dos meus olhos... Eu sei, eu sei... Colocados para que eu olhe para os fetos no formol e tenha vergonha na cara, e me torne um homem sério... sério... sério! ... Eu não me casei com você, Mathilde Sophie Mauté de Fleurville?... Você não vai me dar um filho?... Eu não tenho um emprego na Câmara Municipal?... Eu não sou um poeta?... Eu não sou Paul Verlaine?

RIMBAUD

Senhor Paul Verlaine, eu sei que pode até pensar que esta carta está impressa. Não, as letras foram bem desenhadas por um amigo meu... Se o senhor realmente ler a carta vai ficar sabendo dos meus ideais, das minhas raivas, do meu entusiasmo... Do meu tédio... São versos meus mesmo. Gostaria imensamente de que os lesse, de que dissesse o que acha deles... Senhor Paul Verlaine, há dias que espero uma resposta sua... Eu vou ao correio, certo de que vou encontrar uma carta... Nada... Talvez a minha tenha se perdido por aí... Esses tempos de guerra... Se as pessoas se perdem, por que não as cartas, as

palavras, os poemas?... Estou enviando outros...
Senhor Paul Verlaine, eu penso em escrever um
grande poema, mas não consigo trabalhar aqui
na minha cidade. Não posso ir a Paris porque não
tenho dinheiro. Minha mãe é viúva e extrema-
mente devota. Ela me dá apenas dez centavos
todos os domingos para pagar a minha cadeira
na igreja. Senhor Paul Verlaine... Eu...

VERLAINE

Arthur Rimbaud... Li seus poemas... Você está
prodigiosamente armado para a guerra..

RIMBAUD

Paris, senhor Verlaine! Eu não tenho dinheiro...
A poesia está aí... Eu tenho de estar aí... Mas
não sei como...

VERLAINE

O dinheiro vai chegar em suas mãos. Venha, meu
querido. Nós o esperamos, nós o aguardamos!

RIMBAUD SE LEVANTA DA CADEIRA E SEGUE ANDANDO PELO PALCO, FELIZ, COMO QUE PERCORRENDO A PÉ O CAMINHO DE SUA CIDADE ATÉ PARIS. VERLAINE SE COLOCA A UM CANTO, OBSERVANDO, SORRIDENTE, OS MOVIMENTOS DE RIMBAUD.

RIMBAUD

Eu segui, com as mãos nos bolsos descosturados,
meu paletó também parecendo perfeito sob o
céu. Musa, eu fui o teu súdito leal.

Ah... a sonhar amores destemidos!

O meu único par de calças tinha furos.

Pequeno Polegar do sonho à minha volta por
onde espalho rimas. Eu me aconchego na Ursa
Maior. Os meus astros no céu rangem frêmitos
puros. Eu os ouvia, sentado à beira do caminho.
Nas noites de setembro, onde senti como se
fosse vinho o orvalho a rorejar-me a fronte em
comoção.

Onde, rimando em meio a imensidões fantásticas
como se fosse uma lira, eu pegava meu borzeguim
e tocava um dos pés junto ao meu coração!

ELE PÁRA DIANTE DE VERLAINE.

VERLAINE

Chove suavemente sobre a cidade!

RIMBAUD

Setembro! Paris!

VERLAINE SE AFASTA DE RIMBAUD, BEBENDO
DA SUA GARRAFA DE VINHO. FELIZ.

VERLAINE

Ah, Inocente que eu adoro de coração
enquanto espero

que a esta tímida ventura
se some o fogo do prazer.

E que fulgure, à luz discreta
da lamparina, nesta noite,
teu corpo ingênuo, que assalta
vendo-te à espera, meu desejo.

E com meu beijo desenvolto
que vibre, na primeira noite,
tua carne outrora virginal,
nupcial enfim, louvado seja!

CORTA.



CENA 2

VERLAINE EM UM PONTO, CONVERSA COM
UMA MATHILDE (SUA ESPOSA) IMAGINÁRIA.
RIMBAUD, EM OUTRO PONTO.

VERLAINE

Um garoto pobre da província, Mathilde! Mas
um gênio em formação! Um gênio que ainda vai
explodir. Fulgor e essência! Saturno dançando
à volta dos outros astros... Ele não tem onde
ficar! Com o tempo, é claro, vai encontrar um
outro lugar, mas não vejo por que não podemos
hospedar Rimbaud... Eu sabia, minha querida...
Eu sabia que você iria entender... (ESPANTADO)
Como já conversou com ele? Como já conheceu
Rimbaud? Ele já esteve aqui???

VERLAINE VOLTA-SE E VÊ RIMBAUD, QUE SE
APROXIMA, SENSUAL.

RIMBAUD

Senhor Paul Verlaine....

VERLAINE

Eu não consigo chamá-lo de Senhor Arthur Rimbaud... Eu pensei que você fosse...

RIMBAUD

Eu não tenho idade. Eu tenho Sol e Carne em meu corpo!

VERLAINE

(PEGANDO A GARRAFA DE VINHO E OFERECENDO, NO MESMO GESTO QUE FEZ COM O REVÓLVER) Para você, para mim, para todo mundo.

OS DOIS BEBEM, FELIZES. MÚSICA COM TUDO.
RIMBAUD VAI PARA OUTRO PONTO.

195

RIMBAUD

Ela e a sogra de Verlaine naquela saleta, me olhando como se eu fosse um caipira. Eu sou um caipira. Mas eu não dou uma semana para estar falando como os parisienses. Depois, olharam para a minha roupa e perguntaram se eu não tinha bagagem... Para que uma bagagem? Minha bagagem é outra. Essa, aquelas duas mulheres não conseguem ver. Uma bagagem com as palavras mais raras, e as mais fáceis

tornadas preciosas. Uma bagagem com o meu olho no cu do mundo. Merda! Merda! Merda a elas. Elas na merda! Eu não sei se agüento morar naquela casa... (PARA VERLAINE) Sua mulher ficou horrorizada quando viu uns bichinhos no meu travesseiro... (PARA MATHILDE IMAGINÁRIA) São piolhos, Madame Mathilde... Piolhos... (RINDO) Sabe por que eu gosto de ter piolhos na cabeça? Para jogar nos padres, quando encontro com eles na rua... (PARA VERLAINE) E você quer que eu fique aqui?



VERLAINE FAZ GESTOS COMO QUE MOSTRANDO
ONDE ELE VAI FICAR.

VERLAINE

Por enquanto, é o único jeito...

RIMBAUD

Não gosto daquele quadro!

VERLAINE

(RINDO) Um parente qualquer... Eu nem sei quem é.

RIMBAUD

A pintura está se desfazendo... Uma baba na boca dele...

197

VERLAINE

Você está com medo desse marquês capenga?

RIMBAUD

Estou com medo do meu medo. Da minha loucura. Eu não sabia como era bom o absinto. Hoje, quando sua mulher serviu a sopa no jantar, eu queria era absinto.

VERLAINE

Por isso não falou nada durante o jantar?

RIMBAUD

Não conheço as palavras que se usam aqui nesta casa.

VERLAINE

Conhece as minhas palavras. Mandou-me cartas e mais cartas, falando dos meus poemas, falando da minha poética. Queria saber a gênese de cada uma das palavras que eu usava. Como se estivesse investigando, procurando as saídas, as entradas, os porquês. Mesmo assim não tomou a sopa de Mathilde. Monossílabos. O tempo todo respondendo à minha sogra, à minha mulher com monossílabos, como se cada som doesse muito para sair de sua boca. Só quando falou sobre os cães...

198

RIMBAUD

Os cães são liberais!

VERLAINE

Os cães são liberais! Realmente você estava muito cansado.

RIMBAUD

Você vai tirar o retrato do seu parente do quarto? Aquela mancha de bolor que parece baba me assusta...

VERLAINE

(APROXIMANDO-SE DE RIMBAUD E MEXENDO NELE, DISCRETAMENTE, COM CERTO RECEIO,

ENQUANTO FALA). Minha mulher acha que você parece um estudante jovem... e pobre. Que você deve ter crescido demais e depressa, as roupas ficaram esquisitas em seu corpo... Calças curtas demais... camisa velha... sapatos sujos... Mas ela ficou impressionada com os cuidados de sua mãe.

RIMBAUD

Ela prestou atenção até na barra das calças, que minha mãe remendou?

VERLAINE

Como prestou atenção nos seus cabelos espetados, na sua gravata puída, no seu aspecto desleixado. Achou seus olhos belos, muito belos, mas me disse que eles têm uma expressão manhosa... ou uma timidez, ela não sabe direito... ficou impressionada porque você não trouxe nenhuma bagagem.

RIMBAUD

De novo a bagagem! (AFASTA-SE DE VERLAINE)
Ela deve ter ficado muito chocada porque não tenho nem roupa de baixo...

VERLAINE

Não?

RIMBAUD

Você também está impressionado com isso?

VERLAINE

Estou feliz! Feliz! Feliz porque estou hospedando em minha casa um gênio que ainda vai explodir, que ainda vai mostrar seu fulgor, sua poesia de fogo... metralhadoras cuspidas versos em vermelho!

RIMBAUD

Sua mulher implica porque eu agora ando com este Cristo de marfim...

VERLAINE

Porque esse Cristo foi da avó dela, só isso...

RIMBAUD

Não. Ela me acusou. Disse que eu tirei o Cristo da parede. Da parede junto à cama de vocês. Que eu mutilei esse Cristo de marfim e saí com ele por aí... que andei com o Cristo à noite inteira, pelo Quartier Latin... Entrando em cervejarias... Mostrando o Cristo às putas, enquanto me divertia com elas. Ainda falou que eu quebrei objetos pessoais dela, que destruí coisas que eram muito caras a ela, que eu fui indelicado... eu não sou delicado! Eu posso ter a aparência

de um anjo... um anjo sujo, eu sei, mas eu não sou delicado.

VERLAINE

Não estou preocupado com nada disso. Gosto quando vejo você ao sol... tomando banho de sol em nosso pequeno jardim... sua cara de criança... num corpo desajeitado, de adolescente que ainda está crescendo... sua voz com esse sotaque da província...

RIMBAUD

Já disse que logo estarei falando como qualquer parisiense.

201

VERLAINE

Isso é tão importante para você, Rimbaud?

RIMBAUD

Nada é importante para mim. Porque eu vi demais! E a visão se revia pelos ares. Porque eu tive demais. Sons da cidade, à tarde, e ao sol, e sempre. Porque eu soube demais. As paradas da vida. Ó Sons e Visões. Partida entre afetos e ruídos novos. No bosque tem um pássaro. Tem um relógio que não toca nunca. Tem uma brecha no gelo com um ninho de bichos brancos. Tem

uma catedral que sobe e um lago que desce. Tem uma pequena carruagem abandonada na moita, ou que passa correndo, decorada. Tem uma troupe em trajes de comédia, espiada pela trilha da floresta. E então, quando você tem fome e sede, tem sempre alguém que te manda passear. Eu sou o andarilho da grande estrada entre os bosques anões; o rumor das represas cobre meus passos. Eu me demoro vendo a triste fuligem dourada do pôr-do-sol. Eu bem podia ser a criança abandonada no cais de partida para o alto-mar, o caipira rodando as alamedas, sua cabeça roçando o céu. Os caminhos são ásperos. Nas horas amargas, imagino bolas de safira, de metal. Eu sou o mestre do silêncio!

VERLAINE

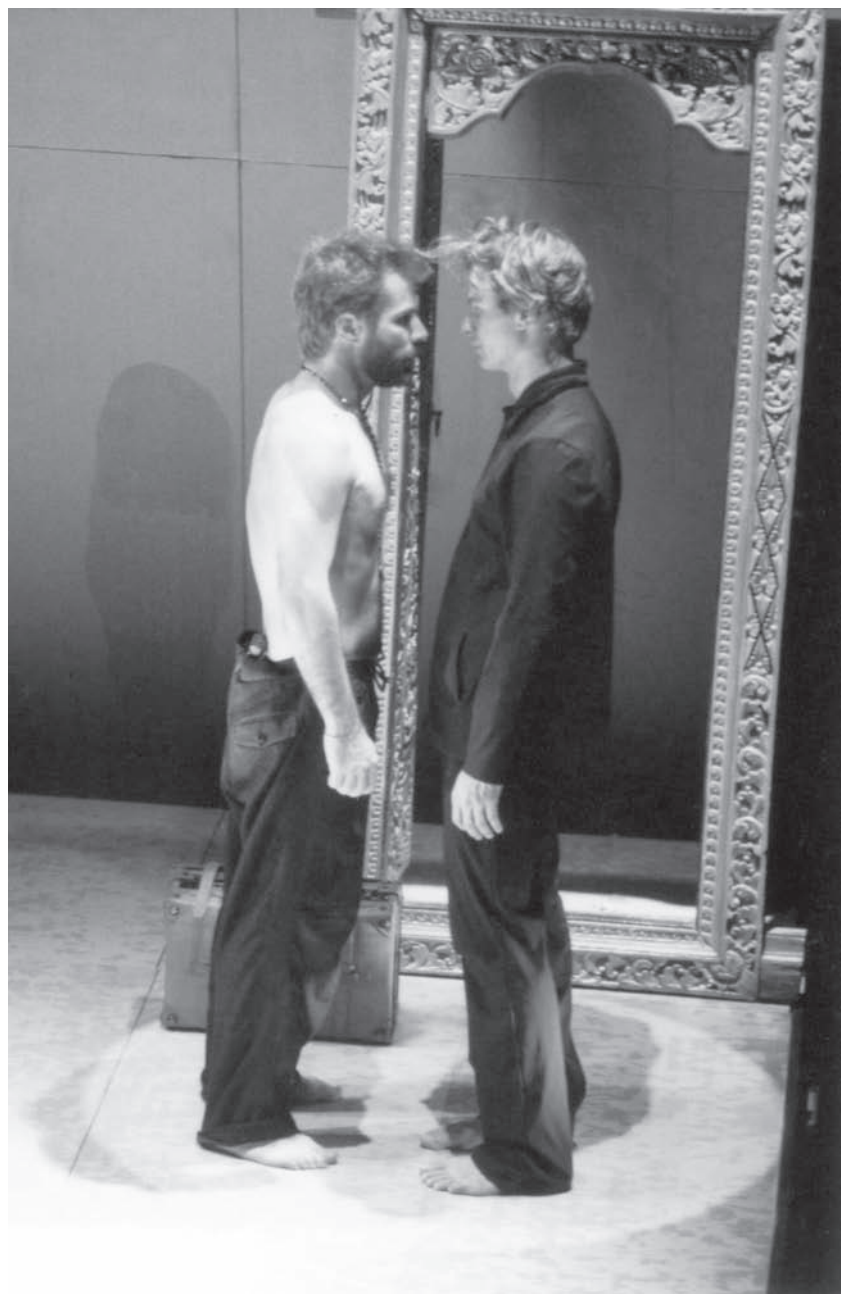
Você mandava cartas. Falava dos meus versos...
Comentava todos eles...

RIMBAUD

Eu desprezo os seus antigos versos, Verlaine.
Você precisa soltar o verso, deixá-lo livre.

VERLAINE

Ele pode escapar.



RIMBAUD

Que escape. Que seja como nós quando passeamos por aí, por essa Paris que está me mostrando e que conheço cada vez mais, cada vez melhor do que você. Porque seus olhos são outros.

VERLAINE

Você acha que sou o sábio sentado na poltrona.

RIMBAUD

Você pode quebrar essa poltrona, pôr fogo nela... arreventá-la toda... e sair... sair... sair... Viajar terrivelmente e morrer cedo.

VERLAINE

204 (TOMANDO RIMBAUD PELO BRAÇO E SEGUINDO COM ELE COMO SE PASSEASSEM) Quer que eu fale da cidade? Não... Você me disse que já conhece Paris melhor do que... Pode ser... Quer que eu fale dos restaurantes, dos bordéis, dos teatros?... Vão pintar um retrato com todos os poetas que se reúnem naquele restaurante, aonde fomos ontem... você vai poder estar entre nós... eternizado.

RIMBAUD

(RINDO) Isso é ser eternizado? Talvez seja melhor ter um filho e passar meu sangue que passará

ao filho dele... geração após geração... você está começando a sua, Verlaine... daqui a alguns dias sua mulher lhe dará um filho...

VERLAINE

Não será você o meu filho?

RIMBAUD

Não. Temos sintonias finas e diferenças cruéis. Restos que nos juntam e trapos que nos separam. Não. Seu filho é aquele que está no ventre de Mathilde. Somos amantes. Amantes sem dinheiro.

VERLAINE

Tinham o rosto aberto a quem passava.

Tinham lendas e mitos

e frio no coração.

Tinham jardins onde a lua passeava

de mãos dadas com a água

e um anjo de pedra por irmão.

Tinham como toda a gente

o milagre de cada dia

escorrendo pelos telhados;

e olhos de ouro

onde ardiam

os sonhos mais tresmalhados.

Tinham fome e sede como os bichos,

e silêncio
à roda dos seus passos.
Mas a cada gesto que faziam
um pássaro nascia dos seus dedos
e deslumbrado penetrava nos espaços.

OS DOIS CHEGAM, BEBENDO, AO PROSCÊNIO.
RIEM, ALEGRES, MEIO BÊBADOS. VERLAINE
QUEBRA O CLIMA.

VERLAINE

206 Vou jantar com Mathilde na casa da minha mãe.
Ela quer conhecer o neto antes de ele nascer...

RIMBAUD

Para que você continue preso, sentado na cadeira
de poeta oficial.

VERLAINE

Quando o mundo se reduzir a um só bosque negro para os nossos quatro olhos atônitos, a uma praia para duas crianças fiéis, a uma mansão musical para nossa clara simpatia, vou te encontrar. Haja aqui embaixo só um velho solitário, calmo e bonito, em meio a um “luxo incrível”, vou estar a teus pés. Assim que eu realize todas as tuas

fantasias, sendo eu aquele que sabe torturar-te,
vou te estrangular.

RIMBAUD

(CANSADO – APOIADO EM VERLAINE) Eu morreria como um anjo caído, envolto em penas, sangue e pólvora, em seus braços, querido.

VERLAINE

Um no outro.

À vontade.

Sejamos mais que brasa

Pois o inverno já vem,

Sejamos mais que flama,

Sejamos mais que carne.



RIMBAUD

Sejamos o cu consagrado em fé e piedade e amor! (RINDO) Você já viu o seu cu? O olho do cu?

VERLAINE

(RINDO) O olho do cu?

RIMBAUD

O olho do seu cu. Olho do meu cu. Olho do cu do mundo.

VERLAINE

Obscuro e franzido como um cravo roxo,
Humilde ele respira escondido na espuma,
Úmido ainda do amor que pelas curvas suaves
Dos glúteos brancos desce à orla de sua auréola.

RIMBAUD

Uns filamentos, como lágrimas de leite,
Choraram, ao vento inclemente que os expulsa,
Passando por calhaus de uma argila vermelha,
Para escorrer, por fim, ao longo das encostas.

VERLAINE

Muitas vezes minha boca uniu-se a essa ventosa;
Sem poder ter o coito material, minha alma
Fez dele um lacrimário, um nicho de soluços.

RIMBAUD

Ele é a tonta azeitona, a flauta carinhosa,
Tubo por onde desce a divina pralina,
Canaã feminino que eclode na umidade.

OS DOIS SE DIVERTEM COM O CLIMA LEVE E
HUMORADO.

RIMBAUD

O cu! O cu! O olho do cu!

OS DOIS ROLAM PELO CHÃO RINDO. SUBITA-
MENTE, VERLAINE LEVANTA-SE E FALA PARA
MATHILDE IMAGINÁRIA.

209

VERLAINE

Você já viu seu cu, Mathilde?... Você já ouviu
as árvores do bosque? Elas cantam... não são
os pássaros que cantam, são as árvores... que
cantam, como um cu também canta!... A flor
roxa do prazer!... esse filho... esse filho que
você quis para que eu fosse um bom pai. Que
pai? Que pai eu posso ser se não conheço a
bondade? Não vou mudar de roupa... Eu sei
que estou com esta camisa há uma semana... E
não estou usando roupa de baixo, Mathilde...

nada... a calça está dura, de tão sebenta... dura como um pau que vai gozar!... Não, Mathilde, você não está errada... eu estou imundo... e fui assim ao teatro... sujo, cheirando mal, de braços com Rimbaud... nós dois atravessando o salão, passando por meio daquelas pessoas elegantes... Muitos conhecidos... até há pouco tempo atrás, estavam aqui em casa, eu era festejado como o grande poeta Paul Verlaine... agora sou um vagabundo... um homem que empesteia o ar da sala onde entra... foi assim lá no teatro... e sabe o que estava escrito nos jornais?... “Entre os homens de letras que assistiram à representação da peça, via-se o poeta Paul Verlaine de braço dado com Mademoiselle Rimbaud, uma encantadora jovem”... Ele é um homem... Solta o meu braço, Mathilde... você não queria que eu segurasse meu filho?!... Estou segurando... Vou jogar esse filho contra a parede! (ELE DEIXA CAIR OS BRAÇOS, LANGUIDAMENTE, SEM FORÇAS).

RIMBAUD

(AO LONGE) Eu nunca consegui jogar o Amor pela janela!

VERLAINE

(BERRANDO) Rimbaud! Durma, toda esperança... Durma, toda inveja... eu não quero mais nada, eu perdi a memória do mal e do bem... Eu sou um berço que qualquer mão balanceia... Silêncio, silêncio...

VERLAINE CAI NO CHÃO. RIMBAUD SE AGACHA EM OUTRO PONTO. CORTA.



CENA 3

VERLAINE VEM COM UMA MALA PUÍDA. ENCARA RIMBAUD.

VERLAINE

Você chegou sem bagagem, mas sai da minha casa com algumas coisas. Mathilde o expulsou!

RIMBAUD

O intruso!

VERLAINE

Meu sogro me serviu café frio depois do jantar!

RIMBAUD

Sua vida é toda requentada, Verlaine...

VERLAINE

Mathilde quer a separação!

RIMBAUD

O barco!

VERLAINE

Ela não pode se separar de mim!

RIMBAUD

Vem! Vem!

VERLAINE

(SEM JEITO, TIRANDO UM PANO DE DENTRO DA
MALA) Algodão inglês. Roubei da minha sogra.
Para você fazer roupas de baixo. Até camisas...

RIMBAUD

É tão fácil ser o Nada!

VERLAINE

Não pode...

RIMBAUD

Você que não quer se separar dela.

VERLAINE SE AFASTA, CABISBAIXO, DEIXANDO
A MALA POR ALI. MÚSICA DE CHOPIN EXPLODE
COM TUDO. RIMBAUD, AO SOM PODEROSO
DE CHOPIN, VAI RECITANDO, CADA VEZ MAIS
ALUCINADAMENTE.

213

RIMBAUD

Quando eu atravesso os Rios impassíveis,
Sinto-me libertar dos meus rebocadores.
Cruéis peles-vermelhas com uivos terríveis
Os espetaram nus em postes multicores.

APANHA A MALA. COMEÇA A TIRAR DELA UM
LONGO PANO BRANCO, DE ALGODÃO, COM O

QUAL DANÇA, TRANSFORMANDO-O EM ALGO
QUE LEMBRE A VELA DE UM BARCO.

RIMBAUD

Eu sou indiferente à carga que levo,
Gente, trigo flamengo ou algodão inglês.
Morta a tripulação e finda a algaravia
Os Rios para mim se abrem de uma vez.

VERLAINE

(BERRANDO) Eu irei atrás de você! Eu não deixarei que suma da minha vida! Deus sabe! Deus espia minha alma e sabe! Mas não posso deixar que Mathilde se separe de mim.

RIMBAUD

O vento abençoa minhas manhãs marítimas.
Mais leve que uma rolha eu danço nos lençóis
Das ondas a rolar atrás de suas vítimas,
Dez noites, sem pensar nos olhos dos faróis!
Mais doce que as maçãs parecem aos pequenos,
A água verde infiltra-se no meu casco ao léu
E das manchas azulejantes dos venenos
E vinhos me lavam, livre de leme e arpéu.

VERLAINE

Meu poeta! Meu amante!... Ficarei sozinho.
Sombrio e sozinho. Desesperado.

RIMBAUD

Eu mergulho nas águas do Poema do Mar
Sarcófagos de estrelas, latescente,
Devorando os azuis, onde, às vezes – dilema
lívido

Um afogado afunda lentamente.
Onde, tingindo azulidades com quebrantos
E ritmos lentos sob o rutilante albor,
Mais fortes que o álcool, mais vastas que os
nossos prantos,
Fermentam de amargura as rubéolas do amor!

VERLAINE, EM OUTRO PONTO, COMO SE ESTRANGULASSE MATHILDE, EMENDA IMEDIATAMENTE SUA FALA.

215

VERLAINE

Eu vou botar fogo nos seus cabelos, Mathilde.
(ACENDE UM FÓSFORO) Você não faz nenhum
movimento? Não se defende, Mathilde?... Seus
lábios já estão rachados por causa do murro,
e agora vou queimar seus cabelos e você não
diz nada? Nada? Nada?... Ele foi embora. Você
conseguiu! Seu pai conseguiu...

RIMBAUD

Conheço os céus crivados de clarões.
As trombas, exatas marés.
Conheço o entardecer, a alvorada em explosão
Como um bando de pombas
E muitas vezes eu vejo
O que o Homem quis ver.

VERLAINE AJOELHA-SE. ABAIXA A CABEÇA.
REZA.

VERLAINE

216 Com fome, com sede, com nudez e com falta de
tudo, servirás aos teus inimigos, que o Senhor
enviará contra ti; sobre teu pescoço porá um
jugo de ferro, até que te haja destruído.

RIMBAUD

Ah, que esta quilha rompa!
Que me engula o oceano!

VERLAINE

(INDO PARA RIMBAUD) Chove sobre toda a
Europa!

RIMBAUD

Da Europa a água que eu quero é só o charco
Negro e gelado onde, ao crepúsculo violeta,

Um menino tristonho arremesse o seu barco
Trêmulo como a asa de uma borboleta.

VERLAINE

(AGARRANDO O PANO, JOGANDO-O PARA
RIMBAUD, PEGANDO A MALA PUÍDA) Estamos
esperando o quê? Estaremos sempre juntos. Será
que é preciso esperar mais?

RIMBAUD

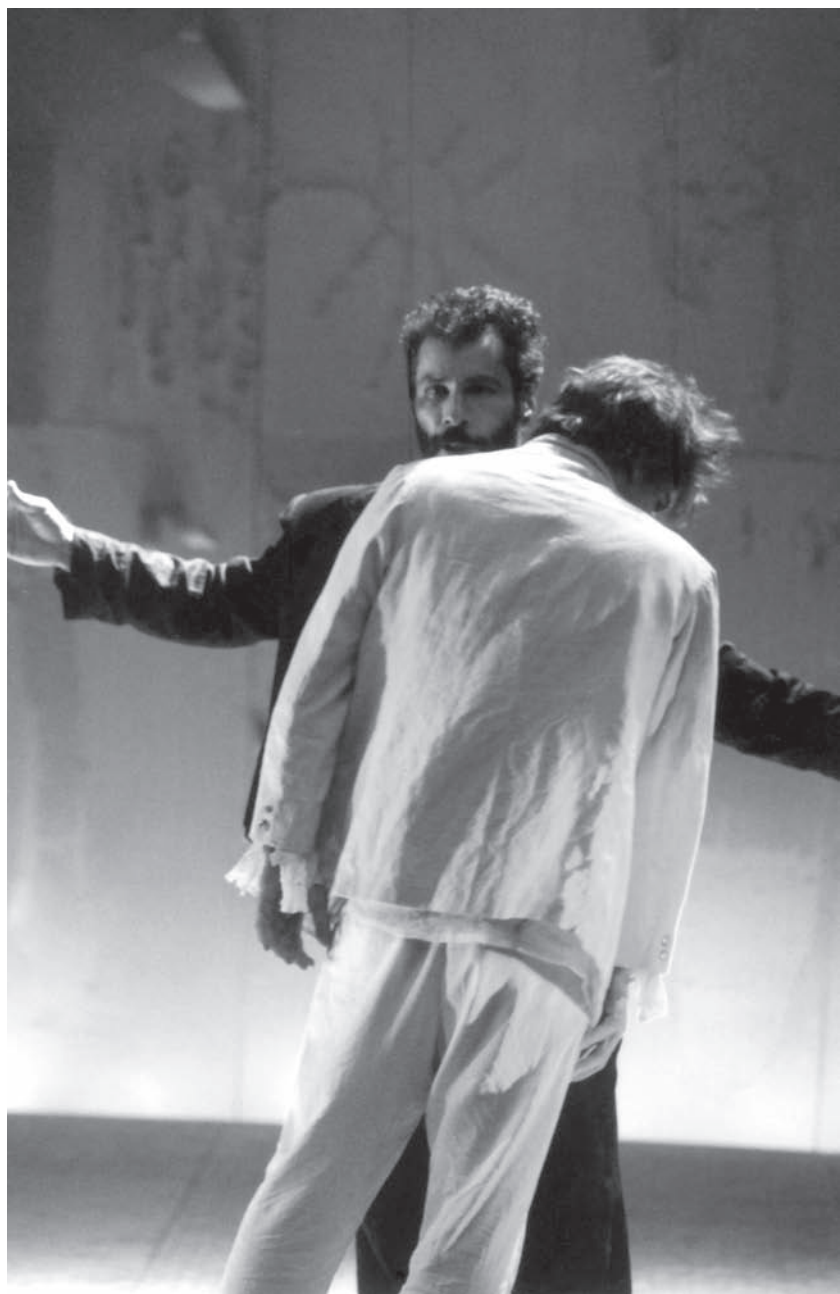
O amargo amor opiou de ócios as minhas horas.

VERLAINE

(ABRAÇANDO RIMBAUD) Estamos esperando o
quê? Uma oportunidade? Merda para ela. Merda
para você. Merda para mim!

217

OS DOIS VÃO SEGUINDO, EM DIREÇÃO AO
FUNDO DO PALCO, SOB A MÚSICA DE CHOPIN.
VERLAINE, LEVANDO A MALA PUÍDA; RIMBAUD,
COM O PANO ARRASTANDO PELO CHÃO. DOIS
HOMENS QUE SE AMAM SEGUINDO PELA ESTRADA
QUE INVENTARAM. SEGUEM LENTAMENTE,
LADO A LADO. SEGUEM, SEGUEM, SEGUEM. SOMENTE
A MÚSICA DE CHOPIN TOCANDO E A LUZ
CAINDO LENTAMENTE, MUITO LENTAMENTE. A
MÚSICA CESSA. ESTÃO FELIZES, BÊBADOS.



VERLAINE

Naquele bar repleto de idiotas nós dois...

RIMBAUD

... nós dois!

VERLAINE

Encarnávamos o tal horrível vício de “gostar de homem” e sem perceberem íamos fodendo esses babacas de ar bem-posto, seus amores normais...

RIMBAUD

... e sua moral fingida.

VERLAINE

Enquanto isso tocávamos punheta a mil,
De lado, de frente, em diagonal, sem que
Ninguém se desse conta, envoltos na fumaça
dos Cachimbos.

219

Nossas picas, como grandes narizes,
E nossas mãos, num gesto gostoso,
Espirravam jatos de porra sobre a mesa!

RIMBAUD

Onde estamos?

VERLAINE

Bruxelas...

OS DOIS SE DEITAM, ABRAÇADOS. CARÍCIAS.



VERLAINE

Quando entrei na minha casa pela última vez, Mathilde estava com febre. Senti pena dela. Dei um beijo em sua testa e saí. Para nunca mais voltar... você é ruim de cama. Mas, para mim, é uma festa sentir seu corpo contra o meu, enquanto você dorme profundamente. Sem poluição noturna. Para quê? E sem sustos. Perto de mim.

RIMBAUD

Você está feliz?

VERLAINE

Ó meu menino amado, vinga-me com suas carícias brutais.

221

RIMBAUD LEVANTA-SE, JOGA UMA GARRAFA DE VINHO PARA VERLAINE. VERLAINE. OS DOIS BEBEM.

RIMBAUD

Como é Bruxelas?

VERLAINE

A fadiga amorosa... escrevi para Mathilde... Nem preciso contar isso, porque você mexe e lê toda a minha correspondência...

RIMBAUD

(RINDO CINICAMENTE) Mathilde querida, um dia eu vou voltar...

VERLAINE

Eu tinha de dizer alguma coisa a ela.

RIMBAUD

Você não tinha de dizer nada. Nem uma palavra. Mesmo porque Mathilde mexeu em todas as suas gavetas, leu suas cartas... as que escrevia para mim, para seus amigos, seus escritos... e destruiu um poema meu. Assassinou um poema meu!

VERLAINE

Mathilde vem se encontrar comigo aqui em Bruxelas...

RIMBAUD

Eu sei... ela acha que você vai acabar se matando... (SARCÁSTICO, IMITANDO VERLAINE) Não creio em Deus. Abjuro e renego todo o pensamento, e, quanto ao amor, velha ironia, não quero que me falem dele... (DURO) Eu vou estar com você... Mathilde vai nos ver juntos, de novo... bêbados... totalmente bêbados... poeticamente bêbados... irremediavelmente bêbados... já navegamos com

o barco, Verlaine... agora não há volta!... Agora é o mar do desconhecido amor.

VERLAINE SE AFASTA DE RIMBAUD.

VERLAINE

Os belos dias. Hipocrisias que assolam todo dia a minha pobre alma.

Que a fazem tremer sob a luz cor de cobre do poente.

Feche os olhos, pobre alma, e esconda-se imediatamente!

A tentação é das piores. Fuja do Infame!

Esses falsos belos dias transformaram os seus dias em granizos de fogo,

Espremendo todo o vinhedo contra a colina, matando toda a colheita do vale e

Devastando o céu inteirinho azul, o céu que canta, precisando de você.

VERLAINE

Nova Caledônia, Mathilde?... Recomeçarmos a nossa vida na Nova Caledônia?... Eu... eu acho uma bela idéia... alguns dos nossos amigos estão

lá... nosso filho terá uma infância saudável... eu sei que o trem já está chegando, Mathilde... Claro... Eu vou pegar o resto das bagagens... sobe logo, Mathilde... Vá se acomodando na cabine... Eu estou subindo, Mathilde... em um minuto estarei com você no vagão, Mathilde... (VAI SE AFASTANDO DE COSTAS, SEMPRE OLHANDO PARA O PONTO ONDE ESTARIA O VAGÃO DO TREM) Sim, Mathilde... vai ser muito bom irmos para a Nova Caledônia... eu vou ser feliz lá, ao seu lado... (BERRA, JÁ MUITO PRÓXIMO A RIMBAUD, AINDA DE COSTAS PARA ELE E OLHANDO O TREM) Eu não vou, Mathilde... Você nunca mais vai me ver!... Miserável fada má, princesa-rata, percevejo... talvez tenha arrebatado o coração do meu querido Rimbaud... fico com ele, se Rimbaud ainda me quiser, depois dessa traição que fiz a ele... Quase embarcando com você, obrigado, chantageado, nesse trem vergonhoso!... (VOLTA-SE PARA RIMBAUD) Quer ir para a Inglaterra? Nós dois... Só nós dois...

RIMBAUD

Eu não falo inglês. Nem gosto de pudim!

VERLAINE

Poetas não precisam disso. O difícil vai ser agüentar os domingos na Inglaterra. Mas, com você, o domingo será dia útil, será trânsito, será vida útil.

RIMBAUD, FELIZ, VAI PARA OUTRO PONTO DO PALCO. VÊ VERLAINE, MAIS DISTANTE. VEM PARA ELE, ABRAÇA VERLAINE.

RIMBAUD

A estrela chorou rosa ao céu da tua orelha.
O infinito rolou branco, da nuca aos rins.
O mar perolou ruivo em tua teta vermelha.
E o Homem sangrou negro o altar dos teus quadris. (DURO) Por que escreveu de novo para sua mulher, querendo que ela vá encontrar-se com você em Bruxelas?

225

VERLAINE

Você continua lendo as minhas cartas.

RIMBAUD

Somos tão inteiros e grudados que não há porquê não ler o que escreve... saber o que há dentro da sua cabeça, do seu coração, do seu cu...

VERLAINE

Você não é mais criança.

RIMBAUD

Eu nunca fui criança... Eu tenho fé no veneno. Eu sei doar a minha vida inteira, todo dia. Eu vivo o tempo dos assassinos. Quando a gente é forte, quem se afasta? Quando a gente é mau, o que fariam de nós? Se arrume, dance, ria.

VERLAINE

Minha cabeça está estourando.

RIMBAUD

Andei pensando... Você está certo quando diz que, no inglês, esses thine, ours, theirs, são por sonambulismo... essa escolha vagabunda de verbos auxiliares como to do, to have, em vez de verbos iguais, mais expressivos, é por causa do tédio...

VERLAINE

(AMARGURADO) Eu não sei ficar com ele.

RIMBAUD

Eu vou até a Biblioteca...

VERLAINE

Eu não posso ficar com ele.

RIMBAUD

Há alguns livros interessantes que ainda quero continuar lendo...

VERLAINE

Eu não me entendo ficando com ele.

RIMBAUD

E a gente está conseguindo tão pouco dinheiro com essas aulas que estamos dando, que seria uma loucura comprar livros novos... E olha que sou eu, O LOUCO, quem está contra a loucura. (RI E SE AFASTA.)

RIMBAUD VAI SE AFASTANDO.

227

VERLAINE

(AMARGURADO) Eu não agüento mais as loucuras, a cabeça ao vento, o descompromisso com a vida... Vá! Vá embora, lentamente e com as mãos contritas. Se esses ontens vieram a devorar nossos belos amanhã? Se a antiga loucura for ainda a estrada a se percorrer? Você conseguirá matar essas lembranças novamente? Com um ataque furioso? Com um golpe fulminante, naturalmente? Ah, vá se ajoelhar diante da tempes-

tade... E rezar!... (PEGA A MALA) Ironia... Assim como um dia eu deixei Mathilde, agora deixo você aqui em Londres, Rimbaud... sem dinheiro... sem nada... mas é assim! É a vida como um poema em linha reta! Deslumbrantemente má! (E VAI PARA UM PONTO DISTANTE).

MÚSICA DE CHOPIN EXPLODE COM TUDO, ENQUANTO RIMBAUD SURGE DO FUNDO DO PALCO, VEM CORRENDO, AFLITO. PÁRA NO PROSCÊNIO. MÚSICA CESSA E ELE BERRA COM TUDO.

228

RIMBAUD

Verlaine!!! Verlaine!!! Verlaine!!! Não!!!! O barco bêbado vai partir de novo! As águas que nos esperam!... O barco, Verlaine.... Não!!!

RIMBAUD VAI PARA O PONTO OPOSTO AO DE VERLAINE. LUZ FICA SOMENTE SOBRE VERLAINE, QUE, AO SOM DE CHOPIN, FALA, COMO SE ESCREVESSE A RIMBAUD.

VERLAINE

Três de julho. Meu amigo. Não sei se ainda vai estar em Londres, quando esta chegar em suas mãos. Por favor, eu insisto para que tente entender... Era absolutamente necessário, para mim, partir!

LUZ SOBRE RIMBAUD, NO PONTO OPOSTO, TAMBÉM COMO QUE ESCRREVENDO.

RIMBAUD

Quatro de julho. Volta, volta querido amigo, único amigo, volta. Juro que serei bom. Sei que tenho sido cada vez mais desagradável com você. Volta, Verlaine.

229

VERLAINE

Eu não posso continuar levando essa vida com você. Uma vida violenta, toda cheia de fantasia e de cenas que você inventa.

RIMBAUD

Há dois dias que eu não paro de chorar. Volta. Seja corajoso, meu amigo, meu querido amigo. Nada está perdido. Basta você fazer a viagem de volta.

Viveremos corajosa e pacientemente, aqui em Londres. Eu imploro. É para o seu bem, Verlaine. Vivemos até agora juntos para acabar assim?

VERLAINE

Eu te amei intensamente... se dentro de três dias eu não estiver totalmente bem com a minha mulher, eu me mato! Três dias de hotel. Uma coisa deprimente.

RIMBAUD

Eu sei que sou o culpado por ter tornado nossa vida uma temporada no inferno. Mas o Amor... ah, o Amor...

230

VERLAINE

Talvez eu que deva pedir desculpas a você... Perdoa-me, Rimbaud... se eu tiver de cometer, como é bem provável, essa última idiotice... me matar... tenha certeza de que, ao menos, eu vou ser muito forte!

RIMBAUD

Não me esqueça. Por favor, não me esqueça... você está comigo... está em mim. Para todo o

sempre. Vamos continuar a viver juntos... por favor... seja corajoso. Volte para a nossa vida.

VERLAINE

Meu amigo querido, meu último pensamento será para você. Para você que até há pouco me chamava de porto-seguro... até que enfim eu vou bater as botas...

RIMBAUD

Não posso continuar aqui por muito tempo. Ouve apenas o seu coração. Depressa, diga se devo ir me encontrar com você.

VERLAINE

Quer que eu o beije ao morrer?

231

OS DOIS FICAM SE OLHANDO DURAMENTE,
UM PARA O OUTRO, ENQUANTO LUZ VAI
CAINDO E MÚSICA DE CHOPIN SUBINDO COM
TUDO. CORTA.



CENA 4

LUZ SOBRE VERLAINE EM UM PONTO, CONVERSANDO COM SUA MÃE IMAGINÁRIA.

VERLAINE

Eu não entendo, mãe... Eu pensei que Mathilde fosse aparecer... escrevi muitas cartas... pedi perdão... eu quero recomeçar a vida com ela. E é a senhora, mãe, quem vem me encontrar?... Como?... A senhora tem tanta certeza de que Mathilde não virá até Bruxelas? Como gato escaldado tem medo de água fria?... Não, mãe... Da outra vez que eu e Mathilde nos separamos, a situação era diferente... (FIRME) Não coloque Rimbaud no meio dessa história toda... ele não tem nada a ver com isso...

233

LUZ SOBRE RIMBAUD EM OUTRO PONTO DO PALCO.

RIMBAUD

O Eu é um Outro! É PRECISO SER VIDENTE! FAZER-SE VIDENTE! O Poeta se faz vidente por meio de uma longa, imensa e racional perda de

todos os sentidos. Todas as formas de amor, de sofrimento, de loucura; buscar a si, esgotar em si todos os venenos, para que reste só a essência. O Poeta é o grande doente, o grande criminoso, o grande maldito – o supremo Sábio – pois entende o que ninguém sabe! O Poeta é o verdadeiro ladrão do fogo. Toda palavra é idéia, e, um dia, existirá a linguagem universal. Uma linguagem que falará de alma para alma, compreendendo tudo: perfumes, seres, sons... pensamento que se liga a outro pensamento e o arranca para fora.

VERLAINE

234

Como Mathilde não leu as cartas que mandei a ela? Nem abriu as cartas?... A senhora está mentindo, mãe... Mathilde quer continuar casada comigo... A Nova Caledônia, nosso filho... eu abandonei Rimbaud em Londres... eu sinto remorso por ter feito isso... ter deixado meu amigo sem dinheiro, sem nada...

RIMBAUD

(BERRA) É preciso ser absolutamente moderno!

VERLAINE

Rimbaud não é um renegado! Se ele for, todos nós somos também. Todos renegados!! Esta-

mos fugindo desde o início dos tempos, mas o destino sempre nos alcança. Todos nós passaremos nossa temporada no inferno. Qualquer homem, mulher ou criança identificado com esta civilização... A senhora não entende o que estou dizendo? Imagino que não mesmo... Como não entendo por que a senhora, minha mãe, veio me procurar, e Mathilde não...

RIMBAUD

Nada mais me ilude! Os pássaros dourados se esvoaçam por meio da sombra dos meus poemas! Não são pombas nem abutres; simplesmente habitam os ares. São mensageiros particulares, criados na escuridão e largados na claridade do conhecimento. Não têm qualquer semelhança com criaturas do ar, nem são anjos. São os raros pássaros do espírito, pássaros de passagem, que voam de sol a sol. Não estão aprisionados nos poemas, mas libertados neles. Erguem-se com asas de êxtase e desaparecem na paixão.

VERLAINE

A senhora fica no quarto que eu tinha reservado para Mathilde... é, é um revólver sim... é sempre bom se ter uma arma... Não há perigo algum,

minha mãe... perigo algum... a minha alma sabe que uma bala não atinge e nem mata o sofrimento! Este segue conosco para toda a vida, colado como uma tatuagem, infiltrado como um vírus, profundo como a pele!

VERLAINE VEM PARA O CENTRO DO PALCO E ALI ENCONTRA RIMBAUD, COM SUA MALA PUÍDA. ABRAÇAM-SE. UM TEMPO DE SILÊNCIO. MÚSICA TOCANDO. SEPARAM-SE.

RIMBAUD

236 Obrigado por ter mandado o telegrama me chamando... e pelo dinheiro.

VERLAINE

Os longos acordes dos violinos do outono ainda machucam meu coração, com um langor monótono, sufocante...

RIMBAUD

Meu amigo... meu querido...

VERLAINE

Mathilde não veio. Mandou minha mãe.

RIMBAUD

Nem virá... você pode esperar três dias, três meses, três anos... ela não virá... e essa história de

se matar?... Eu te conheço, Verlaine... enquanto espera sua mulher e a morte, vai ficar andando de um lado para o outro, vagabundeando, aborrecendo as pessoas...

VERLAINE

Eu me lembro dos belos dias e choro!... Dança uma valsa comigo?

RIMBAUD

Eu? Sou um pé de chumbo... tenho pés de caipira, como você sempre disse... como toda a sua família sempre disse... como todos os seus amigos sempre disseram...

VERLAINE

Dança... sou jogado de lá para cá como uma folha morta...

237

OUVE-SE UMA VALSA DE CHOPIN, LÂNGUIDA, QUE VAI AUMENTANDO, AUMENTANDO. RIMBAUD RELUTA UM POUCO E, AFINAL, ACABA SE DEIXANDO ABRAÇAR POR VERLAINE. OS DOIS DANÇAM. DEPOIS DE UM CERTO TEMPO, RIMBAUD SOLTA-SE VIOLENTAMENTE DE VERLAINE.



RIMBAUD

Quem fez besteira foi você!

VERLAINE

Como eu?

RIMBAUD

Não sabia que toda aquela raiva que estava sentindo, que eu estava sentindo, era falsa?

VERLAINE

Fácil dizer isso agora!

RIMBAUD

Eu chamei você... Eu pedi que voltasse para Londres, para mim... mas não! Você preferiu continuar acreditando nos seus sentimentos falsos!

VERLAINE

Não são falsos!

RIMBAUD

Acha que vai conseguir ter uma vida maravilhosa com outra pessoa?... Não, Verlaine, você só será feliz comigo! Só comigo você poderá ser livre!

VERLAINE

Você é um destruidor!

RIMBAUD

Mais do que Deus, eu sou rei, eu sou Deus! Porque sou casto e doce!

VERLAINE

Querer continuar vivendo no campo da ilusão e do engano!

RIMBAUD

Se não quer ficar comigo... vai se arrepender... Porque irá perder toda a sua liberdade... Pensa no que você era, antes de me conhecer.

VERLAINE

240 Eu via Deus e O amava, em sua Luz e Intensidade.

RIMBAUD

Volta!

VERLAINE

Volta você... mas sem ser mais o Vidente! Abre os olhos da alma, olhe para dentro da realidade...

RIMBAUD

Eu não tenho caminhos!

VERLAINE

Eu não te conheço, Rimbaud! Eu nunca te conheci!

RIMBAUD

As Iluminações!

VERLAINE

(COM TUDO) Merda para elas! Merda para o seu Livro Negro! Merda para a sua fase lunar, seu eclipse, sua hidra íntima! Merda, merda, merda...

RIMBAUD

(AGARRANDO VERLAINE) Medo! Vejo medo estampado em seu rosto de poeta oficial... Como se, sem seus versos miseráveis e pobres, não fosse nada... vamos sair por aí, de novo, como loucos! Sol e Carne!

241

VERLAINE

Carne podre, estragada.... um cheiro fétido! Como o cheiro do seu corpo!

RIMBAUD

Um corpo que até há pouco você desejava...

VERLAINE

Não quero mais a destruição! Não quero mais a revolta!

RIMBAUD

Eu fecho a porta do passado e volto pela porta dos fundos. Meu Livro Negro não é para você...

É para quem sabe que ele é profético. Toda lua
é atroz e todo sol é amargo.

RIMBAUD PEGA SUA MALA E SEGUE. VERLAINE
O DETÉM COM FÚRIA.

VERLAINE

Fica!

RIMBAUD

Tira suas mãos sujas de poesia de mim!

VERLAINE

Fica!

242

RIMBAUD

Eu agora estou livre! Para um rebelde como eu,
mais do que para qualquer homem, é necessário
conhecer o Amor. É mais importante dar esse
Amor do que recebê-lo. E ser o próprio Amor! Eu
venerei tanto a sua imagem, que acabei tendo
medo dela.

VERLAINE

Você não vai embora!

RIMBAUD

Só me falta entregar o cadáver!

VERLAINE

Você procura o impossível!

RIMBAUD

(EMPURRANDO VERLAINE COM VIOLÊNCIA) Eu sei... E o nome disso é loucura! Merda!

VERLAINE (MOSTRA O REVÓLVER)

RIMBAUD

(GRITANDO) Joga isso!

VERLAINE

Para você, para mim, para todo o mundo!

VERLAINE SEGURA MAL O REVÓLVER, QUE DISPARA E ACERTA O PUNHO DE RIMBAUD. DEIXA CAIR A ARMA, QUE DISPARA ACIDENTALMENTE DE NOVO, COMO NA PRIMEIRA CENA. OS DOIS CAEM NO CHÃO. ROLAM. MÚSICA DE CHOPIN MUITO ALTA, VIOLENTA. OS DOIS SENTAM-SE RIGIDAMENTE NAS CADEIRAS, TAMBÉM COMO NO INÍCIO DA PEÇA.

243

VERLAINE

Eu me recuso a fazer esse exame, senhor Juiz... É degradante... Sou um cidadão... Aqui isso não vale?...



RIMBAUD

Eu conheci Verlaine há cerca de dois anos. Até há pouco, vivemos juntos em Londres.

VERLAINE

Entendi muito bem... os médicos, me examinando, concluíram que...

RIMBAUD

A mulher dele nos acusa de relações imorais, mas nem vou me dar ao trabalho de desmentir semelhante calúnia. O que são relações imorais? Arthur Rimbaud, lido e assinado.

VERLAINE

Rimbaud assinou um ato de renúncia. Declarou que eu atirei porque estava embriagado, fora de mim. Sem consciência do que estava fazendo. Rimbaud me inocentou! O Tribunal não pode fazer isso comigo... não posso ser condenado a dois anos de prisão!

245

VERLAINE E RIMBAUD OLHAM-SE. NÃO HÁ ÓDIO NESSA TROCA DE OLHARES, MAS AINDA UM PROFUNDO AMOR. MÚSICA DE CHOPIN MUITO ALTA. OS DOIS SE LEVANTAM.



VERLAINE

Deus, concede a mim o privilégio de voltar ao
Seu rebanho. Só em Vós limparei minhas mãos
sujas de pólvora, e, novamente elas ficarão
cheias de poesia.

RIMBAUD

Minhas mãos estão limpas da poesia. Ficarão
sujas da pólvora. Uma longa viagem. Uma outra
vida que começa!

VERLAINE

Saturno já fez as pazes com minha alma!

RIMBAUD

(SAINDO) Terminei minha obra. Fermentei meu
sangue. Minha dívida foi paga.

247

RIMBAUD SAI. VERLAINE FICA EM PÉ, EM SILÊN-
CIO. OS ÚLTIMOS ACORDES DE CHOPIN. CESSA
A MÚSICA. BLACKOUT.

F I M

Esta peça deu a Alcides Nogueira o Prêmio
Shell 2001 de Melhor Autor



Índice

Apresentação - Hubert Alquéres	05
ÓPERAJoyCE	15
Introdução - Tuna Dwek	17
Cena 1	29
Cena 2	30
Cena 3	35
Cena 4	39
Cena 5	39
Cena 6	42
Cena 7	46
Cena 8	50
Cena 9	53
Cena 10	54
Cena 11	57
Cena 12	59
Cena 13	61
Cena 14	63
Cena 15	66
Cena 16	68
Cena 17	69
Cena 18	73
Cena 19	74
Cena 20	77
Cena 21	78

GERTRUDE STEIN, ALICE TOKLAS E PABLO PICASSO	81
Introdução - Aimar Labak	83
Cenas	95
PÓLVORA E POESIA	169
Introdução - Cláudio Fontana	171
Cena 1	177
Cena 2	194
Cena 3	212
Cena 4	233

Créditos das fotografias

José Pequeno dos Anjos Neto 16

João Caldas 28, 38, 45, 52, 56, 60, 76, capa

Tika Tiritili 94, 97, 98, 100, 109, 128, 167

Gal Oppido 180, 244, 246

Sérgio K 184, 188, 193, 196, 203, 207, 211, 218,
220, 232, 238, 244, 246, orelha

Coleção Aplauso

Perfil

Anselmo Duarte - O Homem da Palma de Ouro
Luiz Carlos Merten

Aracy Balabanian - Nunca Fui Anjo
Tania Carvalho

Bete Mendes - O Cão e a Rosa
Rogério Menezes

Carla Camurati - Luz Natural
Carlos Alberto Mattos

Carlos Coimbra - Um Homem Raro
Luiz Carlos Merten

Carlos Reichenbach -
O Cinema Como Razão de Viver
Marcelo Lyra

Cleyde Yaconis - Dama Discreta
Vilmar Ledesma

David Cardoso - Persistência e Paixão
Alfredo Sternheim

Djalma Limongi Batista - Livre Pensador
Marcel Nadale

Etty Fraser - Virada Pra Lua
Vilmar Ledesma

Gianfrancesco Guarnieri - Um Grito Solto no Ar
Sérgio Roveri

Irene Ravache - Caçadora de Emoções
Tania Carvalho

João Batista de Andrade -
Alguna Solidão e Muitas Histórias
Maria do Rosário Caetano

John Herbert - Um Gentleman no Palco e na Vida
Neusa Barbosa

Luís Alberto de Abreu - Até a Última Sílab
Adélia Nicolete

Niza de Castro Tank - Niza Apesar das Outras
Sara Lopes

Paulo Goulart e Nicette Bruno - Tudo Em Família
Elaine Guerrini

Paulo José - Memórias Substantivas
Tania Carvalho

Reginaldo Faria - O Solo de Um Inquieto
Wagner de Assis

Renata Fronzi - Chorar de Rir
Wagner de Assis

Renato Consorte - Contestador por Índole
Eliana Pace

Rodolfo Nanni - Um Realizador Persistente
Neusa Barbosa

Rolando Boldrin - Palco Brasil
Ieda de Abreu

Rosamaria Murtinho - Simples Magia
Tania Carvalho

Rubens de Falco - Um Internacional Ator Brasileiro
Nydia Licia

Ruth de Souza - Estrela Negra
Maria Ângela de Jesus

Sérgio Hingst - Um Ator de Cinema
Maximo Barro

Sérgio Viotti - O Cavalheiro das Artes
Nilu Lebert

Sonia Oiticica - Uma Atriz Rodrigueana?
Maria Thereza Vargas

Ugo Giorgetti - O Sonho Intacto
Rosane Pavam

Walderez de Barros - Voz e Silêncios
Rogério Menezes

Especial

Dina Sfat - Retratos de uma Guerreira

Antonio Gilberto

Gloria in Excelsior - Ascensão, Apogeu e Queda do

Maior Sucesso da Televisão Brasileira

Álvaro Moya

Maria Della Costa - Seu Teatro, Sua Vida

Warde Marx

Ney Latorraca - Uma Celebração

Tania Carvalho

Sérgio Cardoso - Imagens de Sua Arte

Nydia Licia

Cinema Brasil

Bens Confiscados

Roteiro comentado pelos seus autores

Carlos Reichenbach e Daniel Chaia

Cabra-Cega

Roteiro de DiMoretti, comentado por Toni Venturi

e Ricardo Kauffman

O Caçador de Diamantes

Vittorio Capellaro comentado por Maximo Barro

Casa de Meninas

Inácio Araújo

O Caso dos Irmãos Naves

Luís Sérgio Person e Jean-Claude Bernardet

Como Fazer um Filme de Amor

José Roberto Torero

De Passagem

Roteiro de Cláudio Yosida e Direção de Ricardo Elias

Dois Córregos

Carlos Reichenbach

A Dona da História

Roteiro de João Falcão, João Emanuel Carneiro e Daniel Filho

Narradores de Javé

Eliane Caffé e Luís Alberto de Abreu

Teatro Brasil

Alcides Nogueira - Alma de Cetim

Tuna Dwek

Antenor Pimenta e o Circo Teatro

Danielle Pimenta

Trilogia Alcides Nogueira - ÓperaJoyce -

Gertrude Stein, Alice Toklas & Pablo Picasso -

Pólvora e Poesia

Alcides Nogueira

Ciência e Tecnologia

255

Cinema Digital

Luiz Gonzaga Assis de Luca

ctp, impressão e acabamento

imprensaoficial

Rua da Mooca, 1921 São Paulo SP
Fones: 6099-9800 - 0800 123401
www.imprensaoficial.com.br

Você já conhece a vida e a obra do dramaturgo e autor de telenovelas **Alcides Nogueira**, com a publicação do livro-depoimento *Alma de Cetim*, de Tuna Dwek, editado pela **Coleção Aplauso**. Agora terá a oportunidade de apreciar, também, a obra de Alcides, em três de seus textos mais recentes e elogiados: uma trilogia sobre o amor, inspirada em personagens reais, onde se discute a tese de que *em amor não há pudor*. Ele a chama de **A Trilogia do Discurso Moderno**. Essas peças foram escritas entre 1989 e 2001, quando Alcides procurou *os rastros deixados pelo discurso moderno e o que viria depois dele – a pós-modernidade*. Por livre escolha, montou o tripé que teve como pernas James Joyce, Gertrude Stein e Arthur Rimbaud. Mas não lhe interessava levar à cena somente a obra dos três escritores, e sim a simbiose com a vida deles. Em *Ópera Joyce* (1989), o foco é a relação de James Joyce com Nora Barnacle, privilegiando a correspondência erótica entre os dois e formando um triângulo amoroso com um alter ego do escritor, Dedalus, personagem pinçado de *Ulisses*. Em *Gertrude Stein, Alice Toklas & Pablo Picasso* (1996), retratou a ligação de quase 40 anos entre Gertrude e Alice, tendo Picasso como aquele que interfere na vida das duas mulheres. *Pólvora e Poesia* (2001) mescla a turbulência do relacionamento de Paul Verlaine e Arthur Rimbaud com o embate entre a poética moderna desse com os versos do *poeta oficial*. Nas três obras, explica Alcides, a intenção foi carnavalizar o sumo da criação desses autores, deixando que as contradições – inclusive as do autor – corressem sem freio. Todos os textos, completos, são precedidos por introduções do dramaturgo Aimar Labaki e dos atores Tuna Dwek e Cláudio Fontana.

